



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

RAFAELA APARECIDA ESTRADIOTE

**A PRESENÇA DOS VENEZUELANOS EM LONDRINA-PR: UMA
ANÁLISE A PARTIR DA OCUPAÇÃO URBANA “FLORES DO
CAMPO”**

Londrina
2024

RAFAELA APARECIDA ESTRADIOTE

**A PRESENÇA DOS VENEZUELANOS EM LONDRINA-PR: UMA
ANÁLISE A PARTIR DA OCUPAÇÃO URBANA “FLORES DO
CAMPO”**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Edilson Luis de Oliveira

Londrina
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

E82a ESTRADIOTE, RAFAELA APARECIDA.
A PRESENÇA DOS VENEZUELANOS EM LONDRINA-PR : UMA ANÁLISE A PARTIR DA OCUPAÇÃO URBANA "FLORES DO CAMPO" / RAFAELA APARECIDA ESTRADIOTE. - Londrina, 2024.
133 f. : il.

Orientador: EDILSON LUIS DE OLIVEIRA.
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2024.
Inclui bibliografia.

1. Migrações Venezuelanas Para Londrina - Tese. 2. Desterritorialização - Tese. 3. Reterritorialização Precária - Tese. 4. Ocupação Flores do Campo - Tese.
I. OLIVEIRA, EDILSON LUIS DE. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU 91

RAFAELA APARECIDA ESTRADIOTE

**A PRESENÇA DOS VENEZUELANOS EM LONDRINA-PR: UMA
ANÁLISE A PARTIR DA OCUPAÇÃO URBANA “FLORES DO
CAMPO”**

Dissertação apresentada à Universidade
Estadual de Londrina - UEL, como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre
em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edilson Luís de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Karla Rosário Brumes
Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profa. Dra. Ideni Terezinha Antonello
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Denis Castilho (Suplente)
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dra Sandra Cordeiro (Suplente)
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 26 de julho de 2024.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de ressaltar que esses agradecimentos são a maneira que encontrei de expressar minha gratidão por todos que estiveram presentes e foram importantes em meu percurso de formação. Saliento que embora esteja organizada de maneira sequencial, todos aqui citados têm a mesma relevância e ocupam posições singulares em minha vida.

Agradeço e dedico essa pesquisa a todos os migrantes, em especial aos moradores da ocupação Flores do Campo por compartilharem suas histórias e sentimentos fruto desse processo migratório. Peço desculpas pelo título do trabalho, pois sinto que não traduz nem 1% de tudo que enfrentaram e enfrentam diariamente em decorrência desse fluxo migratório. Espero ao menos ter expressado em essência os relatos de suas vivências.

Agradeço à Universidade Estadual de Londrina – UEL, pela construção acadêmica e pessoal que me ofereceu desde a graduação. Agradeço ao professor Doutor Ricardo Lopes Fonseca e ao professor Doutor Nilson Cesar Fraga que sempre me acolheram em todos os momentos que precisei, me trouxeram conforto e jamais me deixaram desistir. Agradeço a Laura Franchi Cassiano que cruzou meu caminho, me acompanhou e me acalmou do meio ao final no processo de construção dessa pesquisa.

Agradeço a todos da Gerência de Gestão de Informação (GGI) por todos os ensinamentos e acolhimentos, mas com muito carinho agradeço Gisele de Cássia Tavares, Samia Machado Mustafa que aguçou minha percepção acerca das análises possíveis das políticas públicas com a ferramenta que só o Geógrafo possui – o olhar geográfico - e, para além disso, jamais me deixou esquecer quem sou e onde posso chegar. Agradeço ao CRAS Norte B por todo auxílio, a todos os integrantes do ICC que permitiram minha participação nas oficinas do projeto, mas em especial a Patrícia Soares Campos - Assistente Social e Técnica Responsável pelos atendimentos dos moradores do Flores do Campo - e que acima de tudo esteve presente a todo momento no processo de construção dessa pesquisa. Recordo com muito apreço toda

a colaboração da Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS).

Agradeço e dedico essa conquista aos meus pais, Cicera Aparecida da Silva Estradiote e José Aparecido Estradiote, que sempre foram incentivadores na busca pelo conhecimento, todos meus familiares que estiveram presentes e me apoiaram, e com imensa saudade minha avó Benta Maria de Jesus Silva (in memoriam) que sempre me apoiou em meus sonhos mesmo que algumas vezes não compreendesse a complexidade de alguns deles.

Agradeço à minha companheira Barbara Karolina Dias por nunca me deixar desistir, agradeço à Sakura e Babizinha por serem meu ponto de apoio, me acolhendo no tumulto da minha ansiedade. Agradeço ao meu amigo Valdir Martins dos Santos por seu companheirismo e por sempre me acolher em meio às minhas angústias e por me animar todas as vezes em que cogitei desistir. Agradeço à minha amiga Agda Natália Davi por todo conforto e por sempre estar comigo. Agradeço aos meus amigos Luiz Ricardo Martins da Cruz e Sincler Resende Fagundes por sua amizade, risos e abraços sinceros. Sou grata por toda a cumplicidade do meu amigo Theo Duarte e por todos os momentos que compartilhamos em meio a esse turbilhão.

“Você não sabe o quanto eu caminhei pra chegar até aqui, percorri milhas e milhas antes de dormir, eu nem cochilei. Os mais belos montes escalei, nas noites escuras de frio chorei”.

(Toni Garrido, Bino, Lazão e Da Ghama, 1998)

RESUMO

ESTRADIOTE, Rafaela Aparecida. **A PRESENÇA DOS VENEZUELANOS EM LONDRINA-PR: UMA ANÁLISE A PARTIR DA OCUPAÇÃO URBANA “FLORES DO CAMPO”**. 133 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

Esta dissertação analisa a migração de venezuelanos para Londrina/PR no período compreendido entre 2018 a 2023, com foco na ocupação urbana "Flores do Campo". A migração é apresentada como um fenômeno histórico recorrente, com a Geografia analisando seus aspectos espaciais e motivações. Alguns conceitos emergem da necessidade uma análise profunda sobre o processo migratório, como desterritorialização e re-territorialização e a discussão sobre a importância das redes sociais migratórias e de solidariedade, fundamentais para entender a adaptação ao novo território. A dissertação revela que o processo de reterritorialização é árduo, exigindo que os venezuelanos superem obstáculos significativos para se integrarem social e economicamente. Redes de solidariedade desempenham um papel crucial ao oferecer suporte durante essa transição. Este estudo pretende, com base nos relatos dos venezuelanos residentes em Londrina, compreender como se dá o processo de des-re-territorialização a partir da diáspora venezuelana que se iniciou em decorrência da crise humanitária até a inserção em um novo território.

Palavras-chave: Migrações Venezuelanas para Londrina; Desterritorialização; Reterritorialização precária; Redes de Migração; Ocupação Flores do Campo.

ABSTRACT

ESTRADIOTE, Rafaela Aparecida. **THE PRESENCE OF VENEZUELAN IN LONDRINA-PR: AN ANALYSIS FROM THE URBAN OCCUPATION “FLORES DO CAMPO”**. 133 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

This dissertation analyzes the migration of Venezuelans to Londrina/PR in the period between 2018 and 2023, focusing on the urban occupation "Flores do Campo". Migration is presented as a recurring historical phenomenon, with Geography analyzing its spatial aspects and motivations. Some concepts emerge from the need for a deep analysis of the immigration process, such as deterritorialization and re-territorialization and the discussion on the importance of migratory and solidarity social networks, fundamental to understanding adaptation to the new territory. The dissertation reveals that the re-territorialization process is arduous, requiring Venezuelans to overcome significant obstacles to integrate socially and economically. Solidarity networks play a crucial role in offering support during this transition. This study intends, based on the reports of Venezuelans living in Londrina, to understand how the process of de-re-territorialization occurs from the Venezuelan diaspora that began as a result of the humanitarian crisis until insertion in a new territory.

Keywords: Venezuelan Migrations to Londrina; Deterritorialization; Precarious territorialization; Migration Networks; Flores do Campo Occupation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ilustração do projeto final do Conjunto Habitacional Flores do Campo	44
Figura 2 - Projeto urbanístico que previa instalação de equipamentos públicos próximos ao Conjunto Habitacional Flores do Campo	45
Figura 3 - Estado atual da ocupação	49
Figura 4 - Estado atual da ocupação	49
Figura 5 - Estado atual da ocupação	50
Figura 6 - Interna de uma das residências da ocupação.....	50
Figura 7 - Interna de uma das residências da ocupação.....	50
Figura 8 - Interna de uma das residências da ocupação	51
Figura 9 - Interna de uma das residências da ocupação.....	51
Figura 10 -Movimento intenso de pessoas na fronteira Venezuela Brasil em fevereiro de 2019.....	98
Figura 11 -Famílias Venezuelanas cruzando a fronteira em direção a Pacaraíma/RR em maio de 2019	98
Figura 12 - Fluxograma dos tipos de redes categorizados de acordo com sua escala	120
Figura 13 - Fluxograma dos tipos de redes categorizados de acordo com sua escala	120
Figura 14 - Fluxograma dos tipos de redes categorizados de acordo com sua escala	120

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Imigrantes residentes em Londrina por continente de origem**	39
Gráfico 2 - Residentes no Flores do Campo por gênero e faixa etária - Julho/2023	47
Gráfico 3 - População residente na ocupação Flores do Campo por cor/etnia - Julho / 2023	48
Gráfico 4 - Indicativos da população migrante residente do Flores do Campo em Julho/2023	55
Gráfico 5 - Flores do Campo, percentual de famílias imigrantes residentes pelo gênero do responsável familiar, 2023	56
Gráfico 6 - Percentual de imigrantes na ocupação de acordo com a cor/etnia em 2023.	56
Gráfico 7 - Número de famílias imigrantes que recebem Bolsa Família por gênero do responsável familiar em 2023	57

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 –	Distribuição espacial dos migrantes residentes em Londrina/PR.....	41
Mapa 2 –	Mapa de Localização do Flores do Campo	42
Mapa 3 -	Trajetos para os principais serviços públicos básicos.....	52
Mapa 4 –	Percursos dos migrantes entrevistados: Venezuela - Londrina-PR.....	99
Mapa 5 –	Percorso da entrevistada I30.....	101
Mapa 6 –	Percorso da entrevistada Y36	104
Mapa 7-	Percorso da entrevistada L47.....	106
Mapa 8-	Percorso da entrevistada L65.....	107
Mapa 9-	Percorso da entrevistada R31	109
Mapa 10-	Percorso da entrevistada Y34.....	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Imigrantes residentes no município de Londrina por país e continente de origem - Julho/2023.....	37
Quadro 2 - Imigrantes residentes no Flores do Campo por gênero e país de origem - Julho / 2023.....	54
Quadro 3 - Categorização dos entrevistados	71
Quadro 4 - Categorização dos entrevistados	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Agência da ONU para Refugiados
AD	Ação Democrática
ALBA	Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América
CADÚnico	Cadastro Único
CAGED	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CEPAS	Conselho de Entidades de Promoção e Assistência Social
COHAB-LD	Companhia de Habitação de Londrina
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados
COPEI	Comité de Organización Política Electoral Independente
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado da Assistência Social
CTPS	Carteira de Trabalho e Previdência Social
ENCOVI	Encuesta Nacional de Condiciones de Vida
EPU	Equipamento Público Urbano
FAR	Fundo de Arrendamento Residencial
GGI	Gestão de Gerência de Informação
IBGE	Instituto Nacional de Geografia e Estatística
ICC	Identidade, Cultura e Cidadania
ICMPD	Centro Internacional para o Desenvolvimento de Políticas Migratórias
INE	Instituto Nacional de Estadística de Venezuela
IRSAS	Informação da Rede de Serviços Socioassistenciais
OIM	Organização Internacional para as Migrações
ONG	Organização Não-Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
OSC	Organização da Sociedade Civil
PMCMV	Programa Minha Casa, Minha Vida
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PIB	Produto Interno Bruto
PR	Paraná
RR	Roraima
SMAS	Secretaria Municipal da Assistência Social
SIGLON	Sistema de Informação Geográfica de Londrina
SUS	Sistema Único de Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde

Sumário

1. INTRODUÇÃO	18
2. GEOGRAFIA E MIGRAÇÕES: ABORDAGENS TEÓRICAS.....	25
2.1. Alguns aspectos da análise das migrações na Geografia Clássica.....	26
2.2. Abordagem neoclássica.....	28
2.3. Abordagem histórico-estrutural	31
2.4. A complexidade do fenômeno migratório	34
3. O PROBLEMA E O OBJETO DA PESQUISA	36
3.1. O crescimento da presença de imigrantes Sul-americanos em Londrina e a concentração de venezuelanos na ocupação urbana irregular Flores do Campo.....	36
3.2. A concentração de Venezuelanos no Flores do Campo e a precariedade das condições de moradia	43
3.3. Algumas características gerais dos imigrantes venezuelanos residentes na ocupação Flores do campo em Londrina-PR.....	53
4. METODOLOGIA E BASE CONCEITUAL	59
4.1. Desterritorialização, Percurso migratório e Re-territorialização no processo migratório Venezuela - Londrina.....	60
4.2. Redes e Migração.....	62
4.3. Redes migratórias.....	64
4.4. Redes de Solidariedade.....	66
4.5. Procedimentos metodológicos	69
5. DES-TERRITORIALIZAÇÃO E CRISE HUMANITÁRIA NA VENEZUELA.....	73
5.1. Uma breve análise temporal e espacial da crise: da era pré-Chavez à administração de Nicolás Maduro.....	76
5.2. O Pacto de Punto Fijo e o chamado “período democrático”	77
5.3. Hugo Chavez e a “Revolução Bolivariana”	79
5.4. A administração de Nicolás Maduro: instabilidade política, econômica e crise humanitária	81
5.5. Crise e des-territorialização: caracterização a partir dos relatos de imigrantes venezuelanos residentes em Londrina-PR	84
6. TRANSIÇÃO ENTRE TERRITORIALIZAÇÕES: PERCURSOS MIGRATÓRIOS SEGUNDO OS RELATOS DOS IMIGRANTES VENEZUELANOS	94
6.1. O início dos percursos: da saída das cidades de origem ao momento de cruzar a fronteira.....	99
7. CONSIDERAÇÕES SOBRE A RE-TERRITORIALIZAÇÃO DOS IMIGRANTES VENEZUELANOS EM LONDRINA.....	114
7.1. A importância e a complementaridade das redes migratórias e de solidariedade no fluxo migratório venezuelano do Flores do Campo.....	116
7.2. A importância das redes sociais de imigração na re-territorialização dos imigrantes venezuelanos no Flores do Campo	118
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128
10. ANEXOS	132

1. INTRODUÇÃO

Considerado de uma forma ampla, que o fenômeno migratório se refere ao deslocamento de pessoas de um lugar para outro, seja dentro de um mesmo país ou entre diferentes países, com o objetivo de estabelecer residência temporária ou permanente em um novo local.

A migração tem sido um fenômeno recorrente ao longo da história humana (Senhoras, Santos, 2022) e diversas abordagens científicas acerca destes processos se consolidaram no âmbito das Ciências Humanas, particularmente por parte da Geografia. Em geral, estudos geográficos sobre as migrações têm se voltado para análises acerca dos aspectos espaciais das migrações. Esses aspectos abarcam a problemática da origem dos fluxos migratórios em cada contexto histórico e territorial, abordando entre outras razões as que motivam a expulsão de determinados contingentes populacionais de seus respectivos locais de habitação. O modo e as direções que os fluxos migratórios assumem em cada período, a existência ou não de etapas migratórias, as temporalidades envolvidas. Abordam ainda questões relativas aos destinos, às formas de luta pela inserção nesses locais, as dificuldades enfrentadas, as transformações que se operam nos destinos, as situações que podem levar a migrações de retorno, entre outras questões que, ao longo do tempo, a geografia das migrações têm estudado, constituindo para isso diversas possibilidades teórico-metodológicas. (Senhoras, Santos, 2022).

Na escala mundial, quando comparados aos fluxos do final do século XIX e início do século XX, os fluxos migratórios que se desenvolveram a partir da segunda metade do século XX passaram por modificações e se intensificaram¹. Recentemente, isto é, a partir dos anos 1990 e até o momento atual (década de 2020), em função do processo de globalização, novos fatores estão sendo considerados na abordagem geográfica sobre os fenômenos migratórios. Em parte, pode-se entender que esses novos fatores são decorrentes de transformações sociais, tecnológicas, econômicas e políticas ligadas à globalização.

¹ Segundo Assis (2007, p.746): “O aumento dos deslocamentos populacionais que ocorreram a partir da década de 1950 é caracterizado por uma maior diversidade étnica, de classe e de gênero, assim como pelas múltiplas relações que os imigrantes estabelecem entre a sociedade de destino e a de origem dos fluxos.”

Pode ser observada também certa mutação conceitual nas abordagens dessas transformações em relação ao fenômeno migratório. Pesquisas apoiadas sobre a abordagem teórica neoclássica privilegiavam fatores de ordem microsocial, como a liberdade individual, concorrência e mecanismos de equilíbrio do mercado de trabalho e a busca de melhor remuneração. Pesquisas apoiadas na abordagem histórico estrutural privilegiavam explicações macroestruturais com base na luta de classes, transformações das relações de produção e contradições do Capitalismo. As lacunas presentes nessas abordagens motivaram a busca por novos olhares sobre o fenômeno migratório. Resultando assim, em abordagens interdisciplinares que revelam o quanto o fenômeno migratório é diverso e heterogêneo (BRUMES; SILVA, 2011). Os conceitos de redes migratórias, de desterritorialização e re-territorialização são exemplos de contribuições que vêm ganhando força nos estudos geográficos sobre migrações.

Na atualidade, os estudos migratórios na geografia apresentam, portanto, tanto desafios teóricos e metodológicos quanto desafios práticos para enfrentar as complexidades das migrações, especialmente quando consideramos as migrações internacionais, no contexto das chamadas migrações Sul-Sul².

Questões como a segurança dos migrantes, a proteção de seus direitos humanos, a gestão das fronteiras e a reconstrução da vida social e econômica dos migrantes nos países de destino são temas cruciais que requerem políticas públicas adequadas.

A migração é um fenômeno multifacetado que reflete as aspirações e desafios das pessoas em busca de uma vida melhor. Compreender os fatores que impulsionam a migração e os impactos sociais, econômicos e políticos resultantes é fundamental para desenvolver políticas e abordagens mais eficazes que garantam a proteção dos direitos dos migrantes e promovam a inclusão e o bem-estar tanto dos migrantes quanto das comunidades de acolhimento.

Ao longo de sua história, o Brasil recebeu diversos fluxos de pessoas desterritorializadas de seus locais originais de habitação. Nestas primeiras décadas

² O fluxo migratório conhecido como migração Sul-Sul é o deslocamento de pessoas entre *países em desenvolvimento*, ou seja, países que na escala mundial se situam na periferia e semiperiferia capitalista.

do século XXI, sobretudo no contexto da pandemia de Covid-19 e das transformações regionais da América Latina, observamos que o país tem se tornado uma nova opção para migrantes e refugiados³ de diversas nacionalidades⁴, que tendem a se estabelecer principalmente em cidades de médio e grande porte da rede urbana brasileira. Dentre essas cidades abordamos nesta pesquisa os fluxos de imigrantes venezuelanos que vieram para Londrina entre 2018 e 2022.

As migrações latino-americanas têm desempenhado um papel crucial na história e na configuração sociocultural da região. Entre os principais fluxos migratórios latino-americanos, destaca-se a migração entre países vizinhos com fronteiras comuns. Por exemplo, a migração de cidadãos venezuelanos para países como Colômbia, Peru e Equador tem sido significativa nas últimas décadas, devido à crise política e econômica na Venezuela (Hülsemann, 2021).

Esses fluxos migratórios têm desafiado os países de destino, exigindo políticas de acolhimento e integração para lidar com o grande número de venezuelanos em busca de refúgio e melhores condições de vida. Esses fluxos migratórios têm gerado desafios tanto para os países de destino quanto para os migrantes, incluindo questões relacionadas à documentação legal, acesso a serviços básicos e inserção no mercado de trabalho.

³ Segundo a ACNUR: “Apesar de ser cada vez mais comum os termos refugiado e migrante serem utilizados como sinônimos na mídia e em discussões públicas, há uma diferença legal crucial entre os dois. Refugiados são especificamente definidos e protegidos no direito internacional. Refugiados são pessoas que estão fora de seus países de origem por fundados temores de perseguição, conflito, violência ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e que, como resultado, necessitam de ‘proteção internacional’. Eles são assim reconhecidos por ser extremamente perigoso retornar a seus países de origem e, portanto, precisam de refúgio em outro lugar” Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/72927-qual-diferença-entre-refugiados-e-migrantes>>; acesso em 15/02/2024.

⁴ Segundo a OBMigra (2020): “Os imigrantes, solicitantes de refúgio e refugiados no Brasil são caracterizados, na sua maioria, por serem pessoas do sexo masculino, em idade ativa e com nível de escolaridade médio e superior. No ano de 2019, em consonância com os números dos anos da atual década, predominaram pessoas provenientes da América Latina, com um perfil heterogêneo em termos de origem nacional, inserção no mercado de trabalho e dinâmica do fluxo migratório, conforme detalhamos a seguir. De 2011 a 2019 foram registrados no Brasil 1.085.673 imigrantes, considerando todos os amparos legais. Do total de imigrantes registrados, 399.372 foram mulheres. No ano de 2019 predominaram os fluxos oriundos da América do Sul e Caribe, com destaque para a nacionalidade venezuelana e haitiana. [...] Entre 2010 a 2019, foram registrados 660.349 imigrantes de longo termo no Brasil. Do total de imigrantes de longo termo registrados, 41% foram mulheres. Os maiores números de registros de imigrantes de longo termo foram entre os nacionais da Venezuela (142.250), Paraguai (97.316), Bolívia (57.765) e Haiti (54.182), representando 53% do total de registros.

Além disso, a migração de países da América Central, como El Salvador, Guatemala e Honduras, em direção ao México e aos países do Cone Sul, como Argentina e Brasil, também tem sido relevante⁵. Esses migrantes enfrentam obstáculos significativos ao longo de suas jornadas migratórias, incluindo o risco de exploração, tráfico de pessoas e violações dos direitos humanos (Saraiva, 2021).

No caso específico de Londrina, é possível observar, com base em seu contexto histórico, que a cidade acolheu diversos migrantes desde o período de sua fundação (Padis, 1989). Essas presenças ainda são evidentes no cenário atual. A partir dessas perspectivas, torna-se relevante analisar os fluxos migratórios provenientes da Venezuela que têm tido Londrina/PR como seu destino. Recortando esse tema, ao longo do processo de pesquisa, definimos particularmente os fluxos migratórios de venezuelanos que se instalaram na ocupação urbana denominada “Flores do Campo”, entretanto, na escuta de relatos de imigrantes, foi que floresceu essa pesquisa.

Os objetivos dessa pesquisa são identificar, analisar e discutir as migrações de venezuelanos que se direcionaram para o Flores do Campo na cidade de Londrina, a partir dos conceitos de desterritorialização, re-territorialização (Haesbaert, 2011) e a luz de conceitos de redes migratórias (Fazito, 2002; Massey, 1998; Monardo, Saquet, 2008, Brumes, 2013) e redes que denominamos como de solidariedade, nas quais os migrantes venezuelanos se conectam com instituições do Estado e da sociedade civil. Nesse caso, as redes de solidariedade se aproximam do que Weber Soares (2002, p.19) denomina como redes institucionais e Dimitri Fazito (2002, p.15) descreve com rede total.

O objeto de pesquisa é o processo de desterritorialização e re-territorialização precária dos migrantes venezuelanos na ocupação Flores do Campo que, para esses imigrantes, se constitui como um aglomerado de re-territorialização precária. Esse processo de concentração de venezuelanos na ocupação Flores do Campo é bastante recente. Podemos situar os momentos de intensificação da vinda dessas pessoas

⁵ O período da globalização intensificou as desigualdades sociais na América Latina ocasionada pela economia liberal, eclodindo um número significativo de migrante que saiu do seu lugar de origem (Cone-Sul, Antilhas, Amazônia, Caribe, Andes e entre outras) de modo forçado para procurar melhores oportunidades de vida, fugindo das perseguições políticas/religiosas e/ou por questões humanitárias/ambientais. (Amaro de Sousa, 2023, p. 642)

para essa localidade entre 2018 e 2023. O processo ainda está se desenrolando como mostraremos nos dados do capítulo 6, pois ao longo de 2023 novos imigrantes chegaram ao Flores do Campo.

Em relação aos conceitos de desterritorialização e re-territorialização nos apoiamos nas contribuições Rogerio Haesbaert (2011). Segundo Haesbaert (2011), a des-territorialização deve ser entendida como um momento dentro dos processos de territorialização. Não existe des-territorialização absoluta, pois a territorialidade é indissociável da condição humana. Portanto, não se pode definir um indivíduo ou grupo sem inseri-los em um contexto geográfico e territorial específico. A desterritorialização é considerada um mito quando analisada isoladamente, especialmente na perspectiva de um fim dos territórios devido à globalização e às redes (Haesbart, 2011, p. 31).

Nesta pesquisa, a desterritorialização é entendida como parte de um processo contínuo que envolve tanto a desterritorialização quanto a re-territorialização. Esses dois processos são momentos de um todo maior, a territorialização, e devem ser contextualizados histórica e geograficamente.

Em relação aos conceitos de redes migratórias e redes de solidariedade nos apoiamos na contribuição de diversos autores, mas destacamos inicialmente as reflexões de Dimitri Fazito (2002) e Weber Soares (2002). Soares (2002, p.24) afirma que não cabe dúvida sobre a importância das redes sociais para entender as migrações internacionais. Contudo, Soares alerta que, em razão de certas imprecisões presentes na literatura em relação ao uso do conceito de redes sociais na migração, é necessário fazer algumas distinções que permitam um uso mais rigoroso de conceitos como redes pessoais, redes sociais e redes migratórias.

Segundo Dimitri Fazito, (2002, p.14), as redes migratórias são um tipo de rede social. No contexto das redes sociais relacionadas à migração, as redes migratórias se caracterizam por reunir e articular elementos fundamentais do fluxo de migrantes entre diferentes regiões e/ou territórios. Este último, particularmente no caso de migrações internacionais. Para Weber Soares (2002, p.24) a “rede social consiste no conjunto de pessoas, organizações ou instituições sociais que estão conectadas por algum tipo de relação”. Portanto, são conceitos mais abrangentes. Para contornar essa polissemia e as eventuais imprecisões optamos por lidar com os conceitos de redes migratórias

e redes de solidariedade como tipos de redes sociais implicadas na migração de venezuelanos para Londrina.

Em geral, o conteúdo e as relações tecidas pelas redes migratórias referem-se às conexões sociais e familiares estabelecidas pelos migrantes para reduzir as dificuldades e agruras de suas jornadas, assim como ajudam a lidar com as incertezas relativas à integração nos países de destino e, portanto, auxiliando na decisão de migrar, na definição do roteiro e do destino e na ardua tarefa de se re-territorializar se apropriando e se adaptando ao novo lugar. Nessa perspectiva verifica-se que as redes migratórias estão intrinsecamente conectadas às redes de lugares e, em certos casos, como na migração venezuelana para o Brasil, conectadas também a redes de solidariedade. Essa conexão com lugares de origem, de passagem e de destino reforça a dimensão espacial das redes migratórias, uma vez que não se trata apenas de pontos em um mapa, mas de sujeitos, objetos e ações contidos em cada um desses lugares que se imbricam e tornam efetiva a possibilidade e o ato de migrar.

As redes de solidariedade dizem respeito ao apoio e assistência oferecidos aos migrantes, ao longo do processo migratório, por indivíduos não migrantes, grupos e organizações estabelecidas nos lugares por onde se realiza o fluxo migratório e no local de destino. As redes de solidariedade desempenham papéis importantes no fluxo migratório e no processo de re-territorialização à medida que conectam migrantes e não-migrantes e, particularmente quando essa conexão se estabelece entre migrantes e instituições.

Para atingir os objetivos desta dissertação, isto é, identificar, analisar e discutir as migrações de venezuelanos que se direcionaram para a ocupação urbana irregular Flores do Campo situada na zona norte de Londrina dividimos o texto em oito capítulos incluindo esta introdução.

No capítulo 2 intitulado “Geografia e Migrações” contextualizamos o tema das migrações na Geografia e, com base na bibliografia consultada, identificamos e discutimos as principais abordagens teóricas sobre as migrações e suas limitações.

O capítulo 3 é denominado “O problema e o objeto da pesquisa” apresentamos um panorama sobre os imigrantes venezuelanos em Londrina e a Ocupação Flores do Campo.

O capítulo 4 chamado "Bases conceituais e metodológicas" discute e descreve os principais conceitos e as metodologias utilizadas nessa pesquisa com o intuito de facilitar o entendimento e reflexão sobre o problema de pesquisa relacionado à presença dos imigrantes venezuelanos na ocupação urbana Flores do Campo.

No capítulo 5 temos uma análise sobre o processo de des-territorialização e sua relação com a crise humanitária venezuelana.

O capítulo 6 "Transição entre territorializações: percursos migratórios segundo os relatos dos imigrantes venezuelanos" apresenta os relatos obtidos através das entrevistas semiestruturadas e trabalhos de campo que foram realizados durante a realização dessa pesquisa na parte em que os entrevistados relatam sua saída da Venezuela e os percursos em território brasileiro.

No capítulo 7 "Considerações sobre a re-territorialização dos imigrantes venezuelanos em Londrina" temos os apontamentos sobre a importância das redes sociais de migração no processo migratório até a chegada em Londrina, o início de um novo momento de vida e as dificuldades de viver no Flores do Campo.

No capítulo 8 "Considerações finais", fazemos um sucinto apanhado das análises e descrições mais importantes contidas na dissertação e apresentamos algumas conclusões que a pesquisa possibilitou.

2. GEOGRAFIA E MIGRAÇÕES: ABORDAGENS TEÓRICAS

Os fluxos migratórios internacionais ao longo da fronteira brasileira com países da América do Sul se intensificaram nas últimas décadas, com destaque para as migrações de milhares de cidadãos venezuelanos para o Brasil. Segundo o *Glossário sobre Migração* (OIM, 2009, p. 40), as migrações internacionais podem ser definidas como:

Processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocação de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes económicos.

Os venezuelanos que migraram para o Brasil percorreram longas distâncias e muitos deles têm buscado formas de permanecer no país e constituir uma nova etapa de suas vidas. Portanto, esses deslocamentos atendem tanto os critérios espaciais como critérios temporais que diferenciam as migrações de outros deslocamentos como viagens para estudos, lazer, trabalho ou movimentos pendulares e sazonais. Os critérios temporais e espaciais inerentes às migrações consideram formas de permanência dos imigrantes em algum território diferente do território de origem, como um município, estado ou país por algum intervalo de tempo, em geral, pelo menos alguns meses.

Segundo o mesmo Glossário, a migração forçada se caracteriza como “[...] movimento migratório em que existe um elemento de coação, nomeadamente ameaças à vida ou à sobrevivência, quer tenham origem em causas naturais, quer em causas provocadas pelo homem” (OIM, 2009, p.41). Consideramos, portanto, que a migração venezuelana para o Brasil se caracteriza como migração forçada, uma vez que, segundo relatos dos próprios migrantes⁶ residentes em Londrina/PR, sua saída do país de origem se deveu à crise humanitária instalada por volta de 2015 e a enorme dificuldade de encontrar comida, remédios, tratamentos de saúde, entre outras situações que configuraram ameaças à sobrevivência, especialmente para pessoas com alguma enfermidade, crianças e outras em situações de vulnerabilidade acentuada.

⁶ Nos referimos as entrevistas realizadas com mulheres imigrantes ao longo do trabalho de campo para a pesquisa ligada a essa dissertação, em conversas informais com imigrantes residentes no Flores do Campo e informações obtidas durante estágio realizado na ocupação como parte da equipe da Secretaria Municipal de Assistência Social.

Buscamos assim, de forma inicial, situar conceitualmente as condições concretas enfrentadas pelos imigrantes venezuelanos que atualmente se concentram na ocupação urbana “Flores do Campo”, localizada na zona de norte da cidade de Londrina. Essas pessoas migraram porque a situação social, política e econômica da Venezuela os obrigou a isso, contudo, mesmo em situações extremas como essa os migrantes tomam decisões e definem situações sobre seu deslocamento, seu destino, com quem farão a migração e como. Por mais que esse dado da imigração venezuelana seja conhecido, ressaltamos que isso elucida apenas um aspecto da situação, elucida apenas parte estrutural das razões pelas quais esses homens e mulheres saíram de seu país. Ainda há muito a compreender. Por esta razão, apenas definir que tipo de migração melhor descreve o deslocamento dos venezuelanos para o Brasil é algo necessário, mas insuficiente. Auxilia no entendimento de constrangimentos estruturais e da conjuntura que impele a saída do migrante de seu local de origem, mas não elucida o destino, não explica a motivação para a escolha do Brasil, do Paraná e de Londrina, não explicita os trajetos e os percalços que nele ocorrem, os encontros e desencontros as transformações que as famílias sofrem ao longo das etapas migratórias, entre outros aspectos.

2.1. Alguns aspectos da análise das migrações na Geografia Clássica

Diferentes abordagens teóricas sobre as migrações estão presentes no pensamento geográfico. Autores clássicos se debruçaram sobre o tema. Friedrich Ratzel (1876) que estudou as migrações chinesas e Vidal de La Blache (1954) que relaciona os deslocamentos da população às condições do meio, aos gêneros de vida e à formação de domínios de civilização (Fabricio, Vitte, 2011)

A geografia francesa prosseguiu estudando as migrações. Gislene Souza (2021), aponta as importantes contribuições de Max Sorre e Jean Gotman sobre o tema e destaca as contribuições do primeiro autor.

No capítulo final, a questão da migração é encarada num grau ainda maior de complexidade: Sorre adverte que a migração não somente deve ser explicada à luz da mediação dos conceitos de técnica, habitat e gênero de vida, mas de par com os acordos internacionais entre os países envolvidos, daí o seu esforço em entender as políticas imigratórias nos EUA e as políticas de emigração da Irlanda e da Polônia ao fim do século XIX e início do XX. A complexidade da migração é tamanha para Sorre, que podemos sugerir que para ele a

migração é um “fato geográfico por completo”, o que o leva a concluir nas páginas finais do seu livro: “Os problemas da migração não podem mais ser tratados sobre um plano local. São propriamente problemas planetários. (...) se inscrevem no quadro de uma política universal” (1955, p. 259).

Em relação à Jean Gottmann (2012), Santos (2021) aponta o modo como esse autor considera as migrações no âmbito da circulação e de sua importância para o território. Gislene Santos (2021) critica a redução explícita feita por Gottmann (2012) ao equiparar os fluxos de pessoas a fluxos de bens e mercadorias no âmbito da circulação e aponta a extensão dessa compreensão em trabalhos da geografia brasileira.

A migração também se apresenta no pensamento do geógrafo Jean Gottmann (2012), ainda que de maneira secundária. Apesar de não ter dedicado muitas páginas às migrações como os autores acima, a migração estará aliada aos processos de urbanização e, como em Ratzel, uma das variáveis mais importantes do território, devido ao atributo da circulação. Aqui se abre caminho para inserir a migração no feixe dos fluxos de bens e mercadorias. Penso que esta perspectiva, mesmo que este autor não esteja diretamente referenciado na geografia brasileira, é a que estará mais presente, sobretudo nas análises providas do campo da Geografia econômica e da Geografia Urbana. O fluxo migratório será ilustrativo nas cartografias urbanas, com as setas indicando as origens e destinos dos migrantes. A linguagem da fluidez do território, na equivalência entre circulação dos migrantes com a da circulação de bens e mercadorias. O migrante é concebido assim como qualquer outra mercadoria. Apesar de sua condição humana, a circulação de bens, mercadorias e **pessoas** são sinônimas. Para a metáfora da fluidez e da circulação, a migração serve como alegoria (Santos, 2021, p.619)

Enfatizamos as contribuições da professora Gislene Santos porque apontam algumas lacunas presentes nos estudos migratórios na Geografia. A questão da ausência de uma reflexão teórica na Geografia que possa incidir e elucidar de modo específico o fenômeno migratório é uma das afirmações contundentes da autora.

Iniciei este artigo com uma pergunta: a migração é um fenômeno geográfico? Para além de uma resposta, cumpre considerar que a migração tem sido usada em todos os campos disciplinares da geografia. Entretanto, isto não implica uma reflexão teórica geográfica sobre a migração. Reflete-se sobre o urbano, a cidade, o Estado, o rural, a sociedade, a cultura, mas isto não equivale a uma teoria geográfica da migração (Santos, 2021, p.624).

Nesse sentido, Santos (2021) complementa suas críticas com indicações precisas do que contribuiu para que a reflexão teórica e geográfica sobre migrações não acompanhasse, por exemplo, avanços verificados em outras ciências sociais como a antropologia e a sociologia. Para além da redução e equiparação do fluxo

migratório a fluxos de bens e mercadorias (Gotmann, 2012) por parte da chamada geografia clássica, ou a um papel igualmente reducionista de resposta a desequilíbrios salariais regionais e de carência de mão de obra por parte das abordagens inspiradas nos economistas neoclássicos, como muito bem esclarece o trabalho de Jean-Paul de Gaudemar (1977). As migrações foram estudadas do ponto de vista econômico e da economia política. Há certa ausência de questões relativas ao sujeito migrante e a sua condição não apenas econômica, mas social, política e humana.

Poucos estudos no Brasil têm se dedicado ao sujeito migrante; o acento tem sido dado para a variável fluxo ou circulação. Entretanto, a condição de movimento não é por natureza geográfica. Ao retomarmos a geografia dos modernos, a migração se apresenta como constitutiva do espaço geográfico, um espaço em movimento, mas o acento será dado para a difusão das técnicas, a circulação e a centralidade do papel do Estado (Santos, 2021, p.624)

O modo de usar os conceitos ligados as técnicas e a circulação tratando-os de forma fragmentária homogeneiza o espaço geográfico e o esteriliza em termos de sua composição enquanto híbrido de objetos, ações e emoções, ressaltando esse último componente com base nos trabalhos de Milton Santos (2002). Identifica-se então que, em certas abordagens, sobretudo as que se apoiam na visão de mundo positivista e quantitativista das migrações, além de deixar de lado questões inerentes ao sujeito que migra há tendência para naturalizar a própria migração.

Para explicitar um pouco mais sobre essas lacunas no pensamento geográfico em relação às migrações e aos migrantes e eventuais possibilidades de superação dessa situação, traçamos um sucinto panorama sobre dois grandes campos de abordagem das migrações que permearam e permeiam pesquisas sobre o tema; a abordagem neoclássica que se baseia no liberalismo filosófico e econômico e a abordagem histórico-estrutural que tem base no materialismo histórico e dialético.

2.2. Abordagem neoclássica

O viés econômico é uma das influências mais acentuadas na abordagem das migrações. Os movimentos migratórios geralmente são entendidos e reduzidos à condição de fluxos resultantes de processos econômicos ou de fatos políticos. São disputas geopolíticas e econômicas que, em meio à mundialização do capital (Chesnais, 1996), expulsam e atraem milhões de pessoas pelo mundo afora. Nesse sentido, corroboramos com as afirmações de Marcos B. de Carvalho (2001) que, ao

discutir os estudos sobre população em uma perspectiva geográfica, enfatiza a simultânea necessidade de considerar os aspectos econômicos e geopolíticos e recuperar uma perspectiva geográfica que não reduza as migrações apenas a uma manifestação de processos dessa natureza.

Não discutiremos aqui a importância da dimensão econômica, pois ela é óbvia. As influências exercidas pelos arranjos econômicos nas dinâmicas populacionais, especialmente no estímulo ou desestímulo aos deslocamentos dos agrupamentos humanos, são fatos incontestáveis. Sua consideração, além de útil e necessária, é obrigatória para quem se proponha a entendê-los seriamente. Mas quando a intenção das análises não é a de se restringir à explicação do jogo econômico internacional, nem a de formular propostas dinamizadoras desse jogo, mas produzir conhecimento que seja capaz de contribuir para a compreensão da geografia do planeta e conseqüentemente de sua população, não se pode reduzir a abordagem apenas aos aspectos econômicos da questão. Essa redução não só desvirtua o sentido histórico-cultural que as movimentações humanas apresentam, quando examinadas à luz de dimensões espaciais e temporais mais amplas, como também contribui para alimentar os inúmeros vícios interpretativos decorrentes de concepções equivocadas sobre os seres humanos. Concepções essas que costumam ver os seres humanos como fragmentados e governados por uma hierarquia de necessidades (ou de liberdades), classificadas como básicas (consideradas fundamentais), quando vinculadas aos aspectos da chamada sobrevivência imediata (física, biológica ou econômica), ou como secundárias (e, portanto, supérfluas), quando vinculadas aos aspectos produzidos pelas diversas identidades culturais.

Portanto, do ponto de vista de abordagens interessadas na compreensão das populações e de suas dinâmicas, isto é, interessadas nas movimentações dos seres integrais e culturais que as protagonizam, há que se considerar, por exemplo, que migrar é também difundir histórias, hábitos de cultura, memórias e ações ambientais pelos diversos cantos do planeta e, ao mesmo tempo, absorver outras histórias, outras culturas, metabolizar outros ares, outros ambientes (Carvalho, 2001, s/p).

Uma das abordagens econômicas muito difundidas quando o assunto são as migrações é a chamada abordagem neoclássica (Salim, 1992; Nunes, 2023). A abordagem funcionalista neoclássica entende as migrações como respostas sistêmicas a desequilíbrios entre regiões ou países. Os desequilíbrios são identificados em termos de carência de mão de obra, ou capital humano e diferenças salariais mais ou menos acentuadas. O fundamento geral dessa abordagem é teoria do capital humano que faz a equiparação da racionalidade dos fornecedores do fator trabalho à dos fornecedores do fator capital: ambos buscam otimizar sua utilidade e com isso sua remuneração (Gaudemar, 1977, p.118).

O mercado de trabalho com suas condições próprias de oferta e procura seria então o mecanismo que, aliado a racionalidade econômica e contratual dos sujeitos, tenderia cedo ou tarde para algum ponto de equilíbrio. As migrações resultariam dessas condições estruturais do capitalismo e da tendência para restaurar o equilíbrio como condição natural das relações entre mercado e espaço. Claramente o fundamento liberal expresso na liberdade de ir e vir da população e de cada indivíduo em sua busca pela maximização de sua utilidade e felicidade, constituem as bases do entendimento e da naturalização do ato de migrar.

Segundo João Rua (1997, p.6), na abordagem neoclássica

As migrações aparecem, em cada momento, como decorrência inevitável da vontade individual para o deslocamento rumo a melhores condições de vida, entendidas como melhores níveis salariais.

O autor enfatiza ainda dois aspectos importantes nessa abordagem teórica. O primeiro deles é que *“Não haveria, na visão clássica, problemas estruturais a gerar situações sociais que provocam a migração[...]”*. O segundo aspecto diz respeito ao conceito de espaço subjacente a essa abordagem: *“O espaço é concebido como um espaço de liberdade e a migração como exercício dessa liberdade* (Rua, 1997, p.6).

Ao analisar o modo como o chamado “viés neoclássico” realiza a abordagem dos processos migratórios Karla Brumes (2023) identifica características semelhantes as que foram apontadas por João Rua (1997) e destaca a importância que é dada nesse viés às decisões individuais motivadas por ganhos salariais.

Os estudos neoclássicos privilegiam a livre decisão do indivíduo. Há uma mobilidade perfeita do trabalho que só se apresenta, segundo Salim (1992), como determinação às variações em torno do comportamento do que se convencionou chamar de “capital humano”. É entendida por Ferreira (1986) como visão “comportamentalista”, uma vez que enfatiza as atitudes possíveis de indivíduos que, ao migrarem, atendem aos apelos do mercado capitalista. Quando se adota a visão neoclássica no estudo das questões migratórias, o fato que é levado em consideração, deixando de lado o papel da história, é a vontade dos indivíduos que, ao migrarem, buscam melhorar suas condições de vida pela melhoria nos ganhos financeiros. (Brumes, 2013, p.16)

Em resumo, a concepção neoclássica sobre migrações leva ao entendimento de que as migrações são apenas uma consequência da liberdade individual, da concorrência no mercado de trabalho e da racionalidade econômica que a acompanha. Migrar é um ato individual e qualquer razão para esse ato se reduziria às suas motivações econômicas.

2.3. Abordagem histórico-estrutural

A abordagem histórico-estrutural se desenvolveu a partir das críticas às análises sobre as migrações nas quais esses processos aparecem como desdobramentos de decisões individuais lastreadas na liberdade individual, na livre possibilidade de ir e vir como mecanismo de ajustamento do funcionamento de mercados de mão obra. Se desenvolveu, portanto, como abordagem crítica à visão neoclássica funcionalista ideologicamente adaptada ao capitalismo e à apologia desse modo de produção.

Segundo Karla R. Brumes (2013) nos estudos sobre migrações o “viés histórico-estrutural” traz como contribuições importantes um olhar mais atento sobre os contextos histórico e geográfico nos quais o fenômeno migratório ocorre.

Um segundo viés teórico presente nos estudos realizados a respeito das migrações é o chamado histórico-estrutural. Este, ao contrário do primeiro, leva em consideração os contextos históricos e geográficos, ou seja, a migração não é vista aqui como ato de soberania por parte dos indivíduos, e sim como um fenômeno (Brumes, 2013, p.16).

Em geral, a abordagem histórico-estrutural busca explicar a questão das migrações a partir das desigualdades sociais e dos desequilíbrios gerados pelo desenvolvimento desigual e combinado que caracteriza o modo de produção capitalista em sua fase monopolista e mundializada. Sua vinculação à teoria marxista é mais ou menos acentuada conforme os autores que integram essa abordagem, mas, em geral, o materialismo histórico e dialético é a base teórica geral para a abordagem histórico-estrutural ⁷. Tratando especificamente dessa abordagem e suas relações com a geografia da população, João Rua (1997, p.6) explica o seguinte:

Esta corrente costuma destacar a vocação estrutural do capitalismo a um desenvolvimento desigual/desequilibrado no espaço. As relações campo-cidade e as diferenças entre regiões aparecem como fatores condicionantes e explicativos dos fluxos de população (VAINER,1996). Nessa visão deve-se enfatizar que a saída de uma região é fruto de conflitos resultantes de um antagonismo entre o capital e o trabalho, conflitos que se reproduzem nos locais de chegada, já que são inerentes ao próprio capitalismo (Rua, 1997, p.6).

⁷ Um dos autores mais destacados para os que lidam com a abordagem histórico estrutural é *Jean-Paul de Gaudemar*, especialmente por conta de seu reconhecido livro “Mobilidade do trabalho e acumulação do capital” (Gaudemar, 1977). Nessa obra o autor não especificamente das migrações, que são uma das manifestações da mobilidade do trabalho. O autor busca explicitar de forma mais ampla a importância da mobilidade da força de trabalho para a submissão do trabalho ao capital ao longo do desenvolvimento histórico do capitalismo

Segundo Rua (1997), na abordagem histórico-estrutural, os conflitos e as lutas entre capital e trabalho geralmente explicam a expulsão de trabalhadores dos seus locais e meios sociais de origem. Não se considera, nesse caso, a possibilidade de migrações espontâneas, aliás essa ideia é combatida.

As razões de saída (fatores de expulsão) são priorizadas em relação aos fatores de atração, que nunca teriam força suficiente para tirar as pessoas de suas famílias, de seu meio social. A ideia de migrações espontâneas é fortemente combatida, enfatizando-se o direcionamento dos fluxos de acordo com as necessidades do modelo econômico responsável pelas determinações estruturais. Para Póvoa Neto (1995), fica em segundo plano, neste enfoque, a questão da orientação dos fluxos migratórios (Rua, 1997, p.6).

As limitações das abordagens neoclássicas e histórico-estruturais na análise das migrações são diversas. No viés neoclássico, o principal problema é a centralização nas decisões individuais dos migrantes, ignorando as causas estruturais e sociais dos deslocamentos. Isso leva a uma visão simplista do fenômeno migratório, desconsiderando as complexidades envolvidas.

Ao centralizar suas análises no ato puramente individual, as compreensões científicas do processo são postas de lado, uma vez que não são observadas e, por conseguinte, analisadas as causas estruturais do processo de migração ou as sociais dos deslocamentos. (Bumes, 2013, p. 19)

Por outro lado, no viés histórico-estrutural, a limitação está concentração da análise e das explicações nas dimensões macroestruturais do capitalismo, ligadas às relações de produção, as classes sociais e as contradições presentes na sociedade e no espaço. Outros aspectos importantes ligados as microestruturas, as situações e condições materiais concretas de indivíduos e famílias são pouco enfatizados. Sobre o viés teórico histórico-estrutural Brumes (2013, p.17) afirma que as pesquisas inspiradas nesse viés teórico dificultam “conciliar os níveis macro e micro”.

Contudo, a limitação mais aludida por estudiosos acerca dessa abordagem está no fato de ela afirmar que o fator que transforma uma estrutura pode operar em diferentes níveis dentro de uma mesma realidade, ou seja, ela não possibilita uma análise mais adequada entre uma estrutura micro e uma estrutura macro (Brumes, 2013, p.21).

Em resumo, por razões diferentes e até mesmo opostas tanto as reflexões e pesquisas sobre migrações inspiradas na abordagem neoclássica como na histórico-estrutural apresentam limitações que dificultam uma compreensão abrangente e aprofundada do fenômeno migratório.

No caso dos imigrantes venezuelanos, muitos foram para outros países sul-americanos como a Colômbia ou o Peru; enquanto outros vieram para o Brasil. Uma vez no Brasil, muitos vieram para o Paraná e alguns para Londrina. Explicações sobre esses fatos, sobre esses destinos, requerem mais do que a abordagem sobre “fatores de expulsão”, claramente ligados à chamada “crise venezuelana”. Isto é necessário, mas não é suficiente. Apoiamo-nos mais uma vez em João Rua (1997, p.6).

Embora esta segunda abordagem (histórico-estrutural) preencha, com mais propriedade, as questões referentes ao processo migratório, ainda apresenta lacunas (além daquelas apresentadas por Póvoa Neto) que de alguma maneira vêm sendo explicitadas, como, por exemplo, a necessidade de se dar conta dos deslocamentos e das localizações compulsórias.

Acrescentamos à questão das localizações compulsórias, resultantes de políticas imigratórias restritivas, por exemplo, a necessidade de se considerar outros fatores na decisão de para onde migrar, de como e com quem isso será feito, mesmo quando se é compelido a isso. Nesse sentido, destacamos a questão de dar voz ao sujeito migrante, de analisar a existência de redes migratórias, redes de solidariedade ou ajudas aleatórias, como por exemplo indicações obtidas em conversas informais ou o empréstimo de um celular para avisar um familiar dos problemas e riscos que se está passando durante o deslocamento migratório. Encontramos várias situações como essas nos relatos dos migrantes que colhemos durante o trabalho de campo (2023, 2024). O trecho a seguir reforça essas considerações:

A experiência cotidiana dos que saem de um território para o outro, a variabilidade de suas práticas sociais, as estratégias e os recursos que disponibilizam, os contatos tecidos no trajeto da migração, as relações da sociabilidade e de estranhamento entre os migrantes e as articulações internas e externas ao seu grupo apresentam-se ausentes das análises macroestruturais (SAQUET; MONDARDO, 2008, p. 126).

Nem tudo no processo migratório se explica pelos constrangimentos estruturais, ainda que esses sejam fundamentais na compreensão do fenômeno.

2.4. A complexidade do fenômeno migratório

As migrações são estudadas em várias áreas da Geografia e em outras ciências sociais. Ao longo do tempo, diferentes abordagens sobre o fenômeno migratório se desenvolveram e influenciaram as pesquisas, como vimos no item anterior. No entanto, segundo Gislene Santos (2021), isso não implicou na construção de uma reflexão teórico-metodológica aprofundada sobre as migrações como fenômeno geográfico e como um ato humano, o que requer um diálogo interdisciplinar.

Apesar da presença da migração no pensamento da geografia ao longo da primeira metade do século XX, pouco se identificou das condições empíricas da população migrante para as questões políticas migratórias. Território como abrigo e recurso tomaram a centralidade e pouco se abriram as portas analíticas para a entrada de uma análise geográfica sobre políticas de segurança e controle migratório. [...] Estas referências apontam para a intrínseca relação da migração com a geografia e nos auxiliam a ponderar que esta associação pode nos levar a naturalizar que a migração, por si mesma seja, por natureza, um fenômeno geográfico. Este suposto conforto epistemológico, ao invés de revelar um aprofundamento teórico e metodológico no campo da geografia, corre o risco de nos fazer perder a dimensão complexa da migração e, ainda o apagamento de que a migração é um ato e ação humana (Santos, 2021, p. 619).

Para Gislene Santos (2021), as migrações ao longo da fronteira brasileira com países da América do Sul e outras que se desenrolam no contexto latino-americano, constituem um quadro de situações de deslocamento que possibilitam análises geográficas em que os paradigmas estabelecidos podem contribuir, desde que combinados a aportes conceituais que auxiliem o entendimento do fenômeno em uma perspectiva geográfica.

Enfim, há um campo ainda aberto e pouco estudado nas migrações. Enquanto isso, uma paisagem política e social tem sido formada pela migração; organizações e coletivos de migrantes se formam buscando espaço na política internacional. A América Central, em 2018, foi atravessada por uma caravana de migrantes com destino ao México. Movimento de mulheres migrantes bolivianas se formam na Argentina; no Brasil, no estado de Roraima, se edifica um novo arranjo de ordenamento territorial com a presença de organizações internacionais para o controle migratório provindo da Venezuela. As migrações transfronteiriças, ao longo da fronteira brasileira com os países da América do Sul se intensificam. Há um quadro de situações de deslocamento que aguardam serem analisados geograficamente. E neste sentido, é possível pensarmos que as condições empíricas para uma teoria geográfica das migrações estão dadas (Santos, 2021, p.624).

Os paradigmas que orientaram a produção geográfica sobre as questões populacionais e, em particular, sobre as migrações trouxeram contribuições importantes, delinearão o campo geral dos debates, ensejaram o desenvolvimento de posições teóricas e ideológicas mais ou menos robustas, mas, como já assinalado, produziram também silêncios e lacunas sobre a migração como “*ato e ação humana*” e uma certa acomodação que se expressa no “*aparente conforto epistemológico*” apontado por Gislene Santos (2021, p.619)

Caberia à geografia humana desenvolver análises que permitam expor com mais ênfase a “dimensão complexa da migração” (Santos, 2021). Há um aprofundamento teórico e metodológico reclamado por essa complexidade que, na geografia, ainda precisa se estruturar para que a migração seja evidenciada como ação humana, como processo ligado a constrangimentos estruturais, como no caso dos venezuelanos que se enquadra como migração forçada, mas, ao mesmo tempo, como processo inerente à vida do sujeito que, ao se deslocar, se torna simultaneamente emigrante e imigrante (Sayad, 1988).

3. O PROBLEMA E O OBJETO DA PESQUISA

O ponto de partida da pesquisa que permitiu a elaboração desta dissertação foi o contato com realidade vivida pelos imigrantes venezuelanos no Flores do Campo. A partir do estágio que realizamos junto SMAS percebemos as condições precárias em que vivem essas pessoas e os outros residentes dessa ocupação urbana.

O problema de pesquisa portanto foi a questão de como compreender e explicar essa concentração de imigrantes naquela localidade. A partir daí, fomos aos poucos desenvolvendo a abordagem sobre esse problema, definindo e redefinindo os objetivos da pesquisa e a busca de conceitos teóricos e procedimentos metodológicos que nos permitissem desenvolver as análises.

3.1. O crescimento da presença de imigrantes Sul-americanos em Londrina e a concentração de venezuelanos na ocupação urbana irregular Flores do Campo

Iniciamos a contextualização da migração Sul-Sul em Londrina pela análise de alguns dados recentes fornecidos pela Prefeitura de Londrina. Utilizamos a base de dados vinculada ao sistema de Informatização da Rede de Serviços Socioassistenciais IRSAS, administrado pela Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS). Esse sistema de uso interno da Prefeitura Municipal de Londrina⁸ contém dados atualizados sobre imigrantes residentes em Londrina. É importante salientar que os dados utilizados nessa análise foram fornecidos pela SMAS — e que seguem os critérios de sistematização do Cadastro Único que “é um grande mapa das famílias de baixa renda no Brasil e mostra ao governo quem essas famílias são, como elas vivem e do que elas precisam para melhorar suas vidas” (BRASIL, s/d).

A escolha pelo uso desses dados se justifica pelo fato de que são atualizados mensalmente de acordo com a atividade do usuário, seja na busca de uma informação ou do atendimento ofertado pela rede. A vantagem do uso desses dados é o alto nível de atualização. Entretanto há limitações, pois se o usuário não busca atendimento em nenhuma esfera da rede ele não será contabilizado no sistema. Portanto, é bem possível que os numeros apresentados representem apenas uma fração da situação

⁸ O acesso a esses dados foi autorizado mediante ofício n.º 50 dirigido a Secretaria Municipal de Assistência Social (ANEXO I).

real. Apesar disso, é possível coonstruir a partir desses dados um quadro de referencia relativamente preciso sobre a imigração em Londrina.

Os dados do IRSAS (2023) evidenciam a presença em Londrina de 1707 pessoas de 58 nacionalidades. Destacamos a predominância de imigrantes oriundos da América do Sul nesse contingente.

Quadro 1: Imigrantes residentes no município de Londrina por país e continente de origem – Julho/2023.

Cód	País de Origem	Continente	N.º de pessoas (31/07/2023)
1	Afeganistao	Ásia	34
2	Alemanha	Europa	1
3	Angola	África	67
4	Argélia	África	1
5	Argentina	América	63
6	Austrália	Oceania	1
7	Bangladesh	Ásia	16
8	Barbados	América	1
9	Benim	África	4
10	Bolívia	América	11
11	Cabo Verde	África	2
12	Camarões	África	2
13	Canadá	América	1
14	Chile	América	10
15	Colômbia	América	165
16	Congo-Brazzaville	África	1
17	Congo-Kinshasa	África	1
18	Costa do Marfim	África	2
19	Cuba	América	31
20	Egipto	Àfrica	8
21	Equador	América	10
22	Eslovénia	Europa	1
23	Espanha	Europa	3
24	Estados Unidos	América	5
25	Filipinas	Ásia	2
26	França	Europa	1
27	Gabão	África	1
28	Gana	África	2
29	Guiné	África	3
30	Guiné Equatorial	África	3
31	Guiné-Bissau	África	11
32	Haiti	América	138
33	Índia	Àsia	3

34	Israel	Àsia	1
35	Itália	Europa	6
36	Jamaica	América	1
37	Japão	Àsia	8
38	Líbano	Àsia	4
39	Marrocos	Àfrica	14
40	México	América	1
41	Moçambique	Àfrica	5
42	Paquistão	Àsia	6
43	Paraguai	América	12
44	Peru	América	20
45	Polónia	Europa	1
46	Portugal	Europa	5
47	Reino Unido	Europa	1
48	República Centro-Africana	Àfrica	1
49	República Dominicana	América	3
50	São Tomé e Príncipe	Àfrica	1
51	Senegal	Àfrica	4
52	Síria	Àsia	9
53	Timor Leste	Àsia	1
54	Tunísia	Àfrica	1
55	Ucrânia	Europa	5
56	Uruguai	América	11
57	Vaticano	Europa	2
58	Venezuela	América	979
TOTAL DE PESSOAS			1707

Fonte: IRSAS, 2023. **Org:** A autora, 2024.

Segundo os registros, 7 em cada 10 imigrantes residentes em Londrina têm origem sul-americana. Mais especificamente, dos 1.707 imigrantes contabilizados em 2023, 1.281 são sul-americanos, totalizando um percentual de 75%.

Gráfico 1: Imigrantes residentes em Londrina por continente de origem**



Fonte: IRSAS, 2023. **Org:** A autora, 2024.

Este padrão migratório observado em Londrina coincide com as análises presentes em estudos de diversos pesquisadores⁹ relativos à chamada migração Sul-Sul, ou migrações no Sul Global.

⁹ Os pesquisadores Uebel e Rückert da UFRGS ao analisar a dinâmica migratória para o Brasil no século XXI, afirma que: “Outro grupo de importante expressão nesta listagem é o grupo de vizinhos ou países próximos ao Brasil, sendo estes Bolívia, Argentina, Uruguai, Chile, Peru, Colômbia e Paraguai, que caracterizam a coletividade de cidadãos de países que buscam no Brasil, um *middle* ou *regional power*, de acordo com a literatura de Relações Internacionais, melhores condições sociolaborais que não encontram em seus países de origem, mesclados por oportunidades laborais qualificadas (Uebel; Rückert, 2017, p.28)

O cenário das migrações internacionais no século XXI tem sido marcado por movimentos migratórios que incluem percursos, cada vez mais intensos, entre países do Sul Global. [...]

As migrações Sul-Sul entre e em direção a países da América Latina, na última década, demonstram a complexidade e a heterogeneidade da imigração internacional. (Baeninger; Bogus, 2018, p.13)

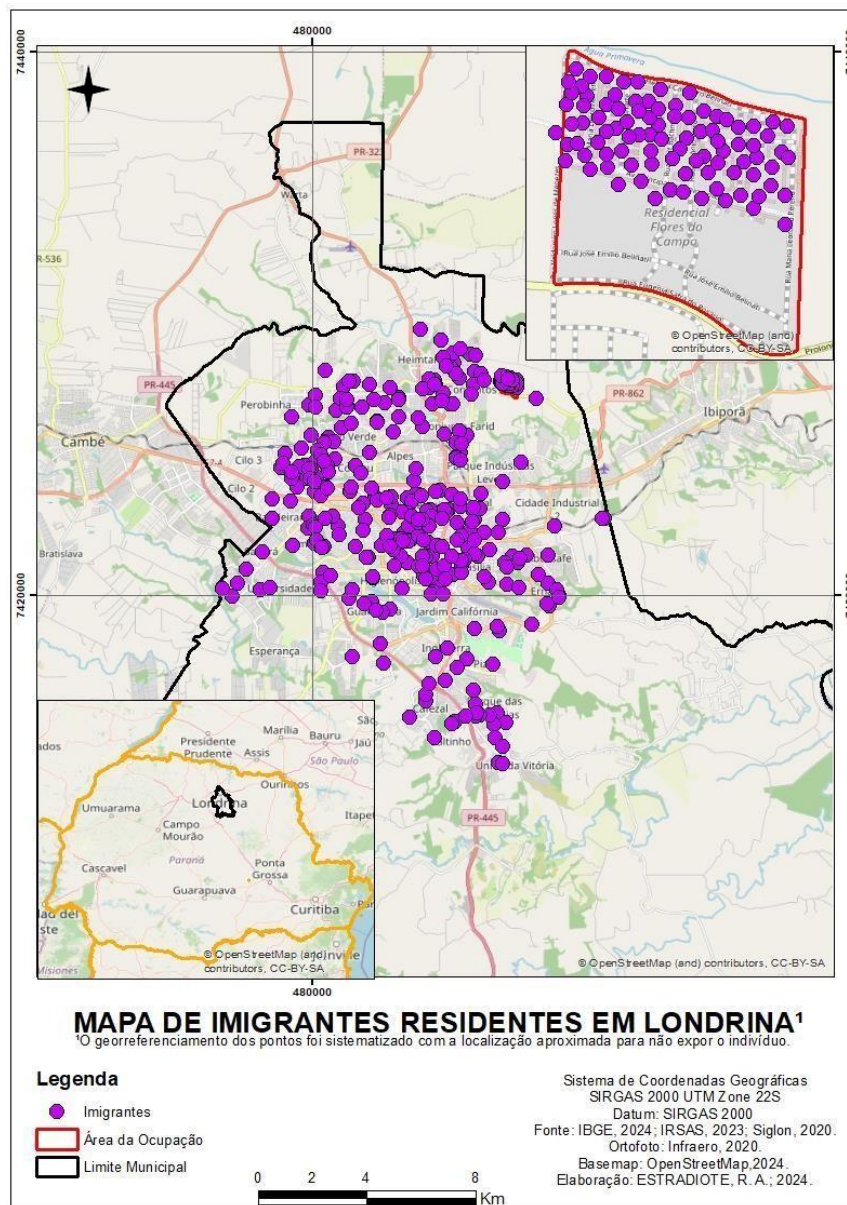
A partir dos anos 2000, se houve crescimento dos fluxos imigratórios vindos de países da América do Sul para o Brasil.

Os dados do IBGE em 2014 mostravam que a maior imigração para o Brasil no período, após o último censo realizado em 2010, tinha e ainda tem origem na América do Sul, mas não se restringe a ela. Atualmente recebemos imigrantes em grande número de certos países da África (Congo, Angola), Ásia (Bangladesh, China), Haiti (Caribe), além de muitos imigrantes de países vizinhos ao Brasil (Rodrigues, 2019, p.127).

Os dados do IRSAS (2023) mostram que, entre os imigrantes sul-americanos em Londrina, os venezuelanos são maioria. Os dados do Quadro 1 indicam que são 979 imigrantes venezuelanos residindo em Londrina, o que corresponde a 57,4% do total de estrangeiros na cidade e 76,5% dos imigrantes sul-americanos. Esse contingente substancial de venezuelanos é um reflexo direto da diáspora causada pela severa crise humanitária que assola a Venezuela. A literatura aponta que, além da busca por melhores oportunidades, muitos venezuelanos são forçados a migrar para escapar da violência e da instabilidade em seu país de origem (Mendes, Silva e Senhoras, 2022).

A análise da distribuição espacial dos imigrantes venezuelanos em Londrina indica uma concentração significativa em áreas urbanas específicas, o Flores do Campo é uma delas. Outras áreas que merecem destaque são a Zona Norte e Zona Oeste do município. A região central possui certa concentração também porque é onde se encontram as casas de passagem e o centro pop que registram também imigrantes em atendimento por esses serviços.

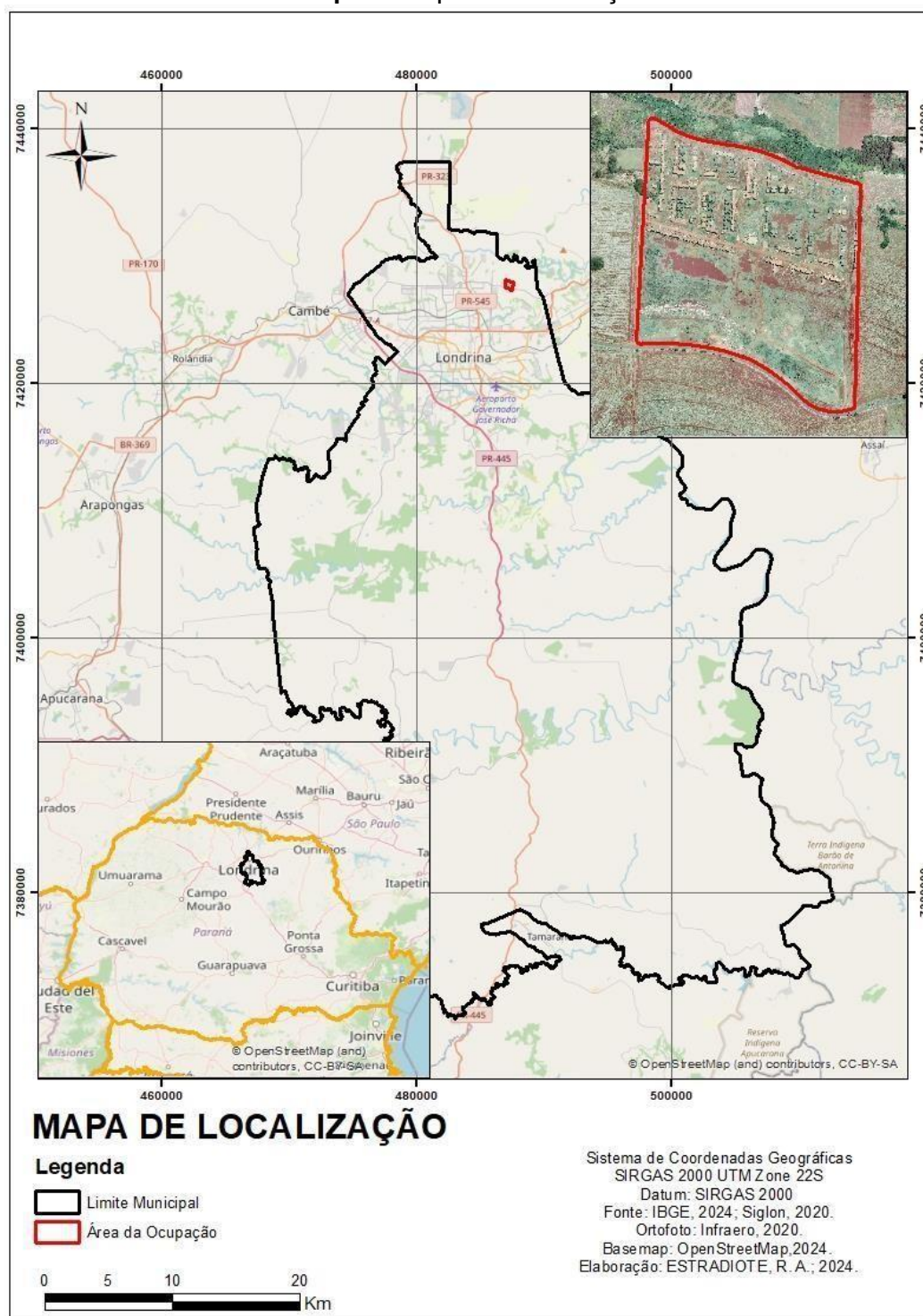
Mapa 1: Distribuição espacial dos migrantes residentes em Londrina/PR



Elaborado pela autora, 2024.

De acordo com os dados levantados a partir da base do sistema IRSAS (2023), 35,8% dos 979 venezuelanos residentes em Londrina, ou seja, um total de 351 pessoas, moram na ocupação urbana irregular Flores do Campo, localizada na zona norte da cidade.

Mapa 2: Mapa de Localização



Elaborado pela autora, 2024.

Essa concentração revela que, devido à falta de dinheiro para pagar aluguel e de suporte institucional capaz de permitir que tenham acesso a moradia pela via do mercado imobiliário ou por algum caminho de política pública habitacional, esses imigrantes acabam se estabelecendo em áreas com infraestrutura precária em que não tenham que arcar com despesas pesadas para morar. Uma dessas áreas é a

ocupação irregular urbana Flores do Campos. Além disso, 48 venezuelanos foram identificados como pessoas em situação de rua ou vivendo em mocós¹⁰.

Somando-se os que estão em situação de rua e os residentes no Flores do Campo, são 399 pessoas ou 40,7% do total de imigrantes venezuelanos Londrina, vivendo sob condições de acentuada vulnerabilidade. Esse dado destaca a necessidade urgente de políticas públicas eficazes voltadas a essas pessoas. A precariedade das condições de moradia e a ausência de serviços básicos adequados revelam os desafios enfrentados por esses indivíduos no processo de re-territorialização em Londrina.

3.2. A concentração de Venezuelanos no Flores do Campo e a precariedade das condições de moradia

Os problemas presentes na ocupação urbana Flores do Campo representam uma parte fundamental das dificuldades enfrentadas pelos migrantes venezuelanos em Londrina, especialmente quando consideramos o aspecto material¹¹ do processo de re-territorialização.

A ocupação urbana denominada Flores do Campo se constituiu a partir de um empreendimento habitacional que era parte do “Programa Minha Casa, Minha Vida” (PMCMV). Se essa obra tivesse sido finalizada, deveria atender famílias de baixa renda, na faixa de zero a três salários mínimos.

¹⁰ Local usado como moradia para pessoas em situação de rua. São “abrigos muito improvisados muitas vezes em imóveis abandonados que, em geral, são temporários, perigosos e muito precários”.

¹¹ Consideramos que o aspecto material da re-territorialização se configura pelo acesso a infraestruturas urbanas e serviços que fornecem elementos essenciais à vida na cidade, tais como: água tratada, energia elétrica, transporte público, creches, serviços de saúde, educação, entre outros

Figura 1: Ilustração do projeto final do Conjunto Habitacional Flores do Campo



Fonte: Gestão Integrada de Empreendimentos Habitacionais de Interesse Social, 2016.

Durante a execução da obra foi realizado projeto urbanístico analisando as demandas de equipamentos públicos que seriam construídos para atender a demanda da população residente, no qual incluía UBS, escola municipal, escola estadual, conforme a figura 4.

Figura 2: Projeto urbanístico que previa instalação de equipamentos públicos próximos ao Conjunto Habitacional Flores do Campo.



Fonte: Gestão Integrada de Empreendimentos Habitacionais de Interesse Social, 2016.

Entretanto, em 2014, a obra do conjunto habitacional foi paralisada pelas construtoras contratadas. Essa paralização das obras se deu por causa da interrupção dos repasses financeiros por parte do governo federal. Segundo Beatriz Barbosa dos Santos *et.al* (2023, p.7670), no momento da paralização, 48% da obra estava executada.

Inacabadas e sem dispor da totalidade das infraestruturas básicas as unidades habitacionais foram ocupadas por diversas pessoas em condição social vulnerável a partir de 2016.

A partir de 2016, principalmente devido à falta de infraestrutura, as construções que haviam sido levantadas no local, mas que ainda não estavam acabadas, passaram a apresentar certa deterioração, assim como o próprio terreno do empreendimento que começou a ter processos erosivos devido à falta de equipamentos de drenagem de águas pluviais.

O canteiro de obras desse empreendimento passou a ser ocupado no final de 2015 por pessoas que se encontravam inscritas em uma fila de espera da COHAB-LD e que não conseguiam arcar com os custos financeiros do pagamento de aluguel. Grande parte das unidades

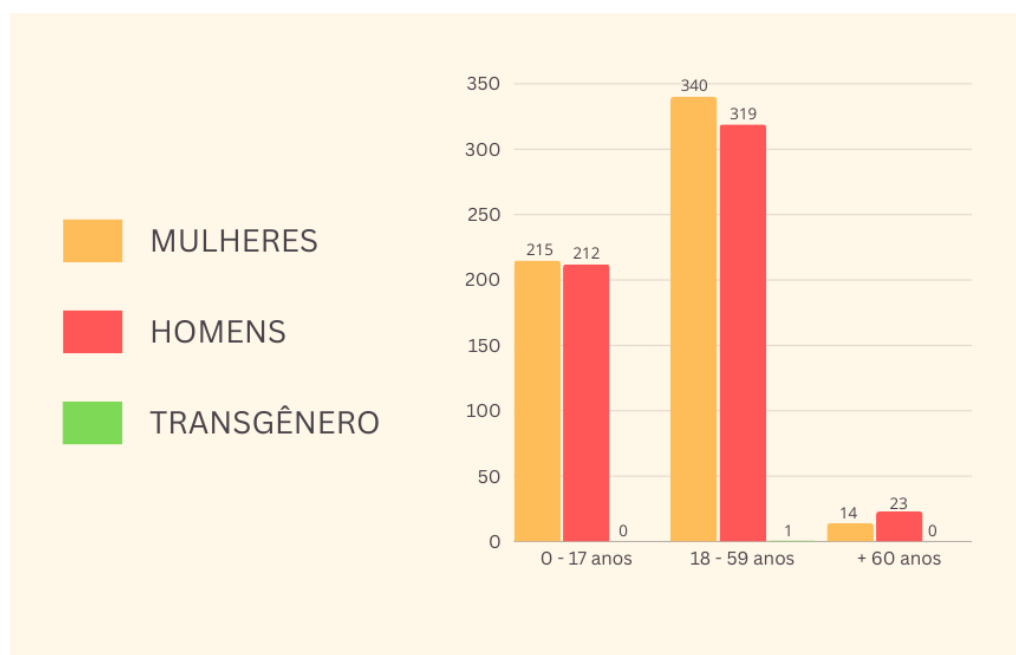
habitacionais em condições mínimas de moradia foram ocupadas, estando inacabadas e precárias. Além da situação das unidades habitacionais com sérios problemas estruturais, a construtora também não havia construído os equipamentos sociais que estavam previstos no seu projeto original, para oferecer os serviços de educação e de saúde à comunidade do conjunto. Outras obras de infraestrutura haviam sido concluídas, como energia elétrica, rede de água e esgoto e a pavimentação asfáltica.

Em relação à infraestrutura, Silva (2018) afirma que os ocupantes do Flores do Campo não tinham acesso à água e a energia elétrica e que, para resolver isso, os moradores improvisaram ligações, passando a utilizar água e energia elétrica do Jardim Catuaí, bairro vizinho da ocupação. Destaca também o problema da estrada que dá acesso à ocupação, que não é asfaltada, o que dificulta em dias de chuva os moradores em seus deslocamentos (Santos et.al, 2023, p.7671).

Os dados do IRSAS (2023) indicam a existência de 1218 unidades residenciais no Flores do Campo, das quais constata-se que há 572 espaços residenciais ocupados por famílias. O que denominamos espaços residenciais são, em muitos casos, apenas um dos andares das unidades residenciais projetadas inicialmente. Essas unidades residenciais deveriam possuir dois andares cada uma. Portanto, no espaço que deveria ser de uma única unidade residencial, temos uma família vivendo no andar superior e uma família vivendo no andar térreo do que deveria ser uma unidade residencial.

Nesses 572 espaços residenciais familiares, habitam 1124 indivíduos (IRSAS, 2023). Mais uma vez lembramos que os dados analisados são relativos e provavelmente apenas parciais e, certamente, momentâneos. Há uma grande oscilação em relação ao número total de residentes. A situação é muito dinâmica e há chegadas e saídas de pessoas de forma constante. Mesmo assim, os dados fornecem um quadro geral para contextualização do processo de re-territorialização precária que estamos analisando.

A seguir apresentamos algumas características gerais da população do Flores do Campo com base nos dados do IRSAS (2023). Vamos analisar a composição dessa população por gênero, faixa etária e cor da pele.

Gráfico 2: Residentes no Flores do Campo por gênero e faixa etária - Julho/2023.

Fonte: IRSAS, 2023. Elaborado pela autora.

O gráfico 2, revela que os residentes do Flores do Campo são predominantemente adultos, na faixa etária entre 18 e 59 anos. Logo, os adultos correspondem a mais da metade dos residentes do Flores do Campo, isto é, 58,7% do total. Esses dados revelam também a maior presença de mulheres adultas naquela ocupação. São 340 mulheres, ou seja, 30,2% do total. O grupo de crianças e adolescentes equivale a 38% do total, reunindo 427 indivíduos. Os 37 idosos, ou seja, pessoas com idade acima de 59 anos, representam 3,3% do total.

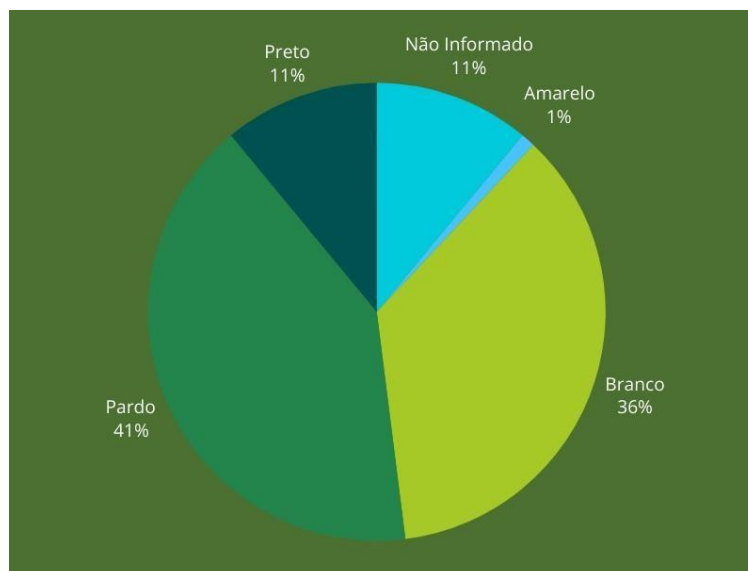
Olhando para esses números é possível perceber que o atendimento às necessidades das mulheres adultas, especialmente as que são mães e trabalhadoras, é crucial para que os níveis de precariedade nessa ocupação sejam mitigados.

Da mesma forma, o contingente de crianças e adolescentes indica a necessidade urgente de escolas, creches próximas e acessíveis a essas famílias. Essa necessidade é ainda mais premente se considerarmos a necessidade dessas crianças e jovens em relação ao idioma e os desdobramentos dessa aprendizagem em sua socialização. Também a presença de idosos requer atenção a questões de saúde e mobilidade.

Considerando os parâmetros de cor da pele estabelecidos pelo IBGE (s/d) baseados com base na autodeclaração “em que as pessoas são perguntadas sobre

sua cor”, elaboramos o gráfico a seguir. Portanto, consideramos a autodeclaração de cada indivíduo da ocupação sobre sua cor.

Gráfico 3: População residente na ocupação Flores do Campo por cor/etnia - Julho / 2023.



Fonte: IRSAS, 2023. Elaborado pela autora.

O gráfico 3 caracteriza a população total do Flores do Campo segundo a cor autodeclarada. O maior percentual é de pessoas pardas, 41%. O segundo maior percentual é de pessoas brancas, que corresponde a 36%. Com mesmo percentual de 11% temos as pessoas pretas e as que não souberam/quiseram informar. Não há indicativos para pessoas autodeclaradas da cor/etnia indígena.

Nota-se que a segregação e a precariedade do Flores do Campo atingem principalmente pessoas pardas e pretas que somam 52% do total de residentes, isto é, mais da metade das pessoas. Esse dado repete padrões de exclusão e segregação considerados a partir da cor de pele presentes na sociedade brasileira e, particularmente, na urbanização e nas grandes cidades brasileiras.

As dificuldades enfrentadas pelos moradores do Flores do Campo são numerosas. A falta ou a improvisação das ligações de água e energia elétrica às respectivas redes e a falta de pavimentação via que liga o Flores do Campo à rede viária da zona norte tornam, a vida diária um desafio constante. As famílias muitas vezes precisam improvisar soluções para necessidades básicas e para seus deslocamentos, o que não apenas aumenta a vulnerabilidade, mas também cria riscos à saúde e segurança. Nas figuras 3, 4 e 5 é possível observar o estado atual do empreendimento em que há unidades em abandono e unidades ocupadas; as figuras

6, 7, 8 e 9 ilustram a parte interna de uma unidade da ocupação e que não há nenhuma família residindo.

Figuras 3, 4 e 5: Estado atual da ocupação





Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

Figuras 6, 7, 8 e 9: Parte interna de uma das unidades da ocupação

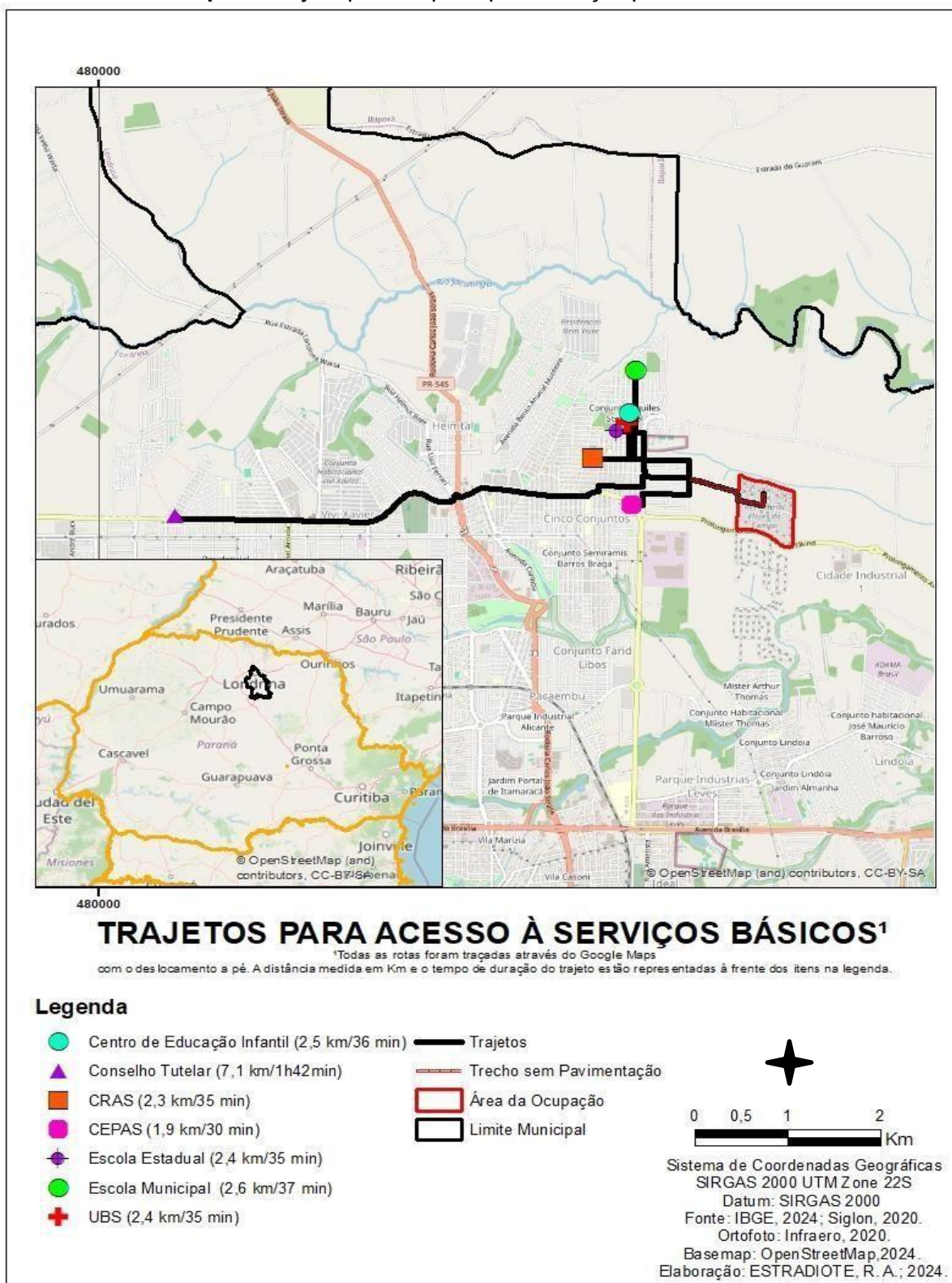




Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

A ausência de infraestrutura adequada reflete uma falha estrutural no planejamento e execução de políticas habitacionais, deixando os moradores à mercê de condições sub-humanas. Além disso, a localização do Flores do Campo agrava a segregação socioespacial. Situado na periferia da cidade, para se ter acesso a serviços essenciais como escolas, creches, hospitais e transporte público exige um deslocamento em condições difíceis, conforme ilustra o mapa 3. É evidente que o EPU mais próximo da ocupação de uso comum é o CRAS está localizado a cerca de 2,3 km. A UBS do Aquiles Stenghel é a de referência de atendimento a ocupação e se encontra há 2,34 km de distância. A escola municipal, estadual e o CEI de referência se encontram respectivamente a 2,6 km; 2,4 km e 2,5 km. Embora o município disponibilize condução para o trajeto até as escolas, o problema retorna quando há chuvas constantes, pois o veículo fica impossibilitado de entrar na ocupação. As distâncias dos trajetos foram calculadas com base nas rotas sugeridas pelo Google Maps usando o deslocamento a pé, é importante ressaltar que parte do trajeto – aproximadamente 1 km - não possui pavimentação, o que dificulta o deslocamento.

Mapa 3: Trajeto para os principais serviços públicos básicos



Elaborado pela autora, 2024.

Essas distâncias não apenas dificultam o acesso a oportunidades de emprego e acesso à serviços de saúde e educação, mas também isolam socialmente os moradores, reforçando assim a segregação socioespacial.

Rogério Haesbaert (2011, p.324), argumenta que os aglomerados de exclusão são marcados pela instabilidade e condições de sobrevivência precárias. Na cidade, as condições de sobrevivência precárias incluem a falta ou a insuficiência de infraestruturas básicas, como as de saneamento, comunicação e energia, e acesso limitado a serviços públicos. Geralmente essas faltas, insuficiências e limitações se combinam a uma marginalização econômica e social profunda. No Flores do Campo, os moradores enfrentam dificuldades para obter água tratada, eletricidade e saneamento. Isso ocorre em parte pela infraestrutura deficiente e pela relutância das empresas responsáveis em fazer as ligações que nesse caso, são, em geral, clandestinas. Esse é outro dado em que, naquela localidade, se fundem exclusão social e exclusão territorial.

A noção de pobreza para alguns está ligada simplesmente à questão da renda, numa visão mais economicista; para outros, contudo, ela se relaciona de forma mais ampla à disponibilidade de “recursos”.[...] Percebendo a pobreza associada à disponibilidade de recursos, “recurso” deve ser visto na sua acepção mais ampla, o que inclui, no nosso entender, a própria dimensão espacial, ou seja, o território como “recurso”, inerente a nossa reprodução social. Com isto partimos do pressuposto de que toda pobreza e, com mais razão ainda, toda exclusão social, é também, exclusão territorial [...] (Haesbaert, 2011, p.314, 315)

No nosso entendimento, pode-se dizer que, no caso específico dos venezuelanos concentrados no Flores do Campo, a situação de insuficiência, inadequação e precariedade vigente transforma esse inacabado conjunto habitacional em um aglomerado de re-territorialização precária, onde a adaptação, a integração e a reconstrução de uma vida cotidiana digna por parte desses imigrantes é marcada por muitas incertezas dificuldades.

3.3. Algumas características gerais dos imigrantes venezuelanos residentes na ocupação Flores do campo em Londrina-PR

Nos próximos gráficos apresentaremos informações gerais sobre os migrantes residentes do Flores do Campo, segundo dados do IRSAS (2023). A tabela

a seguir mostra a distribuição dos imigrantes residentes no Flores do Campo por gênero e nacionalidade.

Quadro 2: Imigrantes residentes no Flores do Campo por gênero e país de origem – Julho / 2023.

País de Origem	Feminino	Masculino	Total
Argentina	0	1	1
Barbados	1	0	1
Chile	1	0	1
Colômbia	3	3	6
Haiti	1	0	1
Peru	1	0	1
Venezuela	188	163	351
Total	195	167	362

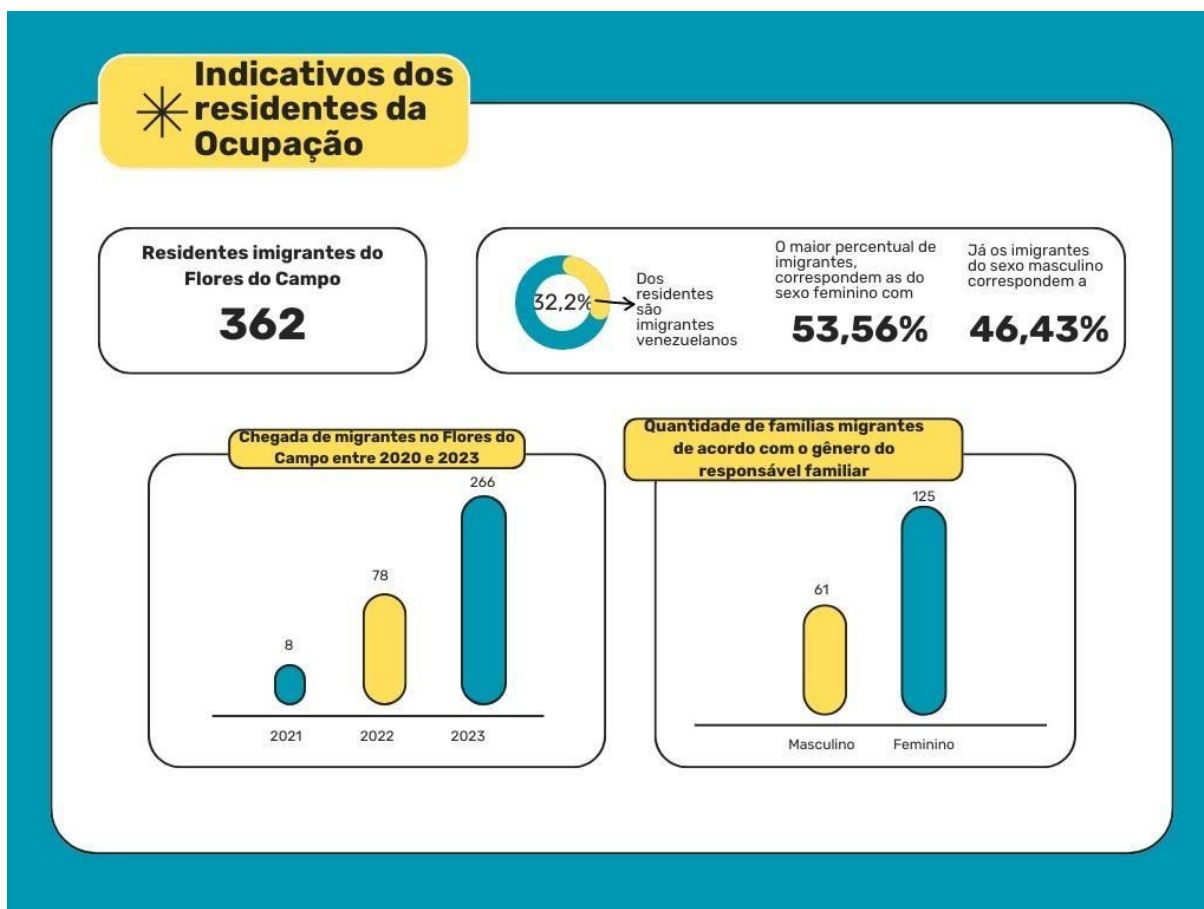
Fonte: IRSAS, 2023. Elaborado pela autora.

Os imigrantes residentes na ocupação correspondem 32,2% da população total do Flores do Campo que estamos considerando, ou seja, são 362 imigrantes em 1124 pessoas. O maior grupo de imigrantes é de venezuelanos, totalizando 351 pessoas. Em seguida vem o grupo de imigrantes vindos da Colômbia com 6 pessoas. Da Argentina, Chile e Peru os dados registram apenas 1 indivíduo de cada uma dessas nacionalidades. O grupo de venezuelanos corresponde a 97% do total de imigrantes residentes na ocupação.

O número de estrangeiros residentes vem demonstrando um crescimento progressivo nos últimos anos. O gráfico 4 demonstra esse crescimento.

Ainda no gráfico 4, há o número total de imigrantes de acordo com o gênero e com o ano de chegada. Em 2021, foi notificada a chegada de apenas 8 indivíduos na ocupação do Flores do Campo, sendo 4 indivíduos do gênero feminino e 4 do masculino. Em 2022 houve um aumento dessas chegadas para 43 mulheres e 35 homens. O ano de 2023 apresentou uma intensificação nesses números. Até o mês de julho, foram contabilizadas as chegadas de 148 indivíduos do gênero feminino e 117 do gênero masculino.

Gráfico 4: Imigrantes residentes do Flores do Campo em Julho/2023.

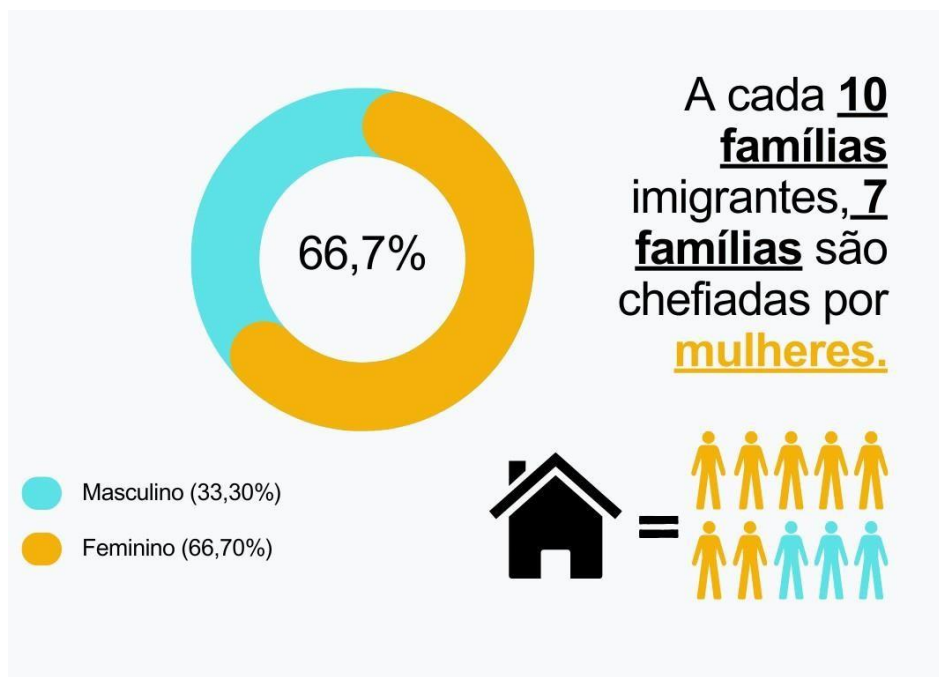


Fonte: IRSAS, 2023. Elaborado pela autora.

Os dados demonstram que o número de famílias migrantes chefiadas por mulheres é predominante, contabilizando 125 famílias. Esse dado corrobora a informação sobre a tendência de feminização dos fluxos migratórios latino-americanos discutida nos relatórios da OBMigra (2020) e do ICMPD (2021).

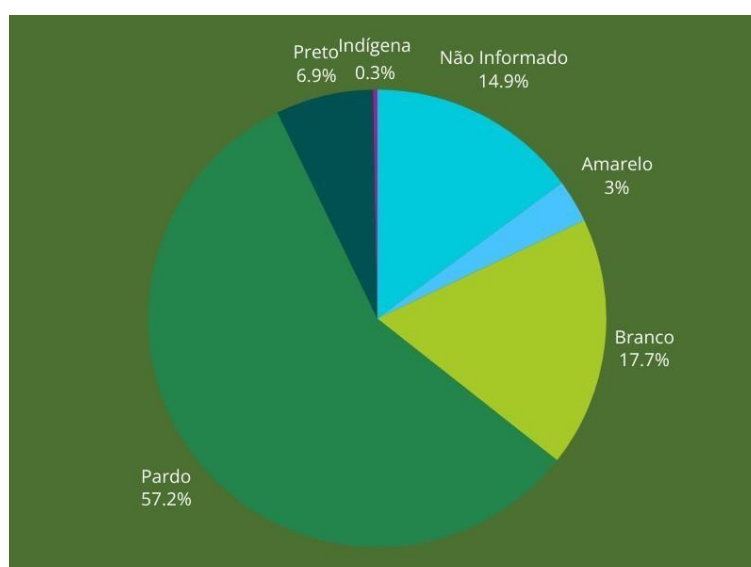
No gráfico 5 apresentamos o percentual das famílias imigrantes de acordo com o gênero do responsável familiar. Esse dado ressalta o fato de que, no Flores do Campo, a cada dez famílias aproximadamente sete são chefiadas por mulheres (IRSAS, 2023). O percentual exato é de 66,70%.

Gráfico 5: Flores do Campo, percentual de famílias imigrantes residentes pelo gênero do responsável familiar, 2023.



Fonte: IRSAS, 2023. Elaborado pela autora.

Gráfico 6: Percentual de imigrantes na ocupação de acordo com a cor/etnia em 2023.



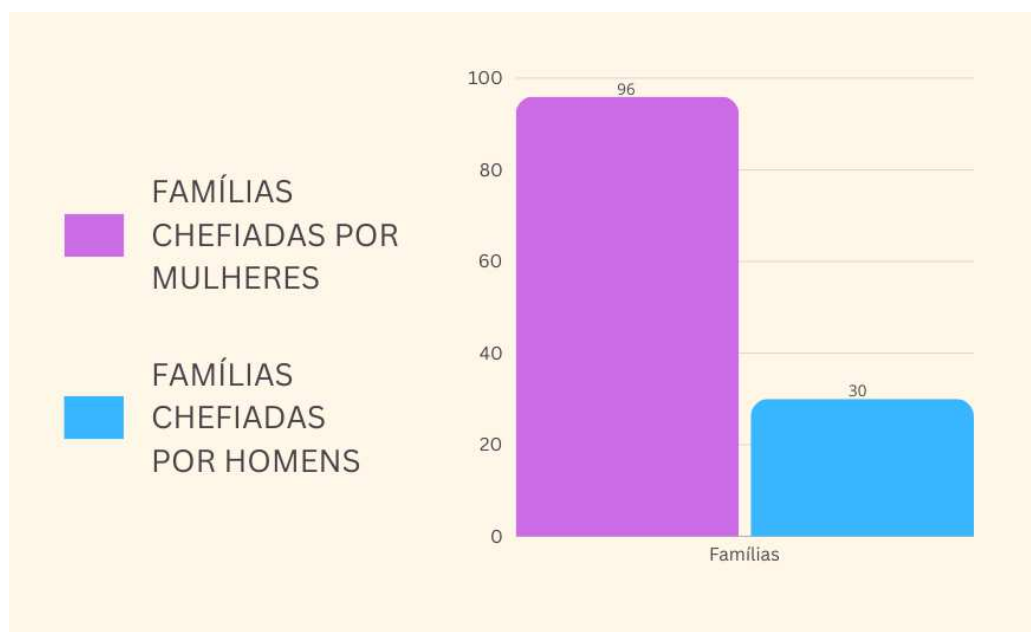
Fonte: IRSAS, 2023. Elaborado pela autora.

O gráfico 6 possui informações em relação a cor/etnia da população imigrante de acordo com a autodeclaração realizada no momento do cadastro no Sistema

IRSAS. A população imigrante do Flores do Campo majoritariamente se autodeclara como pardo, são 57,2% das pessoas. As pessoas que se autodeclararam como pretos correspondem a 6,9% do total da população imigrante, enquanto 17,7% das pessoas se autodeclararam como brancas. O percentual de 3% corresponde aos imigrantes que se autodeclararam como amarelo. Apenas um imigrante se autodeclara da cor/etnia indígena correspondendo a 0,3%. Um indicativo que chama atenção são os 14,9% da população imigrante que não informaram a qual cor/etnia com a qual se identificam. Esse percentual de pessoas que não declararam sua cor é superior ao percentual das pessoas que se consideram pretas.

Outro aspecto a ressaltar é que as características de cor da pele predominantes entre a população imigrante diferem das características predominantes na população total. Na população total 52% das pessoas se autodeclararam como pretas e pardas. No segmento de população imigrante o percentual de pretos e pardos é de 64,10%, com outros 14,9% que não declararam sua cor de pele. No gráfico 7 apresentamos o número de famílias que se enquadram nos critérios estabelecidos pelo Programa Bolsa Família. O Bolsa Família é uma política pública de "transferência direta e indireta de renda voltada para famílias em situação de pobreza e extrema pobreza em âmbito nacional" (Brasil, 2021).

Gráfico 7: Número de famílias imigrantes que recebem Bolsa Família por gênero do responsável familiar em 2023.



Fonte: IRSAS, 2023. Elaborado pela autora.

O gráfico 7 indica que há 96 famílias chefiadas por mulheres imigrantes e que recebem o benefício “Bolsa Família”. Este número não só destaca a predominância de famílias chefiadas por mulheres, mas também evidencia uma vulnerabilidade acentuada devido à dificuldade de inserção no mercado de trabalho formal. Essa limitação na obtenção de uma fonte de renda estável e suficiente coloca essas famílias em uma posição de dependência significativa das políticas públicas de assistência social.

No comparativo com número de famílias chefiadas por homens e mulheres, percebe-se que o número de famílias chefiadas por mulheres corresponde a uma quantidade três vezes maior.

A população residente encontra-se em uma condição de desproteção devido à ausência de infraestrutura local adequada, que para os imigrantes é agravada pelo idioma e pela xenofobia.

4. METODOLOGIA E BASE CONCEITUAL

Como dissemos na introdução o fluxo migratório venezuelano para Londrina é um fenômeno recente que se intensificou nos últimos cinco ou seis anos, a partir de 2018. Esse fluxo é significativo e envolve o deslocamento de indivíduos atravessando a fronteira entre Brasil e Venezuela e, portanto, uma mudança de local de residência entre dois territórios diferentes, realizando longos percursos no território brasileiro.

Diferente dos refugiados, os migrantes buscam uma permanência residencial, conforme Haesbaert (2011) discute em sua obra. Esse movimento é impulsionado por uma crise humanitária na Venezuela, que forçou muitos a buscar melhores condições de vida em outros países, inclusive o Brasil. A chegada desses imigrantes representa um novo padrão de migração internacional; a chamada migração Sul-Sul, que é distinta dos fluxos migratórios que se dirigiram ao Brasil entre a segunda metade do século XIX e a década de 1950 do século XX. Esse novo contexto global das migrações internacionais requer conceitos e abordagens teóricas atualizadas em função da complexidade desses processos.

No capítulo anterior, com base nos escritos de Gislene Santos (2013; 2021), apontamos a necessidade de uma reflexão teórica e conceitual por parte dos geógrafos que permita uma maior aproximação com a complexidade do fenômeno migratório. Destacamos as limitações presentes tanto na chamada abordagem neoclássica, como na abordagem histórico-estrutural lastreada no materialismo histórico e dialético.

Para compreender a diáspora venezuelana e, principalmente, os fluxos migratórios de venezuelanos que se dirigiram para Londrina definimos como base conceitual da pesquisa define-se os seguintes conceitos: desterritorialização e re-territorialização (Haesbaert, 2011) e redes migratórias (Brumes, 2011; Fazito, 2002; Truzzi, 2008; Saquet, Monardo, 2008) e redes de solidariedade (Fazito, 2002; Soares, 2002). Discutiremos sucintamente esses conceitos nos tópicos a seguir.

4.1. Desterritorialização, percurso migratório e re-territorialização no processo migratório Venezuela - Londrina

A análise do processo de desterritorialização dos migrantes venezuelanos que residem na ocupação Flores do Campo é arte fundamental do objeto e dos objetivos desta dissertação. Trata-se de um tipo particular de desterritorialização que Rogério Haesbaert considera como altamente complexo: “Assim sintetizando, devemos falar em des-territorialização do migrante como um processo altamente complexo e diferenciado (Haesbart, p 249, 2011). Essa percepção se aplica com intensidade no caso de um processo migratório tão recente, numeroso e que ainda está acontecendo.

Na análise da imigração venezuelana para Londrina consideramos a desterritorialização como um período de desestruturação profunda das vidas cotidianas dos migrantes, causado pela crise humanitária na Venezuela que, a partir de 2015, se agravou progressivamente e parece ter atingido seu auge em 2018. Crises e migrações costumam andar juntas.

Em muitos casos, ao se tornar bode expiatório para a crise de governabilidade, o migrante acaba tendo sua condição ainda mais fragilizada, principalmente ao deparar-se com legislações que tornam mais dura as restrições territoriais de ingresso, circulação e permanência (Haesbaert, 2011, p.248)

No caso da migração venezuelana essas restrições que são mencionadas no trecho citado podem ser relacionadas aos episódios de fechamento da fronteira entre Venezuela e Brasil por conta de tensões entre os dois governos ou no período da pandemia de Covid19. Analisaremos um pouco mais os efeitos concretos desses episódios no capítulo 4.

Ao relacionar desterritorialização e migrações Rogério Haesbaert (2011) afirma que a análise da des-territorialização depende do momento em que a trajetória do migrante está sendo analisada, das características específicas do processo migratório que está sendo analisado, enfatizando a necessidade de contextualização histórica e geográfica da migração.

Em segundo lugar, migrante é uma categoria muito complexa e, no seu, extremo, podemos dizer que há tantos tipos de migrantes quanto de indivíduos ou grupos sociais envolvidos nos processos migratórios. Com isto, falar genericamente de migração pode tornar-se temerário – somos sempre obrigados a qualificá-la. Assim como os processos de des-territorialização podem ser multidimensionalmente caracterizados, o mesmo ocorre com as migrações, com a importante

constatação de que também se trata de processos internamente diferenciados – por exemplo, a análise da des-territorialização depende do momento em que a trajetória do migrante está sendo analisada. Além disso, há migrações ditas “econômicas” vinculadas à mobilidade do trabalho, migrações provocadas por questões políticas e outras por questões culturais ou ainda “ambientais”. Para completar, categorias como as de refugiado e exilado muitas vezes são confundidas com as de migrante, sendo muitas as situações ambíguas ou de entrelaçamento (Haesbaert, 2011, p.246)

Nesta dissertação, o entendimento dos termos des-territorialização e re-territorialização associados à migração venezuelana é de que devem ser vistos como momentos do processo dessa migração e das territorializações que ela contém. O uso dos conceitos de des-re-territorialização é feito na seguinte sequência:

- **Desterritorialização:** entendida nesse caso como perda de vínculos materiais e relações sociais cotidianas integrantes do território original e a identificação e descrição da crise humanitária na Venezuela como fator estrutural e explicativo dessa desterritorialização dos imigrantes entrevistados. Os obstáculos para conseguir alimentos, produtos básicos de higiene e serviços públicos levaram à desestruturação da vida cotidiana dessas pessoas e a decisões de migrar. A situação se coloca então como sendo de “acentuada desterritorialização” (Haesbaert, 2011, p.246) e esses imigrantes se viram em meio a uma grande fragilidade e abrupta espoliação;
- **Percurso migratório:** enquanto momento de transição entre a territorialização original na Venezuela e a busca pela nova territorialização no Brasil. Esse momento de passagem de uma situação geográfica a outra se mostra denso em riscos, encontros e desencontros, ação de redes institucionais de solidariedade que auxiliam na compreensão de como e para onde se dirigiu o fluxo migratório e como esse percurso longo e difícil marcou e transformou a vida dos entrevistados;
- **Re-territorialização em Londrina:** que, devido ao caráter recente e intenso do fluxo migratório pode ser considerada como processo em andamento e cheio de vieses e dificuldades, especialmente quando se considera as condições precárias de habitação na ocupação irregular “Flores do Campo”.

O primeiro momento, o da desterritorialização dos migrantes venezuelanos, envolve a decisão de migrar e os fatores que incidiram nessa decisão, bem como a o delineamento de que se trata de uma migração forçada. O segundo momento, o do percurso migratório, descreve o deslocamento físico, o enfrentando de custos, riscos e dificuldades e, simultaneamente, um deslocamento cultural, abandonando sua cultura, idioma e redes sociais originais. Analisamos também a ação de redes de solidariedade, políticas públicas e que incidiram sobre o deslocamento. No terceiro momento, o da re-territorialização, busca-se explicar por que os migrantes entrevistados escolheram Londrina e, especificamente, a ocupação Flores do Campo. Esse processo implica uma reconstrução progressiva de um novo cotidiano no destino. Analisamos também, as redes de apoio, políticas públicas e as dificuldades enfrentadas nessa reconstrução.

Essa sequência estrutura os capítulos os conteúdos dos capítulos 4, 5 e 6.

Por fim, a re-territorialização dos imigrantes venezuelanos em Londrina envolve a luta pela constituição de um novo cotidiano, tanto no aspecto funcional quanto simbólico (Haesbaert, 2011). Isso inclui a adaptação à nova cultura, formação de novos vínculos e manutenção de conexões com o território de origem. Esse processo será detalhado nos capítulos subsequentes, abordando a reprodução material e os aspectos simbólicos da apropriação do novo lugar.

4.2. Redes e Migração

Para apresentar o conceito de redes como um dos que constituem a base conceitual dessa dissertação dividiremos as chamadas redes sociais de migração em dois tipos que entendemos que são os que se aplicam a análise da migração venezuelana para Londrina. São eles: as redes migratórias e as redes de solidariedade.

O conceito de redes sociais migratórias é reconhecido por diversos autores como importante para superar as limitações das abordagens teóricas estabelecidas em relação ao estudo das migrações em várias ciências.

No passado, os instrumentais utilizados na análise dos contextos migratórios proporcionaram a produção de teorias capazes apenas de captar uma migração que favorecia um capitalismo otimizado e com um indivíduo envolvido positivamente nessa racionalidade. É preciso

pensar que as análises sobre migrações pautadas apenas nas ações capitalistas resultaram em “materialidades esparsas e diversas”, ou seja, os dispositivos instrumentais e teóricos acerca das migrações internas sob este ângulo e elaborados antes dos anos de 1980 deixaram de captar outros contextos que não apenas os relacionados às perspectivas capitalistas.

Neste sentido a introdução da discussão de redes como fator de análise do fenômeno migratório, por exemplo, pode possibilitar a compreensão de outras características importantes do processo, como as determinações culturais e sociais, é necessário que a análise incorpore elementos que até então eram desconsiderados ou ao menos considerados relevantes nos estudos migratórios.

A inserção de variantes como “a vontade própria”, faz com que as novas teorias a respeito de “migrações” passem a agregar análises das várias facetas de uma sociedade que se articula de forma mais concisa. Muitas têm sido as análises que se pautam na decisão de um indivíduo em sair de um lugar rumo a outro. Assim, é necessário pensar esse fenômeno dentro do contexto em que a migração sai do nível de determinação macro e passa ao nível micro, em que a motivação é vista com mais racionalidade, uma vez que envolve decisões pessoais (Brumes; Silva, 2011, p. 127).

Em nosso entendimento as redes de solidariedade e as redes migratórias são tipos específicos de redes sociais de migração. De forma mais objetiva podemos dizer que as redes migratórias referem-se às conexões sociais e familiares estabelecidas pelos migrantes para facilitar sua jornada e integração nos países de destino, enquanto as redes de solidariedade dizem respeito ao apoio e assistência oferecidos por indivíduos, grupos e organizações aos migrantes ao longo do processo migratório. Ambas desempenham papéis importantes no fluxo migratório, fornecendo recursos, suporte emocional e informações essenciais para os migrantes.

Nesse sentido, o processo migratório seria definido por estruturas sociais próprias a cada coletividade organizada localmente – comunidades que enviam e recebem migrantes teriam, teoricamente, redes e categorias diferenciadas, e o próprio processo de seleção e adaptação dos indivíduos dependeria dos constrangimentos estruturais de tais ‘redes comunitárias’ (Fazito, 2002, p. 6).

Através da análise dos dados que coletamos e das percepções geradas pelas entrevistas realizadas direcionamos as hipóteses dessa pesquisa para a existência de redes migratórias e redes de solidariedade, que unem não apenas o país de origem e o destino, para além disso, corroborando com a literatura em que nos baseamos (Truzzi, 2008; Fazito, 2002; Brumes, 2013) indicam que os fluxos migratórios não são meramente aleatórios, mas sim organizados através desses meios e que as redes contribuem no processo de re-territorialização.

Em seguida detalhamos um pouco mais sobre as redes migratórias e de solidariedade

4.3. Redes migratórias

As redes migratórias podem ser entendidas como estruturas sociais complexas que conectam migrantes, suas famílias e comunidades de origem e destino. Essas redes são caracterizadas por relações sociais e afetivas duradouras, baseadas em diferentes laços de ligação, que podem ser informais, como relações pessoais estabelecidas entre migrantes e suas famílias ou amigos, ou podem ser estruturadas de modo mais formal, como as que se estabelecem entre migrantes e organizações comunitárias ou grupos étnicos (Vale, Saquet e Santos, 2005, p. 23).

Por meio dessas redes, os migrantes obtêm informações sobre oportunidades de emprego, serviços, moradia e outros recursos no local de destino, bem como recebem apoio emocional e prático durante o processo migratório. Essa interconectividade entre os migrantes e suas interações sociais desempenha um papel essencial na redução dos riscos inerentes aos fluxos migratórios (Saquet e Mondardo, 2008, p.125).

No âmbito das redes migratórias, os laços de parentesco são frequentemente um componente central caracterizando-as, nesse caso, como “redes egocentradas” (Fazito, 2002, p.15). Os membros da família que já migraram atuam como porto seguro para os demais, fornecendo apoio emocional, orientação prática e compartilhamento de recursos. Através dessas conexões familiares, os migrantes podem obter informações específicas sobre seu destino (Truzzi, 2008, p. 202-203).

Além dos laços de parentesco, as redes de migração também podem ser formadas por meio de relações de amizade e vizinhança. Os amigos e vizinhos podem se tornar fontes de suporte para os migrantes, proporcionando apoio social, compartilhamento de informações e até mesmo assistência material durante o processo de adaptação.

As unidades efetivas da migração não são nem individuais nem domiciliares, mas sim, grupos de indivíduos ligados por laços (amizade, parentesco e experiência de trabalho) que incorporem o lugar de destino nas alternativas por eles consideradas como lugares para a mobilidade. (Vale; Saquet; Santos, 2005, p. 23).

Outro tipo de rede migratória é a formada por membros da mesma comunidade étnica. Migrantes que compartilham uma identidade étnica comum muitas vezes buscam conexões com outros membros da mesma comunidade no país de destino. Essas redes étnicas fornecem um ambiente culturalmente familiar e uma base de apoio para os migrantes, ajudando-os a superar desafios linguísticos, culturais e sociais.

[...] portanto, as migrações constituem uma experiência integrada do espaço sendo, entretanto, possível somente se os migrantes estiverem articulados em rede, através de múltiplas relações que, muitas vezes, estendem-se do local ao global. Entre os territórios de origem e de destino, há várias relações e vínculos sociais realizados pelos migrantes quando percorrem suas trajetórias e quando se reterritorializam. A construção dos territórios, na migração passa por uma dinâmica em redes que conectam diferentes nós interligados através dos vínculos e dos contatos estabelecidos. (Saquet; Monardo, 2008, p. 120).

É importante ressaltar que as redes migratórias não são unidirecionais, mas sim bidirecionais. Isso significa que as conexões entre migrantes e suas comunidades de origem permanecem ativas mesmo após o processo de migração. Os migrantes podem enviar remessas financeiras, fornecer apoio emocional e compartilhar informações com suas redes de origem, mantendo assim um vínculo contínuo e contribuindo para o desenvolvimento de suas comunidades de origem, conforme indicam Vale, Saquet e Santos (2005, p. 23):

A frequência e o volume das remessas enviadas pelos migrantes para o lugar de origem e as passagens previamente pagas por pessoas no destino, revelam a extensão da ajuda mútua, evidenciando a importância dos territórios e a extensão das redes sociais, pois estes participam da econômica do território de origem.

As redes migratórias também podem se estender além das fronteiras nacionais, formando redes transnacionais. Essas redes conectam migrantes em diferentes países, promovendo o intercâmbio de informações, recursos e influências culturais. Através dessas redes, os migrantes podem manter vínculos com sua terra natal, participar de atividades comunitárias transnacionais e até mesmo buscar oportunidades de trabalho ou educação em diferentes países.

As redes migratórias são dinâmicas e estão em constante evolução, se adaptando às mudanças nas circunstâncias e necessidades dos migrantes, bem como aos contextos sociais, políticos e econômicos nos quais estão inseridas. Novas

conexões são estabelecidas, outras se fortalecem ou enfraquecem ao longo do tempo, refletindo as transformações nas trajetórias e experiências migratórias dos indivíduos.

De qualquer modo, o emprego dos termos cadeias e redes, em suas acepções mais restritas ou abrangentes, procura sublinhar a circunstância de que muitos decidiam emigrar após informarem-se previamente das oportunidades (e dificuldades) com imigrantes anteriores, seja por carta, seja quando retornavam (Truzzi, 2008, p. 203)

Em resumo, o conceito de redes migratórias ou redes de migração abrange as estruturas formadas por conexões sociais e afetivas entre migrantes, suas famílias e comunidades de origem e destino. Essas redes desempenham um papel crucial nos fluxos migratórios, fornecendo apoio emocional, compartilhamento de informações, recursos práticos e oportunidades de integração para os migrantes.

Compreender melhor o funcionamento e a importância das redes migratórias torna possível o desenvolvimento de políticas e programas mais eficazes para a melhoria da qualidade de vida dos migrantes e a promoção da inclusão social em diferentes contextos migratórios.

4.4. Redes de Solidariedade

As redes de solidariedade representam um fenômeno social e comunitário que se estabelece através de laços de cooperação, apoio mútuo e compartilhamento de recursos especialmente com instituições e grupos de apoio organizados. Nessa condição se apresentam mais próximas do que Dimitri Fazito (2002, p. 15) denomina como “rede total”, pois vão além das conexões mapeadas a partir de indivíduos e, desta forma, possibilitam um olhar para políticas públicas instituídas, por exemplo, na escala local ou municipal, na escala regional ou estadual e certamente para políticas federais, especialmente no caso de migrações internacionais.

As “redes sociais na migração”, tanto quanto as “redes migratórias”, podem ser analisadas através de modelos baseados nas redes egocentradas (pessoais) ou totais – esse é um problema concernente ao desenho da pesquisa. As redes pessoais identificam o campo de relações sociais elaboradas em torno de um único ator (qualquer nó que forme a chamada “rede estelar”), e o foco de análise se estende no máximo a um terceiro ator sem contato direto (Degenne e Forsé, 1999; McCarty, 2001).

Por outro lado, a rede total é aquela na qual se apresentam diversos atores conectados uns aos outros (sem haver necessariamente um único centro), formando agrupamentos mais ou menos homogêneos (cliques) e revelando a estrutura social completa de uma coletividade de atores (ou nós). (Fazito, 2002)

Essas redes são fundamentais para o fortalecimento e a coesão social, promovendo a resiliência em face de desafios e adversidades. No contexto dessa pesquisa, o conceito de redes de solidariedade surge como uma forma de compreender as interações sociais que visam reduzir desigualdades, promover a inclusão social e atender às necessidades coletivas, sobretudo nos lugares de destino. Entretanto, essas redes podem surgir em diferentes contextos ao longo da rede de lugares, como comunidades locais, organizações não governamentais, grupos de apoio e movimentos sociais.

No âmbito das redes de solidariedade, os indivíduos as instituições, organizações e grupos se conectam para enfrentar questões sociais, econômicas, políticas ou ambientais, visando a promoção do bem-estar coletivo. Os elementos dessas redes podem assumir diversas formas, desde grupos informais até estruturas mais institucionalizadas, e podem abranger diferentes níveis, desde o local até o global (Vale; Saquet; Santos, 2005).

A empatia é um princípio central nas redes de solidariedade, que se baseiam na ideia de que indivíduos, instituições e grupos têm responsabilidades mútuas e compartilham interesses comuns. Essas redes buscam criar laços de interdependência e apoio, estimulando a cooperação e a colaboração entre os participantes. As redes de solidariedade podem ser entendidas como uma expressão da consciência coletiva, onde os indivíduos se reconhecem como parte de um grupo e se engajam em ações conjuntas para enfrentar desafios e promover o bem comum. Essas redes também podem fortalecer a participação cívica e a democracia, empoderando os indivíduos e ampliando suas vozes (Brito, 1995, p. 64-65)

Uma característica essencial das redes de solidariedade é a capacidade de mobilização e articulação de recursos. Por meio dessas redes, os indivíduos podem compartilhar conhecimentos, habilidades, serviços, recursos materiais e financeiros, promovendo a troca e a cooperação entre os participantes, que aponta Dimitri Fazito (2005, p. 2,3):

Nesse sentido, seu principal argumento é de que o migrante não se faz sozinho (...) é preciso estar conectado às estruturas sociais adequadas para que a migração se configure como estratégia coletiva (e individual, em outro momento) concreta e plausível.

As redes de solidariedade desempenham um papel crucial na diminuição das desigualdades sociais, promovendo a inclusão de grupos marginalizados e vulneráveis. Elas podem atuar na defesa dos direitos humanos, na luta contra a discriminação e no fortalecimento da coesão social.

Além disso, as redes de solidariedade têm um importante impacto no bem-estar individual e coletivo dos migrantes. Ao proporcionar apoio emocional, social e prático, essas redes contribuem para o fortalecimento das relações sociais, o combate ao isolamento e a promoção da saúde mental e emocional.

No contexto acadêmico, o estudo das redes de solidariedade é relevante para compreender as dinâmicas sociais, as formas de participação cidadã e os processos de transformação social. As redes de solidariedade também podem desempenhar um papel importante na construção de comunidades resilientes e sustentáveis. Ao promover a cooperação e a resiliência social, essas redes contribuem para a adaptação e a superação de desafios, como crises econômicas, desastres naturais e mudanças climáticas.

É importante destacar que as redes de solidariedade não estão isentas de desafios e limitações e na produção de eventuais constrangimentos estruturais aos migrantes. Questões como a desigualdade de acesso aos recursos, a fragmentação social e a falta de representatividade podem afetar a eficácia dessas redes. Portanto, é necessário promover a equidade e a participação inclusiva para fortalecer o potencial transformador das redes de solidariedade.

De fato, nesse último sentido, compreende-se que os vínculos sociais possam ser valorizados não apenas na sociedade de origem, instruindo a decisão de emigrar, mas também na sociedade de recepção, após a emigração. Daí o valor estratégico dos vínculos comunitários também no período de integração à nova sociedade (Truzzi, 2008, p. 210)

O avanço da tecnologia e das redes sociais tem possibilitado novas formas de organização e articulação das redes de solidariedade. As plataformas digitais têm facilitado a comunicação, a mobilização e o engajamento de indivíduos em causas sociais, ampliando o alcance e o impacto dessas redes (Santos, 2006, p. 185; 262)

As redes de solidariedade também desempenham um papel importante em situações de crise humanitária e deslocamento forçado. Organizações humanitárias e voluntários se mobilizam em redes de solidariedade para fornecer assistência e apoio às pessoas afetadas por conflitos, desastres naturais e outras emergências.

É válido ressaltar que as redes de solidariedade podem ser alimentadas e fortalecidas por valores éticos, como a justiça social, a igualdade, a empatia e o respeito pelos direitos humanos. Esses valores fundamentam as ações coletivas e norteiam a busca por sociedades mais justas e inclusivas (Brito, 1995).

Em suma, as redes de solidariedade são estruturas sociais que promovem a cooperação, o apoio mútuo e o compartilhamento de recursos entre os indivíduos. Essas redes desempenham um papel crucial na promoção da coesão social, na mitigação das desigualdades e na construção de comunidades resilientes e sustentáveis. O estudo dessas redes é fundamental para compreender as dinâmicas sociais, a participação cívica e os processos de transformação social, fornecendo subsídios para a construção de sociedades mais justas e solidárias.

4.5. Procedimentos metodológicos

Classificamos a pesquisa que desenvolvemos como quali-quantitativa e exploratória. Classificamos desta forma, pois a pesquisa visa proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo explícito e construir hipóteses como base para pesquisas futuras (Farias Filho; Arruda Filho, 2015) e apresentando dados de fontes secundárias, como bancos de dados públicos e primárias, ou seja, produzidas a partir de trabalhos de campo.

Os procedimentos metodológicos envolveram estudos bibliográficos a partir de produções oriundas de universidades públicas e privadas. Esse procedimento permitiu aprimorar a compreensão e o uso do conceito de redes nos processos migratórios. Há a preocupação em diferenciar e analisar os conceitos de redes de migração, redes de solidariedade e redes sociais em face de uma perspectiva geográfica, enfatizando a categoria Território.

Para a presente pesquisa, utilizamos de forma simplificada alguns elementos da análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011), com ênfase na categorização dos dados. Essa abordagem permitiu uma organização sistemática e

objetiva do conteúdo das entrevistas, possibilitando a identificação de padrões e motivações de cada entrevistado. A categorização facilitou a compreensão do fluxo migratório de cada indivíduo, proporcionando uma análise mais profunda e estruturada dos relatos coletados.

O processo de categorização envolveu a definição de categorias temáticas a partir das respostas dos entrevistados, agrupando informações semelhantes para melhor identificar as motivações que impulsionaram a migração. A metodologia de Bardin (2011) foi fundamental para assegurar a confiabilidade e validade da análise, permitindo uma interpretação detalhada e contextualizada das experiências migratórias dos venezuelanos em Londrina. Esse enfoque contribui para uma visão mais clara dos fatores que influenciam a decisão de migrar e as trajetórias individuais.

A análise de conteúdo facilitou a categorização de subcategorias, como as redes de solidariedade, os desafios enfrentados durante o deslocamento e as estratégias de adaptação no novo território. Para garantir a privacidade dos migrantes entrevistados foram criados pseudônimos a partir da combinação da inicial do nome de cada participante com sua idade. A categorização foi definida desse modo para que o migrante não perdesse sua individualidade ao ser associado apenas a um número. A abordagem metodológica, baseada nos princípios de Bardin (2011), proporcionou uma análise crítica e sólida das trajetórias dos imigrantes venezuelanos desde sua saída da Venezuela até sua re-territorialização em Londrina.

Para produção de dados primários e originais para a dissertação recorreremos à aplicação de entrevistas semiestruturadas, ou seja, apoiadas em um roteiro com o intuito de orientar o entrevistado a apresentar os pontos de interesse de análise da pesquisa, "contudo, a existência de um foco central que justifica o ato da entrevista em um projeto, recorta e conduz a possíveis maiores objetividades" (Meihsy; Holanda, 2022).

Realizamos sete entrevistas semiestruturadas¹² com mulheres de diferentes faixas etárias, para permitir que as entrevistadas pudessem expressar suas experiências e perspectivas de forma detalhada. A escolha por entrevistas semiestruturadas foi baseada na necessidade de explorar temas específicos,

¹² As entrevistas foram realizadas de acordo com os critérios éticos solicitados pela Plataforma Brasil, tendo aprovação do Comitê de Ética sob o Parecer 6.322.400 em 25 de setembro de 2023, conforme consta Anexo II.

enquanto se mantinha a abertura para novas abordagens que surgissem durante as conversas. As entrevistas foram realizadas em locais previamente acordados, proporcionando um ambiente confortável e seguro para as participantes.

Também foram realizadas entrevistas com trabalhadores do CRAS e da Cáritas.

Quadros 3 - Categorização das migrantes entrevistadas.

PESSOAS ENTREVISTADAS	GÊNERO	IDADE	TRAVESSIA DA FRONTEIRA	PAGOU PELA TRAVESSIA	DE MODO LEGAL	MEIO DE TRANSPORTE NO BRASIL	INTERIO-RIZAÇÃO	COMO SOUBE	MOTIVAÇÃO
Y34	Feminino	34	Avião	Sim	Sim	Ônibus	Não	Não	Crise política
Y36	Feminino	36	Ônibus	Sim	Sim	Ônibus	Sim	Polícia Federal	Saúde
I30	Feminino	30	Carona / Carro	Sim	Não - Coiote	Avião	Não	Outros migrantes	Crise política
R31	Feminino	31	Avião	Sim	Sim	Avião	Não	Não	Saúde
L47	Feminino	47	Ônibus	Sim	Sim	Avião	Sim	Outros migrantes	Saúde
L65	Feminino	65	Ônibus	Sim	Sim	Carro	Não	Não	Saúde
L42	Feminino	42	Ônibus	Sim	Sim	Avião	Não	Não	Crise política

Elaborado pela autora, 2024.

Quadros 4 - Categorização das migrantes entrevistadas II.

PESSOAS ENTREVISTADAS	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO BRASIL	CONTATOS EM REDES MIGRATÓRIAS INTERPESSOAIS	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO FLORES DO CAMPO	OCUPAÇÃO NA VENEZUELA	OCUPAÇÃO ATUAL	REDES DE SOLIDARIEDADE
Y34	4 anos	Esposo	3 anos e meio	Coordenadora de Ensino superior	Educadora Social	Sim - CRAS / IGREJA
Y36	5 anos	xx	1 ano e meio	Engenheira petroquímica	Desempregada	Sim - CRAS / IGREJA
I30	5 anos	Ex-sogro	4 anos e meio	Gestora ambiental	Trabalho informal	Sim - CRAS / IGREJA
R31	10 dias	Familiares e Pastor Luiz	10 dias	Camareira de hotel	Não tem	Sim - CRAS / IGREJA
L47	1 ano	Pastor Luiz	1 ano	Autônoma	Serviços gerais - Limpeza	Sim - CRAS / IGREJA
L65	1 ano e meio	Neta	1 ano	Fazia pastéis	desempregada	Sim - CRAS / IGREJA
L42	2 meses	Cunhada	2 meses	Do Lar	Do lar	Sim - CRAS / IGREJA

Elaborado pela autora, 2024.

As tentativas de entrevistar pessoas de outros gêneros não foram bem-sucedidas, pois apenas mulheres se dispuseram a participar, possivelmente por se

sentirem mais à vontade para compartilhar suas histórias com alguém do mesmo gênero.

É importante salientar que a aplicação da entrevista semiestruturada foi realizada com perguntas norteadoras com o intuito de estabelecer critérios para contemplar o tema abordado. Portanto, seus procedimentos, de certo modo, são parecidos com entrevistas tradicionais, sendo que a diferença está na presença de uma hipótese que é testada durante a entrevista (Meihy; Holanda, 2022).

As fontes secundárias documentais englobam dados quantitativos publicados junto ao IBGE, cadernos técnicos produzidos pela OBMigra, OIM, SMAS com o objetivo de analisar a perspectiva local no que tange à questão populacional. Para o levantamento do perfil socioeconômico da ocupação, será realizada coleta de dados secundários junto à Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS) e Gerência de Gestão de Informação (GGI) através do Sistema IRSAS e da Gerência de Transferência de Renda para dados de origem do Cadastro Único.

Na Geografia, os trabalhos de campo são de suma importância para o reconhecimento da área estudada, no sentido de colocar o pé no chão, sentir e experienciar o território, conforme Gil (2008, p. 57) aponta a importância e singularidade desse método: "[...] Num estudo de campo, a ênfase poderá estar, por exemplo, na análise de estrutura de poder local ou das formas de associação verificadas entre seus moradores". Nos trabalhos de campo, foram utilizadas as seguintes técnicas: observação simples e registro da observação através de caderneta de campo e registro fotográfico e também a aplicação dos questionários.

A observação simples caracteriza-se quando o pesquisador, permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que ocorrem no local (Gil, 2008, p. 101). O trabalho de campo, que permitiu a realização da observação, foi realizado uma vez a cada 30 dias, de acordo com a disponibilidade da equipe do CRAS responsável pelo território onde a ocupação se localiza.

Para a observação simples, é necessário um grau de controle para que ocorra um filtro na seleção das informações, além da interpretação necessária na classificação dos elementos a serem utilizados na produção científica, pois a presença do observador pode interferir na dinâmica do fenômeno analisado (Gil, 2008).

A caderneta de campo é um método importante para as análises, pois consiste em um tipo de registro com estruturação mais aberta, no qual o pesquisador possui liberdade para proceder às anotações (Gil, 2008).

As informações primárias de campo e os dados secundários obtidos junto ao IRSAS foram organizados em tabelas, gráficos, infográficos, figuras e mapas, conforme a informação ou ideias depreendidas. A tabulação dos dados levou em consideração a profundidade da informação e o que poderia oferecer na confecção do material.

Os dados filtrados para a produção dos mapas, tiveram as informações espacializadas através da plataforma gratuita do Google Maps, através da funcionalidade “My Maps” que permitiu representar de forma fidedigna os trajetos dos entrevistados (Venezuela-Brasil); as rotas a pé para os Equipamentos Públicos Urbanos (EPU's) e também a espacialização dos migrantes residentes em Londrina, sendo importante salientar que a representação dessa última informação fora realizada com raio de distância da localização real do indivíduo a fim de preservar sua privacidade. Após a espacialização das informações, os mapas foram confeccionados com o software ArcMap 10.8, as imagens utilizadas são oriundas do Google Satélite e do ortomosaico municipal (referência Infraero/2019) disponível na base de dados do SIGLON. Os shapefiles utilizados estão disponibilizados pela base de dados do SIGLON. O tratamento dos mesmos foi realizado no software ArcMap 10.8 e QGis 3.16. Para a produção de infográficos, gráficos e tabelas, utilizou-se o Pacote Office 2016 e a plataforma online Canva.

5. DES-TERRITORIALIZAÇÃO E CRISE HUMANITÁRIA NA VENEZUELA

Para analisar os fluxos migratórios venezuelanos que se dirigiram ao Brasil e, nesse contexto, a parcela do fluxo que veio para Londrina, é essencial compreender a profundidade da crise que assola a Venezuela.

Desde 2013, o país tem testemunhado uma escalada de tensões internas resultantes de problemas políticos e econômicos que progressivamente se agravaram, gerando uma crise humanitária sem precedentes em sua história. A situação levou milhões de venezuelanos a buscar refúgio e oportunidades em outras nações, incluindo o Brasil. A crise atual, que se intensificou progressivamente a partir de 2015, foi desencadeada por diversos fatores, incluindo a dependência excessiva do petróleo como principal fonte de receita associada a um baixo grau de diversificação da estrutura produtiva, embates geopolíticos, má gestão econômica e política, corrupção e erosão progressiva das instituições democráticas.

Segundo dados do ACNUR (2023), até o ano de 2023 mais de sete milhões e setecentas mil venezuelanos haviam saído de seu país, a maioria desses emigrantes cruzou as fronteiras venezuelanas entre 2017 e 2019¹³. Desse contingente cerca de seis milhões e quinhentas mil pessoas foram para países da América Latina e Caribe. Os dados sobre o número de venezuelanos no Brasil variam conforme o tipo de registro. Dados do Subcomitê Federal para Recepção, Identificação e Triagem de Imigrantes do Ministério de Justiça¹⁴ informa que, entre janeiro de 2017 e fevereiro de 2022, 702.222 venezuelanos entraram no Brasil. Dessas pouco mais de 700 mil pessoas 46% permaneceram no país, ou seja, 325.763 venezuelanos,

A diáspora venezuelana está diretamente ligada à desestruturação do cotidiano causada pela crise. Condições básicas de sobrevivência e reprodução social foram severamente atingidas, especialmente entre estratos mais pobres da população. A fome associada ao desabastecimento de grandes cidades e a hiperinflação produziram efeitos devastadores. Segundo a pesquisa ENCOVI (2018, p.6 e 17), no ano de 2017, 94% das famílias venezuelanas não contavam com rendimento suficiente para compra de alimentos. A situação de pobreza extrema se

¹³ Segundo dados da ENCOVI (2018, p.30) aproximadamente 80% dos venezuelanos que emigraram recentemente saíram do país nos anos 2017 e 2018. A pesquisa estima que cerca de 700 mil pessoas deixaram a Venezuela nesses dois anos.

¹⁴ Informe Mensal de março de 2022. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Subcomitê_federal/publicações/informe-migracao-venezuelana-jan2017-fev2022-v5.pdf. Acesso em janeiro de 2023

aplicava a 61% da população e, dentre a parcela mais pobre da população, 44% das pessoas apresentavam insegurança alimentar severa.

A hiperinflação que pode ser definida como aumento generalizado de preços em uma economia, que ocorre de forma acelerada e atinge porcentagens acima de 50% de variação mensal¹⁵, contribuiu para a situação de fome, insegurança alimentar e desabastecimento. Segundo dados do Banco Central da Venezuela, a inflação acumulada dos quatro primeiros meses do ano (janeiro a abril) do país passou de 50,2% em 2016 para 1047% em 2019, caracterizando a situação de hiperinflação. Nesse mesmo período as medias mensais da taxa de inflação saltaram de 14,4% em 2013 para 55,8 em 2018. Entre 2013 e 2017 o PIB da Venezuela sofreu uma redução de 37% (Corazza, Mesquita, 2018).

Outros aspectos como aumento da violência urbana, das tensões políticas internas e as sanções impostas pelos governos norte-americanos contribuíram para o agravamento da situação.

A crise humanitária explica o momento em que a diáspora Venezuela se configura e, com ela, um dado tipo de des-re-territorialização em massa que atingiu milhões de cidadãos desse país. Rogério Haesbaert (2011, p.245) afirma que, na migração, a “mobilidade é mais um meio do que um fim”, é um momento “em uma vida em busca de estabilidade”. Entendemos que, no caso da diáspora venezuelana, o processo envolve o momento da des-territorialização que analisamos neste capítulo, o momento da mobilidade, ou seja, o deslocamento físico e cultural entre territórios e o momento da re-territorialização.

No nosso entender, em termos teórico-metodológicos, essa forma de analisar a concentração de imigrantes venezuelanos na ocupação Flores do campo em Londrina-PR se aproxima da afirmação de Rogerio Haesbaert (2011, p.246) de que: “A migração pode ser vista como um processo em diversos níveis de de des-territorialização”. Consideramos que o deslocamento dos venezuelanos que vieram para Londrina se configura como uma migração forçada e que essa migração impôs a eles situações de grande vulnerabilidade, ou como denomina Rogério Haesbaert (2011, p.246, 247) de “acentuada des-territorialização”.

¹⁵ REIS, Tiago. Hiperinflação: entenda como funciona esse fenômeno econômico. Disponível: <https://www.suno.com.br/artigos/hiperinflacao/>, acesso 10/04/2024

Levando em conta a conjuntura atual da Venezuela é possível dizer que o tipo de des-territorialização a que foram submetidos os que imigraram se configura a partir de uma crise de governabilidade e que algumas das causas mais imediatas de sua emigração permitiria classificar essa migração como motivada por questões “políticas”. Mas, não se pode desconsiderar as questões econômicas e geopolíticas envolvidas nessa crise e, portanto, entendemos que há múltiplos fatores incidindo sobre ela e que a compreensão da situação requer um olhar mais atento para o processo histórico recente e para a territorialidade venezuelana.

Rogério Haesbaert (2011, p.248) afirma que esse tipo migração, em que se misturam questões políticas e econômicas tendem a fragilizar ainda mais os migrantes. O tipo de des-territorialização que se impôs aos emigrantes venezuelanos é complexo e a análise geográfica dessa questão exige que atentemos a sua dimensão temporal e espacial simultaneamente. Analisaremos um pouco mais a fundo essa questão no próximo tópico.

5.1. Uma breve análise temporal e espacial da crise: da era pré-Chavez à administração de Nicolás Maduro

A Venezuela enfrenta uma crise complexa na qual incidem múltiplos fatores: alguns ligados à política interna e a estrutura econômica e social do país e outros decorrentes de fatores externos de ordem econômica e geopolítica. Para compreender essa crise é preciso evidenciar questões fundamentais da economia política do território venezuelano e, portanto, de sua particularidade histórica e sua geográfica.

O período principal que consideramos vai de 2013, com a morte de Hugo Chaves e o início da administração de Nicolás Maduro, até o ano 2023. Para discutir essa década fazemos uma breve cronologia da economia política da Venezuela a partir da sucessão de governos e da dinâmica da economia petrolífera no período pós-guerra até a eleição de Hugo Chaves em 1998. Em seguida tecemos algumas considerações sobre a administração de Hugo Chaves, sua política bolivariana e suas relações com a economia petrolífera. Em seguida passamos a administração de Nicolás Maduro e à crise atual.

5.2. O Pacto de Punto Fijo e o chamado “período democrático”

A era pré-Chávez marcada por uma democracia bipartidária dominada por dois partidos políticos: a Ação Democrática (AD) e COPEI (Comité de Organización Política Electoral Independente). Segundo Villa (2005, p. 153), esse “período democrático”¹⁶ que vigorou entre 1958 e 1989, tinha como base de sua estabilidade um pacto populista de conciliação de elites, o chamado *Pacto de Punto Fijo*. A Ação Democrática e a COPEI se alternaram no poder tinham suas bases principais nas classes médias urbanas concentradas nas regiões metropolitanas e grandes cidades, localizadas sobretudo na porção norte e andina do território. Essa base social e territorial que se consolidou com o desenvolvimento da economia petrolífera desde os anos 1930.

Por tanto, a partir de la década del treinta, el petróleo se constituye en el factor fundamental para que el Estado consolide su incipiente naturaleza centralizadora y concentradora; pero también para que la fuerza de trabajo comience su transformación: a su sombra se gesta la clase obrera, se expande la clase media y se forma y fortalece el empresariado nacional (Trinca, 2013, p.129).

Ao analisar o espaço geográfico venezuelano, Delfina Fighera Trinca salienta com precisão como, ao longo do chamado período democrático e do desenvolvimento da economia petroleira, as disparidades socioeconômicas se tornaram crescentes na Venezuela e como se consolidaram as desigualdades regionais e uma urbanização concentrada, característica de países latino-americanos.

Los efectos de la abundancia de divisas se hacen sentir con mayor intensidad desde mediados del siglo pasado, con la política de sustitución de importaciones y la necesaria construcción de las bases materiales para el desarrollo nacional: modernización del campo, industrialización, red de carreteras; todo este dinamismo se acompañó del fortalecimiento del sistema de ciudades, pero también de la ampliación de los cinturones de pobreza en las principales ciudades, generándose un patrón urbano-concentrado con una dominante: las áreas metropolitanas del centro-norte, y otras aglomeraciones de menor jerarquía en el resto del país[...]

Esta situación contribuye para que los centros que históricamente habían detentado el poder político terminen por transformarse en aquellos donde también se localiza la dinámica económica, dándose de esta manera esa ‘sobreposición’ territorial de lo político y lo económico, alrededor de las relaciones sociales que surgen a la

¹⁶ Como assinalou Villa (2005), tratava-se de um pacto de conciliação entre as elites e de caráter populista, o Partido Comunista por exemplo, considerado como força desestabilizadora, foi excluído do chamado sistema democrático.

sombra de la distribución y consumo de la renta petrolera (Trinca, 2013, p.129).

O desenvolvimento econômico capitalista na Venezuela se baseou fortemente na transformação de sua economia de uma base agrário-exportadora de produtos como café e cacau, em uma economia fortemente concentrada na extração e exportação de petróleo (Trinca, 2013). Esse aspecto de sua economia política é importante para entender a crise atual, uma vez que a dependência dos preços internacionais do petróleo condiciona fortemente a estrutura social e o cotidiano desse país.

Es importante señalar que la lógica del modelo de desarrollo adoptado fue la de consumir primero y producir después. Esta lógica se sustentó, entre otras cosas, en la decisión política de mantener sobrevaluada la moneda nacional (bolívar), pues esto le permitía al Estado mantener un flujo constante de bolívares, pero una cantidad substancialmente mayor de dólares. Esta decisión también facilitó un aumento impresionante del ingreso nacional, el cual se transfiere a la sociedad venezolana que, de esta forma, adquiere el hábito de consumir todo tipo de bienes importados. Así se estructura una economía abierta a las importaciones, pero cerrada a las exportaciones no petroleras, ya que la sobrevaluación del bolívar no favorecía que parte de la producción nacional de origen no petrolero pudiese colocarse, de manera competitiva, en el mercado externo (Trinca, 2013, p.129).

A concentração da produção venezuelana em torno da extração e exportação do petróleo afetou a estrutura econômica tornando-a pouco diversificada e, como afirma Delfina F. Trinca: *“habituada a consumir primeiro e produzir depois”*. O consumo interno se manteve abastecido por meio de importações. O trecho citado acima, na frase *“o hábito de consumir todo tipo de bens importados”* aponta que o consumo de produtos importados se tornou parte do cotidiano do país. Essa característica da economia venezuelana se manteve com poucas alterações até os dias atuais. Esse aspecto da estrutura socioeconômica e espacial venezuelana ajuda a entender as razões pelas quais houve desabastecimento e racionamento de produtos básicos como medicamentos, alimentos e produtos de higiene pessoal, gerando fome e aumento da violência urbana que caracterizam a crise atual, intensificada a partir de 2013 com a morte de Hugo Chaves. Segundo o site Portal Contemporâneo da América Latina¹⁷: *“Calcula-se que cerca de 50% das necessidades básicas de consumo da população venezuelana fossem atendidas por importações em 2013”*.

¹⁷ Disponível em << <https://sites.usp.br/portallatinoamericano/apresentacao>>>, acesso em maio de 2024.

Voltando a uma breve cronologia da crise atual que explica, em grande parte, a chamada diáspora venezuelana e a des-territorialização específica ligada a ela, na década de 1980, a chamada década perdida, a combinação entre neoliberalismo e crise econômica evidenciou a desigualdade e a insatisfação popular com a estrutura política e econômica que vigorava na Venezuela desde os anos 1960.

Essa insatisfação criou um ambiente político propício para mudanças radicais. O agravamento dos embates internos se materializou no chamado “Caracaço”¹⁸ e em outras manifestações populares que contra o governo de Carlos Andres Perez. A tentativa de golpe de 1992, liderada pelo então tenente-coronel Hugo Chávez foi um prenúncio de uma virada política iminente que se concretizaria com sua vitória na eleição presidencial de 1998¹⁹.

5.3. Hugo Chavez e a “Revolução Bolivariana”

A administração de Hugo Chavez tem início em 1999 e, a partir daí, mudanças institucionais profundas começaram a ser implantadas.

Chávez assumiu a presidência da Venezuela em fevereiro de 1999 e, em julho do mesmo ano, promoveu eleições para a eleição de Assembleia Nacional Constituinte (ANC), que produziria uma nova constituição em substituição àquela de 1961. As forças chavistas obtiveram esmagadora maioria na ANC, elegendo 125 deputados, enquanto a oposição só conseguiu eleger seis. Aprovada em dezembro de 1999, a nova Constituição tem entre suas fortalezas o fato de ter estabelecido novas pautas para a reestruturação do poder judiciário e de ter elevado a *cinco* os poderes públicos: além dos três poderes clássicos (Executivo, Legislativo e Judiciário), somaram-se o Poder Cidadão e o Eleitoral [...]. Além disso, a nova Constituição, que alteraria o nome da Venezuela para República Bolivariana de Venezuela, concedeu também o voto aos militares e transformou o poder legislativo de bicameral em unicameral, sendo sua instância máxima a Assembleia Nacional (Villa, 2005, p.162).

¹⁸ O “Caracaço” (em espanhol, Caracazo) foi **uma explosão social espontânea**, de grandes proporções, ocorrida em Caracas, na Venezuela, no dia 27 de fevereiro de 1989, em repúdio ao pacote de medidas econômicas imposto pelo governo de Carlos Andrés Pérez. Fonte Wikipédia. Disponível em <<Caracaço – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)>>. Acesso em abril de 2024.

¹⁹ Entre 1993 e 1998 um dos fundadores da COPEI e político veterano muito identificado com o *Pacto de Punto Fijo*, Rafael Caldera se elege presidente com cerca de 30% dos votos. Esse seria uma espécie de último suspiro do pacto político elitista.

A administração de Hugo Chávez propunha uma plataforma de reforma radical e redistribuição de riquezas, sua política conhecida como "Revolução Bolivariana", visava transformar politicamente e socialmente a Venezuela.

Chávez e seus aliados promoveram uma profunda revisão da carta constitucional de 1961, conforme indica o trecho citado do artigo de Rafael Duarte Villa (2005). Inicialmente essas reformas se deram de forma democrática, isto é, a partir da aprovação popular e de maioria parlamentar obtida nas eleições de 1999. Essa revisão lhe permitiu centralizar o poder nos órgãos executivos de seu governo e ampliar o tempo de sua permanência no cargo, Chavez governou a Venezuela por 14 anos, entre 1999 e 2013. Este período também foi marcado por uma maior estatização da indústria do petróleo, o principal recurso econômico do país.

Assim que toma posse, em 2 de fevereiro de 1999, dá início ao processo de um referendo para reescrever uma nova Constituição e submetê-la a votação popular. Aprovada, a Constituição de 1999 trouxe instrumentos de democracia direta, como a figura do referendo revogatório de meio de mandato – em teoria capaz de tirar o presidente do cargo –, mas também elementos não democráticos. Ao ampliar funções dos militares em funções além das de segurança, por exemplo, a nova Carta coloca em xeque a subordinação de militares a civis, um atributo da democracia liberal. Em termos simbólicos, a primeira eleição de Chávez refletiu tanto a vontade de mudança quanto um sentimento de identificação das camadas mais populares com ele. Não era possível saber, contudo, que tinha início ali um longo processo de polarização, que se aprofundaria e dividiria o país entre chavistas e não chavistas não apenas na política, mas também na arena social, nas relações cotidianas e na própria geografia – em Caracas, por exemplo, há bairros e até mesmo bares chavistas e não-chavistas (Gombata, Marsília, 2023).

Economicamente, o governo Chávez beneficiou-se dos altos preços do petróleo nos primeiros anos da década de 2000. Entre 2001 e 2008 o preço do barril de petróleo bruto subiu continuamente, passando de 33,83 para 110,72 dólares o barril (Cathcart, 2018, p.41). Esses preços elevados e aumento da renda petrolífera auxiliaram no financiamento de programas sociais extensivos e populares²⁰.

²⁰ A partir da administração Chaves a PDVSA, a empresa estatal que controla o petróleo venezuelano, passou a ser um dos canais pelos quais a renda petrolífera foi, em parte, direcionada para gastos sociais. Segundo Gustavo Cathcart (2013, p. 42) *“no ano de 2003, a PDVSA contribuiu, segundo o ministro Ramírez, com 6,3 bilhões de dólares para a construção de escolas, universidades, moradias, estradas, contribuições para as missões sociais. Em 2005, a PDVSA destinou 4 bilhões de dólares para a área social, em apoio às missões de inclusão”*.

Entretanto, a falta de diversificação econômica e a dependência do petróleo tornaram a Venezuela extremamente vulnerável a flutuações nos preços do mercado mundial e a pressões externas, motivadas por questões geopolíticas (Ismael et.al, 2023).

Durante a presidência de Chávez, houve significativas mudanças na política externa. A Venezuela fortaleceu laços com países socialistas e antiamericanos, como Cuba, Irã e Rússia, e liderou a criação de blocos regionais como a ALBA (Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América) para contrapor-se à influência regional dos EUA.

Em termos geopolíticos, o que se observa é que quanto mais se afastava dos EUA, mais a Venezuela se aproximava de Cuba e outros desafetos de Washington no cenário internacional, como Rússia, Irã e China – que, a partir da crise econômica que começa em 2014, passa a ser a principal fonte de financiamento de Caracas. Essa configuração geopolítica de oposição aos EUA ganhou força com o início da Onda Rosa na América Latina, quando políticos de esquerda e centro-esquerda ascenderam ao poder no início dos anos 2000 (Gombata, Marsília, 2023).

Chávez também provocou disputas territoriais, reivindicando a *Guiana Essequiba*, o que gerou tensões com a Guiana.

Hugo Chávez faleceu em março de 2013 após anos de luta contra um câncer. O período seguinte corresponde a administração de Nicolás Maduro que assumiu o em abril do mesmo ano.

5.4. A administração de Nicolás Maduro: instabilidade política, econômica e crise humanitária

Nicolás Maduro, sucessor indicado pelo próprio Chavez, assumiu o poder em 19 de abril de 2013. O cenário no qual se inicia sua administração era muito menos favorável que o de seu antecessor. A queda nos preços do petróleo reduziu a principal fonte de receita externa da Venezuela.

Em 2014, segundo ano da administração de Nicolás Maduro, o preço do barril de petróleo bruto era de US\$ 102,45 e em 2017, no auge da crise venezuelana, baixou quase pela metade, chegando a US \$ 52,19 (Cathcart, 2018, p.57). Em 2020, em

função da pandemia e da redução do consumo de combustíveis, o preço do barril chegou a US \$ 51,26, recuperando-se em 2023 e subindo para US \$ 77,04²¹.

A dependência excessiva do petróleo como principal fonte de receita do país expôs a economia a flutuações nos preços globais do petróleo. A queda significativa nos preços do petróleo a partir de meados da década de 2010 agravou a situação financeira, minando as bases da economia venezuelana.

A Venezuela tem as maiores reservas de petróleo do mundo - e o recurso é praticamente a única fonte de receita externa do país. Após a Primeira Guerra Mundial, sucessivos governantes venezuelanos deixaram o desenvolvimento agrícola e industrial de lado para focar em petróleo, que hoje responde por 96% das exportações - uma dependência quase total. A aposta no petróleo foi segura durante anos e deu bons resultados nos momentos em que o preço do barril estava alto(...)Mas, em 2014, o preço do petróleo desabou. (Mesquita e Corazza, 2019, p.2).

A economia venezuelana foi profundamente afetada pela queda dos preços do petróleo no mercado internacional, uma vez que o petróleo representa mais de 95% das exportações do país. A incapacidade do governo de diversificar a economia e implementar políticas econômicas sustentáveis deixou a Venezuela extremamente vulnerável a choques externos, resultando em uma hiperinflação descontrolada.

Num primeiro momento se observa que a crise político-socioeconômica instalada na Venezuela é em função da desestabilização governamental e, concomitantemente, ruiu-se a estrutura econômica do país, com isso, refletindo diretamente na sociedade, parte mais vulnerável, provocando escassez de trabalho, baixa produção endógena, redução drástica do poder de consumo o que refletirá em altos índices inflacionários, bem como, na falta de itens de consumo de primeira necessidade (MENDES, SILVA e SENHORAS, p. 119, 2022).

Na administração de Nicolás Maduro o Estado venezuelano não contava mais com o mesmo volume de recursos financeiros trazidos pela renda petrolífera na era Chavez. Isso afetou algumas de suas políticas distributivas. O descontentamento popular cresceu e aprovação do governo Maduro caiu. O novo governo adotou uma postura ainda mais autoritária para manter o controle, o que incluiu a prisão de opositores políticos e o controle da mídia:

A escalada dos problemas econômicos e sociais na Venezuela e a adoção de medidas consideradas autoritárias pelo governo Maduro,

²¹ Fonte: disponível em <<https://exame.com/economia/preco-do-petroleo>>

como prisão de oponentes, fizeram com que o presidente perdesse apoio até de aliados (BBC, 2019).

As eleições presidenciais de 2013 e 2018, ambas vencidas por Nicolás Maduro, foram marcadas por alegações de fraude e baixa participação eleitoral, diminuindo a legitimidade de seu governo. Em entrevista para a editoria “Hoje na História”, Gombata (2023) ressalta que a postura adotada por Maduro sendo decisiva em seu mandato:

Um divisor de águas em seu governo foi o ano de 2015, quando Maduro cruzou a linha vermelha que separa democracia e autoritarismo, ao impedir a oposição de tomar posse e formar maioria qualificada na eleição legislativa de 2015. Nos processos eleitorais do país, apesar de não haver comprovação de fraude nas urnas, com manipulação dos resultados, há forte pressão sobre eleitores para que votem no governo, especialmente funcionários públicos e beneficiários de programas sociais. O governo Maduro também bloqueou qualquer tentativa de realização de referendos revogatórios de meio de mandato, indicando que o próprio chavismo não quis se submeter às próprias regras que criou. Durante seu governo ainda, cresceram denúncias de corrupção no setor público, especialmente envolvendo a petroleira estatal PDVSA.

A crise política exacerbou-se com a proclamação de Juan Guaidó como presidente interino em 2019, reconhecido por diversos países, criando um impasse.

Em 5 de janeiro, Guaidó foi empossado presidente da Assembleia Nacional, se comprometendo a liderar um governo de transição que convoque eleições. Em diversas declarações, convida os militares a romper com Maduro, a quem chama de "ditador" e cuja reeleição diz ser uma fraude (G1, 2019).

A combinação de instabilidade política e econômica e de sanções internacionais transformou essas crises particulares em uma crise humanitária. Em resposta à crise humanitária, a comunidade internacional impôs mais sanções ao governo Maduro, visando pressioná-lo a restaurar a “ordem democrática”.

Essas sanções na verdade foram, em grande parte, uma estratégia norte-americana para desestabilizar o governo venezuelano. Essas sanções começaram no governo de Barak Obama e recrudesceram na administração de Donald Trump (Ismael et. all, 2023, p.125). As sanções norte-americanas têm sido criticadas por agravarem ainda mais a crise econômica, afetando diretamente a população civil e dificultando a importação de bens essenciais. Esses são alguns dos fatores externos que compõem o aspecto geopolítico da crise venezuelana.

No cenário internacional, Maduro tem buscado apoio de aliados tradicionais da era Chávez, como Rússia, China e Cuba, para contornar as sanções e fortalecer sua posição. A dependência da Venezuela em relação a esses países tem crescido, especialmente em setores como o financeiro e o petrolífero, onde investimentos e empréstimos têm sido cruciais para a sobrevivência do regime (G1, 2019).

Na escala regional, isto é, no contexto sul-americano, há fatores geopolíticos ligados às tensões regionais com os governos do Brasil, que gradativamente se iniciaram com a gestão de Michel Temer na presidência da república, após o *impeachment* do governo Dilma Russef, do Partido dos Trabalhadores. Tensões que aprofundaram com a ascensão da direita bolsonarista²². Houve também problemas semelhantes com o governo Colombiano.

A partir de 2013, a crise política e econômica desencadeada pela redução do preço do petróleo, pela dependência da sociedade venezuelana dessas exportações, pelas sanções norte-americanas e por conta da estrutura produtiva pouco diversificada se tornou também uma crise humanitária. É justamente essa crise humanitária, caracterizada pela fome, pelo desabastecimento de seu mercado interno, desemprego, aumento da violência urbana, hiperinflação, sanções internacionais, entre outros aspectos que levou milhões de pessoas a deixar o país²³ e buscar refúgio e oportunidades em outras nações, incluindo o Brasil.

5.5. Crise e des-territorialização: caracterização a partir dos relatos de imigrantes venezuelanos residentes em Londrina-PR

A crise na Venezuela é um ponto de partida crucial para entender a des-territorialização específica a que foram submetidos os imigrantes desse país. Trata-se migrações forçadas que cruzam fronteiras entre os dois países. Conforme Haesbaert (2011) nos aponta, a des-territorialização ocorre quando pessoas, objetos ou ideias

²² O principal indicador dessas tensões foram os fechamentos de fronteira entre Brasil e Venezuela impetradas pelo governo Maduro em dezembro de 2016 e especialmente em fevereiro de 2019. Segundo Paula Moreira, (IPEA, 2021, p.9), o fechamento da fronteira em 21 de fevereiro de 2019 se deu a partir de *“tentativas do líder da oposição de trazer carregamentos de ajuda humanitária em caminhões via cidade fronteira de Pacaraima, em Roraima. O fechamento foi uma resposta do governo vizinho às declarações de apoio do governo brasileiro aos planos do grupo opositor”*.

²³ Em 2018, durante seu discurso de posse, a alta comissária para os direitos humanos na Organização das Nações Unidas (ONU) reconheceu que *“Aproximadamente 2,3 milhões de pessoas haviam abandonado o país até 1º de julho – cerca de sete por cento da população total”* (Moreira, 2013, p.8).

perdem conexões com o território a que estavam originalmente vinculados. No caso venezuelano, a migração massiva de cidadãos representa uma perda significativa de conexões com o território nacional original, à medida que indivíduos e famílias buscam refúgio e recomeço em outras nações. São migrações internacionais nas quais mecanismos de controle e fronteira ligados ao caráter zonal e funcional dos territórios (Haesbaert, 2011) incide com força sobre essa forma de mobilidade.

Uma terceira figura, a do migrante, é associada por Deleuze à des-territorialização relativa, e sua mobilidade é, de alguma forma, não só uma “mobilidade [relativamente] controlada” como também é direcionada, inclusive pela definição mais simples de “imigrante”, sempre referida à transposição de uma fronteira politicamente constituída (Haesbaert, 2011, p. 245).

O processo de des-territorialização ligado à migração internacional é complexo. A maioria dos venezuelanos que deixaram seu país para vir ao Brasil deslocaram-se geograficamente, ou seja, enfrentam ao mesmo tempo uma mudança de local, uma desvinculação de suas raízes culturais e relações sociais vividas no cotidiano, por exemplo, enfrentam o uso de outro idioma, e enfrentam os desafios de constituir novos vínculos e relações cotidianas em um lugar novo e desconhecido.

O tipo de des-territorialização envolvido na diáspora venezuelana exerce forte influência sobre os imigrantes. A crise venezuelana e o subsequente fenômeno de des-territorialização e re-territorialização ressaltam a fluidez das identidades modernas e a complexidade dos processos migratórios globais, por isso:

Mais uma vez é indispensável destacar que esta entidade abstrata denominada “migrante” é, na verdade, um somatório das mais diversas condições sociais e identidades étnico culturais. Assim, sintetizando, devemos falar em des-territorialização do migrante como um processo altamente complexo e diferenciado (Haesbaert, p 249, 2011).

As experiências dos migrantes venezuelanos com que tivemos contato desafiam as noções estáticas de cultura e identidade, mostrando como a mobilidade humana está profundamente interligada com mudanças constantes no significado e na prática de estar "em casa" em um mundo globalizado. Assim, a crise venezuelana não apenas catalisou um movimento de pessoas, mas também transformou as estruturas culturais e sociais que definem o que significa pertencer a um lugar.

Elementos básicos do cotidiano como o cuidado com os filhos têm de ser reconstruídos. Esse é um dos desafios que enfrentam ao chegar aos novos destinos

quando buscam se reintegrarem e manterem um padrão de vida similar ao que tinham na Venezuela²⁴. Para exemplificar um pouco essa situação vamos apresentar alguns dados obtidos ao longo de nossa vivência com imigrantes latino-americanos localizados na ocupação Flores do campo e em outros pontos do município de Londrina.

O perfil dos migrantes localizados na ocupação Flores do Campo em Londrina é, em grande parte, composto por mulheres com filhos, que se tornaram particularmente vulneráveis durante essa transição. Essas mulheres, muitas vezes, são as principais provedoras de suas famílias e possuem jornada dupla, ou seja, envolve a busca de inserção no mercado de trabalho e o cuidado com seus filhos em um ambiente novo e desconhecido. Em entrevistas realizadas com mulheres imigrantes residentes no Flores do Campo²⁵, em conversas informais com outros imigrantes venezuelanos residentes Londrina e seções do grupo ICC²⁶, acompanhamos discussões sobre o tema maternidade. Por meio desse conjunto de conversas, fomos informados que na Venezuela não há creches e sim centros de convivência onde as mães se encontram e realizam trocas sobre a maternidade. Por isso, culturalmente falando, há uma tendência de maior zelo coletivo para com suas proles no sistema venezuelano. Como o sistema de creches em Londrina não apresenta essas práticas, as mulheres venezuelanas que são mães relatam uma dificuldade maior para se adaptar à jornada dupla de trabalho e cuidado familiar aqui no Brasil. Voltaremos a esses assuntos no capítulo 5, quando discutiremos a reterritorialização precária dos venezuelanos no Flores do Campo.

A migração dos venezuelanos para Londrina pode ser entendida como forçada devido ao impacto devastador da crise econômica sobre condições básicas de vida em seu país de origem. Conforme descrevemos no início deste capítulo o impacto da hiperinflação é uma das características mais devastadoras da crise

²⁴ Como pudemos observar nos encontros promovidos pelo grupo ICC e através de trabalhos de campo, entrevistas e conversas informais, a situação financeira em Venezuela não era de vulnerabilidade no período anterior à crise atual, intensificada a partir de 2015. Pelo contrário, a maioria das pessoas que ouvimos e com quem conversamos possuía empregos estáveis, formação em Ensino Superior e bens próprios.

²⁵ As entrevistas dirigidas são parte dos procedimentos metodológicos que embasam essa dissertação e foram realizadas entre setembro de 2023 e abril de 2024.

²⁶ Encontros temáticos promovidos pelo grupo ICC

econômica, pois a partir desse ponto serviços básicos e itens de subsistência se tornaram praticamente inacessíveis para grande parte da população.

Relembramos aqui o dado da pesquisa ENCOVI (2018) de que, em 2018, 94% das famílias venezuelanas não contavam com rendimento suficiente para compra de alimentos. Taxas inflacionárias astronômicas que, segundo o Banco central da Venezuela, atingiram a cifra de 1049% ao ano em 2019, minaram o poder de compra da moeda local, desvalorizando drasticamente o bolívar venezuelano.

A inflação na Venezuela chegou a índices tão elevados com uma hiperinflação de 1.000%, que chegou a faltar o papel necessário para produzir a cédula bolivariana. A população perdeu seu poder de subsistência, com a desvalorização dos salários, que não alcançavam mais para comprar alimentos, vestimentas, produtos, sendo eles mínimos para uma vida cotidiana (WENDLING; NASCIMENTO e SENHORAS, p. 6, 2022).

Os agentes econômicos locais passaram a adotar o dólar americano como moeda e a exigir preços ainda mais altos quando uma compra era feita em moeda local. Esses dados e seu impacto no cotidiano das pessoas são confirmados pelo relato coletado em entrevista em 22 de janeiro de 2024:

Lá também está dolarizado. Não temos nossa moeda. Aqui também pode usar dólar, mas vocês têm o real. Lá se não comprar em dólar o valor é diferente, por exemplo, se você quer esse papel e é 20 dólares, mas você quer pagar em reais eu falo que é 30 reais. Quando você compra em dólar é esse preço, mas se você compra em bolívares é esse (Y34, 2024).

Esse fenômeno resultou em uma escalada dos preços dos bens essenciais, impossibilitando o acesso da população a itens básicos, como alimentos, medicamentos, artigos de higiene pessoal e serviços de saúde.

Conforme já apontamos, a crise econômica e a política se fundiram, gerando a crise humanitária. Um dos argumentos para essa afirmação são os desdobramentos econômicos da crise política, entre eles o aumento da corrupção.

Durante o período de crise na Venezuela, houve um aumento significativo da corrupção no governo, exacerbando ainda mais os problemas econômicos e sociais enfrentados pelo país. O controle estatal sobre a indústria petrolífera proporcionou oportunidades para a corrupção em larga escala, com funcionários do governo envolvidos em esquemas de suborno, desvio de fundos e má gestão dos recursos petrolíferos do país. A falta de transparência e prestação de contas permitiu que a

corrupção florescesse, minando ainda mais a confiança pública nas instituições governamentais.

O desgaste político ocorre especialmente em função da perda de poder econômico após sucessivas baixas de índices do preço de sua principal commodity, além disso, surgem cooptações de militares que se tornam aparente se corrobora para projeção de protestos e aumento da crise no país (MENDES, SILVA e SENHORAS, p. 119, 2022).

Além disso, a crise econômica aguçou os incentivos para a corrupção, à medida que os recursos escassos eram disputados e as oportunidades de enriquecimento ilícito se tornavam mais atraentes para os funcionários públicos e empresários corruptos. As entrevistas realizadas durante o trabalho de campo trazem dados para reforçar a intensificação da corrupção e seus desdobramentos na vida das pessoas.

É que assim, os policiais de “nós” são muito corruptos. Aqui falam ah aqui também, mas não são tão descarados e corruptos como de Venezuela (...) Se você é polícia, você chega e fala “ah acabou meu salário já”, lá eles dão uma hora pra gente conseguir o dinheiro, caso formos pego em casa. Vai de duzentão em duzentão e fazem a vida deles. Guardas militares falam que tá chegando um negócio novo e vão lá para pedir algo se não fecham imediatamente o local. Eu amo meu país, é um país maravilhoso, tem muitas coisas boas, mas a economia e o governo não. Você, seu país é grande, entram 10 venezuelanos no país e os militares não estão com o governo. Lá o governo manipula. Meu cunhado é militar e fala que se ele for é traição à pátria, mas os militares grandões vão para os EUA e qual a traição à pátria deles? Não pode ser assim, eu falo é igual pra um e pra outro (Y34, 2024).

A escassez de alimentos e medicamentos, por exemplo, criou um mercado negro lucrativo controlado por indivíduos ligados ao governo, que se beneficiavam da distribuição preferencial de recursos escassos em troca de subornos ou favores políticos. A corrupção também minou os esforços para enfrentar a crise humanitária na Venezuela, com recursos destinados à assistência social e programas de saúde sendo desviados para enriquecimento pessoal de funcionários corruptos. Isso exacerbou a escassez de alimentos e medicamentos, agravando o sofrimento da população venezuelana e contribuindo para a migração em massa de venezuelanos em busca de condições de vida melhores em outros países.

Além disso, a crise econômica e social na Venezuela tem implicações profundas na estrutura social do país. O aumento do desemprego, a pobreza

generalizada e a deterioração das condições básicas de vida, a exemplo do aumento da insegurança alimentar (ENCOVI, 2018), provocaram uma profunda desestabilização social.

A escassez generalizada de produtos básicos é uma consequência direta da instabilidade econômica e é agravada por fenômenos de natureza política como o aumento da corrupção praticada por alguns funcionários públicos.

A gestão ineficiente excessivamente assentada na renda petrolífera também agrava os problemas. Setores como agricultura e indústria foram afetados por políticas governamentais inadequadas, expropriações e uma infraestrutura degradada. Como resultado, a população enfrenta uma falta crônica de alimentos e itens essenciais, muitos dos quais chegam ao país por meio de importações que se tornaram mais escassas com a crise da moeda e as sanções norte-americanas.

Além das necessidades básicas de subsistência, a melhoria das condições de vida para suas famílias foi um motivador significativo para os venezuelanos que migraram para Londrina. A busca por um ambiente onde pudessem garantir uma alimentação adequada, acesso à saúde e educação para seus filhos foi essencial, como apontado pela entrevistada Y34 que optou por migrar da Venezuela para outro país para ter melhores condições para seus filhos.

Primeiramente eu estava grávida de meu neném que tem agora 5 anos e ele migrou para Peru. Ele falava que não dava pra alimentar as crianças, então dizia nossa você está grávida e agora? Vou de férias visitar minha irmã e eu falei tá bom. Depois de uma semana ele me mandou por mensagem “amor eu vou embora” e eu perguntei vai pra onde e ele disse para o Peru. Você pensa, eu estava grávida e falei pra ele que ele estava doido e ele falou que em Venezuela não iria conseguir manter as crianças. (...) Quando cheguei aqui eu pensei graças a deus. Cheguei dia 08 e dia 09 fui pra supermercado comprar porque eu estava de aniversário, comprei um bolo, um negócio. Fomos ao supermercado e menina, eu estava há tempos sem fazer supermercado de encher o carrinho (Y34, 2024).

Mais uma vez os relatos das pessoas entrevistadas corroboram a gravidade da crise e expõem o modo como vivenciaram esse período e como isso afetou a decisão de migrar. Ao descrever um diálogo da filha com o marido em um supermercado de Londrina, uma das entrevistadas revela como a escassez e a dificuldade de adquirir alimentos foi internalizada por sua filha.

Em Venezuela? Nunca. Eu nunca havia enchido um carrinho. E ele comprou fralda e ele perguntou para minha filha você quer bolacha? E

ela falou: “você consegue pai?” Ele: “eu consigo, pode levar dois ou três”. Eu falava que era muito *custoso* e ele dizia “calma, você não está mais na Venezuela, calma eu tenho dinheiro”. (Y34, 2024)

O colapso do sistema de saúde é outro componente crítico da crise social. A escassez de medicamentos, a falta de equipamentos médicos e a emigração de profissionais de saúde qualificados contribuíram para uma deterioração significativa dos serviços de saúde. A população venezuelana enfrenta desafios consideráveis para acessar tratamentos médicos básicos, aumentando a vulnerabilidade diante de epidemias e outras emergências de saúde, conforme o relato da entrevistada Y34.

A saúde nem se fala. Lá você vai fazer uma cirurgia, eles te dão dois papéis assim (ela pega o termo para ilustrar). Primeiro o que você precisa para sua cirurgia e na segunda o que os médicos precisam. Uniforme, touca. Você tem que comprar, paga desde a luva até a touquinha do médico, tudo, do paciente, da enfermagem e do médico. Se você tem cirurgia, você tem que levar sutura, anestesia, remédios (...) Meu tio é diabético e precisa de coisas específicas. Perguntei se precisava de gase, comida e ele precisava de uma ferramenta. Sabe que diabético não cicatriza, a ferramenta é como se fosse um cateter que vai suturando e vai queimando. Foi 700 reais, com esforço, meu auxílio foi todo lá, meu marido falou que é caro, mas eu falei que era questão de saúde e ele precisava de bisturi tudo especial e eu falei pra ele por que não falou antes? Foram mais 300 reais, foram 1000 reais, vamos *cambiar*. Então uma *persona* ia morrer se eu não tivesse conseguido essa ajuda com a prefeitura. Lá tem turistas e eu penso que se precisar ir a um posto de saúde sem dinheiro o que vai fazer? Venezuela é linda, eu amo Venezuela, mas tem umas decadências na saúde. (Y34, 2024)

A escassez generalizada de alimentos e medicamentos é ainda agravada pela fome e pela dificuldade de ter acesso a serviços básicos de saúde e educação que foram também mercantilizados e encarecidos. Segundo Y34: **“A realidade de Venezuela é essa, muita gente migra porque não tem como alimentar seu filho. Se estiver grávida como será o parto se você tem que levar tudo até a sutura? Até o prendedorzinho do umbigo** (Trabalho de campo, 2024).

A entrevistada Y36, mãe de dois filhos optou por migrar para ter acesso a tratamento de saúde para sua filha que precisava de exames para ter um diagnóstico e tratamento.

Sou mãe de dois filhos. Então, ali quando a gente vinha de lá eu estava trabalhando em meu país, mas infelizmente a situação, a economia, tudo, acabou com muitas coisas em minha vida. A gente também teve que mudar de país por causa da minha filha que apresenta dificuldade com (inaldível) e a gente não conseguia fazer mais análises com ela

lá porque era muito caro, muito alto o valor, então complicou para mim e eu tive que tomar uma decisão que era mudar de país (Y36, 2024).

Outros entrevistados também relataram que os problemas em ter acesso a tratamentos de saúde contribuíram para a decisão de imigrar. Em Londrina identificamos pessoas com enfermidades ou necessidades de tratamento médico urgente que buscaram refúgio fora da Venezuela, encontrando na migração uma forma de acessar tratamentos de saúde que se tornaram inacessíveis em seu país de origem.

A precariedade do sistema de saúde venezuelano agravou-se nos últimos anos com a crise política e econômica, levando muitos a procurar tratamentos essenciais para sua sobrevivência no Brasil. O sistema de saúde brasileiro permitiu que esses imigrantes tivessem acesso a atendimentos via SUS (Viva o SUS!). Essa situação foi relatada pelos entrevistados L65 e L48. Essas pessoas conseguiram, não sem alguma dificuldade, o acompanhamento médico de seus casos e conseguiram realizar os tratamentos de que necessitavam. Os dois casos envolvem riscos a vida decorrentes de problemas cardíacos:

Eu vim por causa do meu problema no coração, eu fui operada duas vezes. Faz um ano. Foram quase 300 pontos. De Manaus viemos para cá por meio da minha neta e ela falou que aqui eu ia conseguir tratamento médico. Logo que cheguei aqui passei muito mal e tive que operar. (L65, 2024)

Eu tenho um tumor no tamanho de uma laranja que comprime meu coração. Lá era muito caro para tratar. Me dá muitas câimbras, sinto muita dor e dificuldade para respirar (...) Ele pediu para eu fazer o exame para ver se tem metástase (L48, 2023).

Além do relato contido no trecho transcrito, o entrevistado L48 informou em conversa informal durante a realização do trabalho de campo que teve muita dificuldade de comunicação com o médico que iniciou o tratamento. Em função dessa dificuldade foi necessária a troca de profissional para prosseguir com um tratamento mais adequado. Vê-se pelo relato que por aqui nem tudo são flores, mesmo longe de uma situação ideal, vale destacar a importância do SUS para um cotidiano minimamente estruturado em que os recursos do território podem ser acessados e a luta pela vida pode ter algum suporte.

Muitos venezuelanos também foram forçados a migrar devido à violência e à insegurança generalizada. A crise econômica agravou a criminalidade, e a incapacidade do governo de garantir a segurança pública deixou muitos cidadãos

vulneráveis a assaltos, sequestros e outros crimes violentos. A migração tornou-se uma forma de escapar da violência cotidiana e procurar um ambiente mais seguro para suas famílias.

Além das necessidades básicas de subsistência e do aumento da violência urbana, a melhoria das condições de vida para suas famílias, foi um motivador significativo para os venezuelanos que migraram para Londrina. A busca por um ambiente onde pudessem garantir uma alimentação adequada, acesso à saúde e educação para seus filhos foi essencial, como apontado pela entrevistada Y34 que optou por migrar da Venezuela para outro país para ter melhores condições para seus filhos.

Primeiramente eu estava grávida de meu neném que tem agora 5 anos e ele migrou para Peru. Ele falava que não dava pra alimentar as crianças, então dizia nossa você está grávida e agora? Vou de férias visitar minha irmã e eu falei tá bom. Depois de uma semana ele me mandou por mensagem “amor eu vou embora” e eu perguntei vai pra onde e ele disse para o Peru. Você pensa, eu estava grávida e falei pra ele que ele estava doido e ele falou que em Venezuela não iria conseguir manter as crianças. (...) Quando cheguei aqui eu pensei graças a deus. Cheguei dia 08 e dia 09 fui pra supermercado comprar porque eu estava de aniversário, comprei um bolo, um negócio. Fomos ao supermercado e menina, eu estava há tempos sem fazer supermercado de encher o carrinho (Y34, 2024).

A maioria dos entrevistados durante o trabalho de campo declarou que possuía casa própria na Venezuela, uma conquista que se tornou irrelevante diante das condições de vida deterioradas. Essas famílias, que antes viviam com relativa segurança e estabilidade, foram obrigadas a abandonar seus lares e iniciar do zero no Brasil, sendo o local que conseguiram para esse recomeço foi o Flores do Campo em Londrina. A perda de seus bens e a incerteza sobre o futuro evidenciam a vulnerabilidade inerente à des-territorialização que sofreram essas pessoas.

Resumindo a decisão de deixar a Venezuela, portanto, foi uma resposta à combinação de fatores econômicos, sociais, políticos e de segurança. A crise multidimensional no país criou um ambiente em que a permanência se tornou insustentável para muitos, forçando-os a buscar refúgio e novas oportunidades em outras nações

Além fatores diretamente ligados à crise humanitária, as redes sociais também contribuíram na decisão de migrar. Nesse caso, as redes sociais ligadas à

migração influenciaram na decisão de para onde ir, ou seja, contribuíram na determinação do destino desse deslocamento.

A partir das entrevistas recolhemos elementos que demonstram que as redes sociais foram fundamentais para disseminar informações sobre as condições e as oportunidades no Brasil e, particularmente, sobre Londrina. Amigos e familiares que já haviam migrado compartilhavam suas experiências e ofereciam conselhos, criando um fluxo constante de informações que ajudou os venezuelanos a tomarem decisões com algum grau de orientação. As redes sociais migratórias também foram essenciais para permitir que os migrantes tivessem uma base de apoio ao chegar ao Brasil. Discutiremos esse assunto no capítulo 4.

No contexto de Londrina, as redes de solidariedade local desempenharam um papel importante na acolhida e integração dos venezuelanos como o CRAS; Cáritas e a própria Secretaria Municipal de Assistência Social, trabalharam juntos para fornecer assistência imediata, como abrigo, alimentos e apoio emocional. Essas redes não apenas facilitaram a chegada e a adaptação dos venezuelanos em Londrina, mas também contribuíram para a formação de uma comunidade imigrante crítica e integrada na ocupação Flores do Campo. Esse conjunto de esforços está sendo crucial para auxiliar os migrantes em seu incipiente processo de re-territorialização. Discutiremos melhor esses dados no capítulo 5.

6. TRANSIÇÃO ENTRE TERRITORIALIZAÇÕES: PERCURSOS MIGRATÓRIOS SEGUNDO OS RELATOS DOS IMIGRANTES VENEZUELANOS

A desterritorialização dos migrantes, conforme discutido por Haesbaert (2011), refere-se à perda de vínculos e identidade territorial, frequentemente resultante de migrações forçadas. Esse processo é especialmente doloroso para os migrantes venezuelanos residentes no Flores do Campo em Londrina que, devido à grave crise que assola seu país, foram compelidos a deixar suas casas, sua cultura e pessoas de suas famílias.

A ruptura abrupta com o território de origem é dolorosa. A migração forçada leva à perda não apenas de bens materiais, mas também de suas comunidades, tradições, estilos de vida e relações pessoais. A identidade dos indivíduos é frequentemente ligada ao território no qual permanecem por longos períodos. A perda desse espaço pode resultar em um sentimento profundo de desorientação e perda de identidade. A incerteza e os perigos associados à migração forçada, incluindo a violência, espoliação, exploração e a separação familiar, podem causar estresse e ansiedade severos.

Conforme relatamos no capítulo 3, a hiperinflação, a escassez de alimentos e medicamentos, a violência e a repressão política foram fatores objetivos que forçaram muitos venezuelanos a migrar. A ausência de oportunidades econômicas e sociais e a desestruturação da vida cotidiana no país de origem potencializou esse êxodo. A decisão de migrar é extremamente difícil, especialmente quando envolve separar-se de familiares e amigos, conforme relatam os entrevistados para essa dissertação. A luta por juntar a família novamente expressa a gravidade das condições em que essa migração vem se realizando.

Aí eu trabalhei um tempo e quando acabou meu relacionamento fomos para Boa Vista aí eu fiquei uns dias mais porque eu não trouxe minhas filhas quando a gente chegou aqui. Minhas filhas haviam ficado em Venezuela com minha mãe também. Então a gente fez o seguinte: eu arrumei um dinheiro trabalhando um tempo em Boa Vista, vendendo mesmo, vendendo bolo e café, a gente passou muitas coisas. A gente não tinha como comer, era complicado. Mas graças a Deus nesse tempo a gente logrou algum dinheiro para voltar para Venezuela pegar minhas filhas. Elas são pequenas e por isso a gente tem que buscar elas para trazer aqui. (Entrevistada Y36, Trabalho de Campo, 2024).

Neste outro caso, a entrevistada relata que foi impossibilitada de trazer um, de seus três filhos, pois o ex-marido a impediu. Segundo a entrevistada o ex-marido fez isso para que ela tivesse uma motivação para efetuar envio de remessas de dinheiro.

Eu vim com 2 e um ano depois veio o outro. Veio a menina e *el pequenininho*. O de 8 anos ficou com o pai dele. Sabe por quê? Porque ele queria que eu ficasse mandando dinheiro para ele. Ele que tirou o menino quando eu estava indo, ele falou “não vai levar ele não”. Sabia que se *yo trazia me hijo* não ia pagar ele. Ficou R\$ 1600 para eu pagar solo da criança. Ele colocava meu filho chorando no celular e ficava me atormentando, dizendo que estava na rua, eu tenho os áudios. Ficava fazendo coisas que não devia com o menino, meu filho estava em um *papelon*, me mandaram foto do meu filho (Entrevistada I30, Trabalho de Campo, 2023).

O trecho apresentado revela a complexidade e os desafios que imigrantes podem enfrentar nas suas relações familiares e interpessoais. A história da entrevistada evidencia vários aspectos críticos que merecem ser destacados.

Primeiramente, o relato mostra como as relações familiares podem ser profundamente disfuncionais e violentas. O ex-marido da entrevistada utilizou o filho como meio de controle e manipulação, exigindo dinheiro e infligindo sofrimento emocional tanto à mãe quanto à criança. Esse tipo de comportamento ilustra como as dinâmicas familiares podem ser exploradas de maneira abusiva, comprometendo o bem-estar emocional e financeiro dos envolvidos.

Um outro ponto que o relato sublinha é que as redes sociais migratórias interpessoais nem sempre são espaços de apoio, solidariedade e cooperação. Pelo contrário, elas podem ser arenas de exploração, opressão e controle. A experiência da entrevistada demonstra que, em certos contextos, as redes que deveriam proporcionar apoio podem se tornar fontes de sofrimento e pressão adicional, exacerbando a vulnerabilidade dos migrantes.

Além disso, o fato de a entrevistada ser mulher e mãe intensifica sua vulnerabilidade. As mulheres, especialmente as mães, podem ser alvos específicos de violência e manipulação devido aos fortes laços emocionais que mantêm com seus filhos. Essa situação aumenta a exposição a diversos tipos de violência, incluindo a econômica e a psicológica, como exemplificado pelo ex-marido que usava o filho como instrumento de chantagem emocional e financeira.

O drama vivido pela entrevistada representa um fenômeno mais amplo, dado que há uma participação considerável de mulheres nos fluxos migratórios. As dificuldades enfrentadas por essas mulheres, como evidenciado pelo caso em questão, incluem não apenas a adaptação a um novo país, mas também a gestão de relações familiares disfuncionais e opressivas que transcendem fronteiras.

Por isso, a escuta atenta das experiências dos imigrantes é fundamental para revelar aspectos das redes migratórias interpessoais que, de outra forma, poderiam passar despercebidos. Ao ouvir os relatos, como o das entrevistadas, é possível compreender melhor as nuances das dificuldades enfrentadas e as dinâmicas de poder e controle presentes nas suas vidas. Esse entendimento pode tornar políticas públicas e práticas de apoio mais eficazes e sensíveis às necessidades específicas dos imigrantes.

Em suma, o trecho ilustra a importância de dar voz aos imigrantes para compreender as complexidades e os desafios de suas experiências, especialmente em contextos de violência e exploração dentro de suas redes sociais interpessoais.

Ao migrar para o Brasil, a entrevistada L47 deixou na Venezuela sua mãe e um de seus filhos. Essa situação reforça a ideia de que ao migrar as pessoas mantêm vinculações com os lugares e territórios que habitaram e que habitam, considerando que as relações pessoais, as relações entre familiares são parte do habitar lugares e territórios e estão profundamente misturadas com eles. A situação narrada por L47 revela os riscos e as perdas que podem ocorrer e como isso ocorreu com ela e a afetou profundamente.

A história é *mui triste* (dá um riso sem graça). Sai de Venezuela pela situação da Venezuela, mas também porque meu filho de vinte *años* estava com uma menina e eles foram embora de barco. O barco foi golpeado e ele ficou no mar e nunca apareceu. Minha vida é assim com essa *depression* e para que minha mãe não me *viste* chorando (nesse momento a entrevistada se emociona e começa a chorar. Por conta disso eu faço uma pausa para confortar e questiono se deseja prosseguir com a entrevista). *Tengo* um outro filho que chegou com sua mulher em dezembro. *Tengo* um outro que está em Venezuela com minha mãe. Querem permanecer lá (Entrevistada L47, Trabalho de Campo, 2024).

A entrevistada relata que sua mãe e um de seus filhos não manifestaram interesse em migrar, permanecendo até hoje em Venezuela e que outro filho e sua

nora chegaram à Londrina em dezembro de 2023. A família em parte se divide e em parte se reintegra, modificando as relações e as vivências.

Ao migrar para o Brasil, L47 deixou sua mãe e um de seus filhos na Venezuela. Esta separação física demonstra um aspecto crucial das migrações: as pessoas mantêm vínculos profundos com os lugares e territórios que habitavam, e esses laços são indissociáveis das suas relações pessoais e familiares. A experiência de L47 mostra como os laços familiares são uma parte essencial do "habitar" um lugar, e a separação desses laços pode resultar em significativas perdas emocionais e riscos.

A perda de seu filho no mar, uma tragédia que L47 carrega com imensa dor, é um exemplo devastador dos riscos extremos que muitos migrantes enfrentam. Este evento trágico não apenas marcou sua vida com uma dor incessante, mas também influenciou em sua decisão de migrar, buscando um novo começo longe das lembranças dolorosas. A tentativa de L47 de proteger sua mãe da sua tristeza, embora evidencie sua força, também ressalta a carga emocional que ela carrega diariamente.

A dinâmica familiar de L47 é complexa, com membros da família espalhados entre a Venezuela e o Brasil. Essa dispersão e re-territorialização parcial da família transformam suas relações e experiências de viver e habitar novos territórios. A chegada de um filho e da nora a Londrina em dezembro de 2023 mostra um esforço de reconstituir o núcleo familiar em um novo país, ao mesmo tempo que outros membros permanecem na Venezuela, expressando uma resistência ao ato de migrar.

A migração forçada frequentemente não permite uma preparação adequada. Muitos partem com poucos recursos e pertences, enfrentando jornadas perigosas e incertas. Essa foi exatamente a situação das pessoas entrevistadas e de muitos outros imigrantes do Flores do campo com os quais tivemos contato. As rotas de migração podem ser extremamente perigosas, envolvendo a travessia de uma fronteira internacional e exposição a condições adversas.

A figura 10 mostra a concentração de pessoas próximo ao posto alfandega em 23 de fevereiro de 2019, momento em que o governo venezuelano fechou a fronteira entre os dois países. Episódios como esse mostram o fluxo intenso entre Santa Elena do Uairén no sul da Venezuela e Pacaraima em Roraima. O fechamento

da fronteira aumentou as tensões e os riscos para imigrantes venezuelanos que em situações como essa recorrem a trilhas alternativas ou são alvo da ação de “coiotes”²⁷.

Figura 10: Movimento intenso de pessoas na fronteira Venezuela Brasil em fevereiro de 2019.



Foto: Ricardo Moraes/Reuters.

A figura 2 mostra famílias venezuelanas atravessando a fronteira que que foi reaberta em 10 de maio de 2019.

Figura 11: Famílias Venezuelanas cruzando a fronteira em direção a Pacaraíma/RR em maio de 2019.



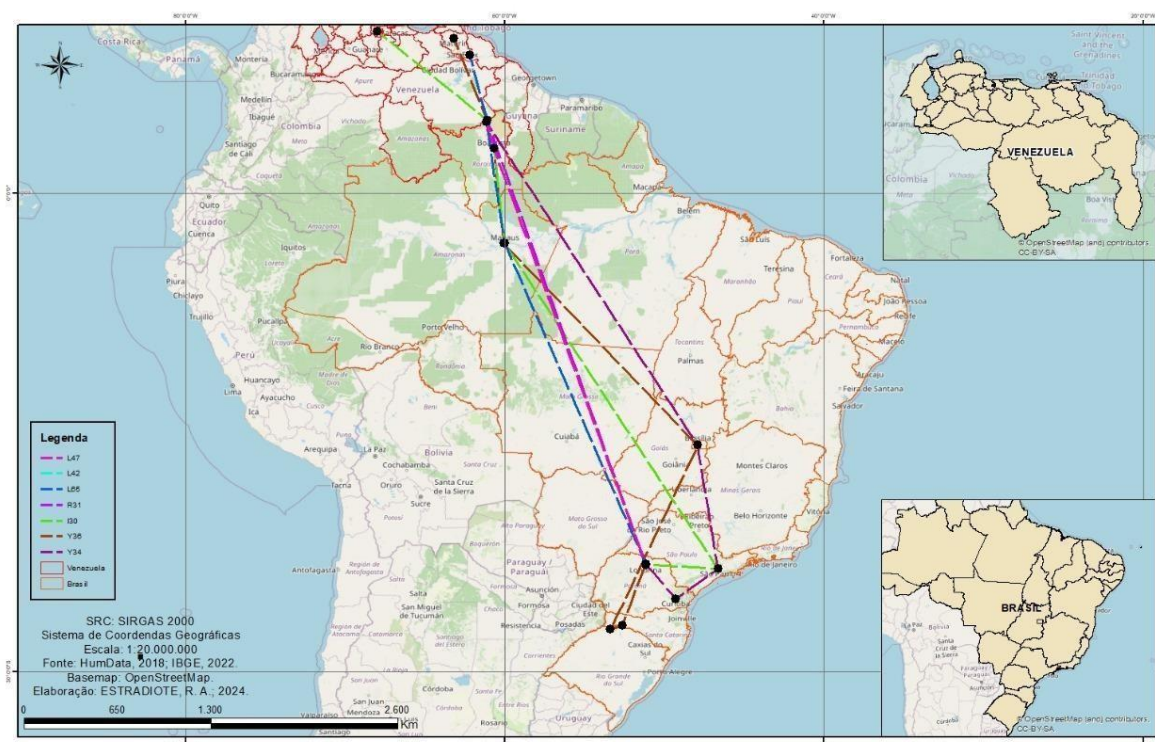
Foto: ACNUR/Victor Moriyama

²⁷ São grupos que atuam junto a indivíduos e famílias no momento em que tentam atravessar fronteiras internacionais, especialmente quando essa travessia se dá de forma clandestina. Em geral os coiotes cobram quantias para auxiliar na travessia e conhecem maneiras de evitar os controles de segurança na fronteira. Em muitos casos, as formas usadas para transportar pessoas de um país para outro são arriscadas e podem colocar em perigo a vida e a segurança imigrantes.

6.1. O início dos percursos: da saída das cidades de origem ao momento de cruzar a fronteira

Um aspecto comum às diversas abordagens geográficas sobre migrações é a descrição e discussão sobre os percursos migratórios e suas etapas. A origem e o destino, ou destinos dos fluxos migratórios, continuam a ser temas relevantes quando se trata de analisar o fenômeno migratório a partir de um olhar geográfico. O mapa 1 foi elaborado com base nos relatos dos entrevistados e mostra as principais localidades por onde essas pessoas passaram até chegar a Londrina.

Mapa 4: Percursos dos migrantes entrevistados: Venezuela - Londrina-PR. moreno



ROTA DE TRAVESSIA DE TODOS OS IMIGRANTES ENTREVISTADOS

Elaborado pela autora, 2024.

O mapa e os relatos indicam que a travessia da fronteira Venezuela – Brasil por parte dos entrevistados se deu entre Santa Elena de Uairén (Venezuela) e Pacaraima (Brasil). O município de Pacaraima está situado no estado de Roraima e possui 19.305 habitantes de acordo com os dados do Censo Demográfico 2022 (IBGE, 2022). Santa Elena de Uairén está situada no estado de Bolívar e, segundo o Censo populacional venezuelano de 2011, possui 28.219 habitantes (INE, Venezuela, 2011). O município venezuelano fica há 1.200 km da capital Caracas.

Cruzar a fronteira passando de Santa Elena para Pacaraima foi um ponto comum na jornada dos migrantes entrevistados, justamente porque as condições da travessia são mais facilitadas, uma vez que há uma estrada ligando as duas cidades, A chamada BR174 no lado brasileiro segue em território venezuelano com *Carretera 10*. São aproximadamente 17 Km de distância entre as duas cidades. Em geral, este trecho é escolhido devido à sua localização estratégica e menor vigilância em comparação com outros pontos fronteiriços segundo os entrevistados.

Um período crítico para as pessoas que estavam se deslocando entre Santa Elena e Pacaraima foi o fechamento da fronteira por causa da crise sanitária gerada pela pandemia de Covid-19. A fronteira entre Santa Elena e Pacaraima ficou oficialmente fechada entre março de 2020²⁸ e fevereiro de 2022. Em junho de 2021, a Portaria 655 emitida pela Casa Civil do governo federal permitia a regularização dos venezuelanos que há viam entrado no país a partir de 18 de março de 2020. Essa permissão visava a participação de imigrantes que haviam entrado ilegalmente no Brasil na Operação Acolhida.

Segundo o coordenador da Operação Acolhida, general Antônio Manoel de Barros, a decisão busca regularizar o fluxo migratório que se manteve durante a pandemia e atender os novos migrantes num ritmo que possa ser absorvido pelas estruturas criadas pelo Estado brasileiro.

“Se nós não regularizamos os venezuelanos, não podemos interiorizá-los e se não fazemos isso, voltamos a 2018. Construir abrigos não é a solução, é um meio. Interiorizamos mais de 53 mil pessoas dentro da legalidade. Quando fazemos isso, estamos protegendo a nossa sociedade, porque sabemos quem está entrando.”, destacou Barros “Até o fechamento da fronteira, 100% da migração venezuelana estava regularizada no Brasil. Entendemos que o governo fez uma flexibilização muito importante para reduzir a necessidade de travessia irregular e melhorar o ordenamento da fronteira, dada a realidade que existe no local, independente dos controles estabelecidos durante a pandemia”, aponta o porta-voz da Agência de Refugiados da ONU no Brasil (Acnur), Luiz Fernando Godinho. (Mello, Michele. *Brasil reabre parcialmente fronteira com a Venezuela: o que isso significa*, Brasil de Fato, 2021)

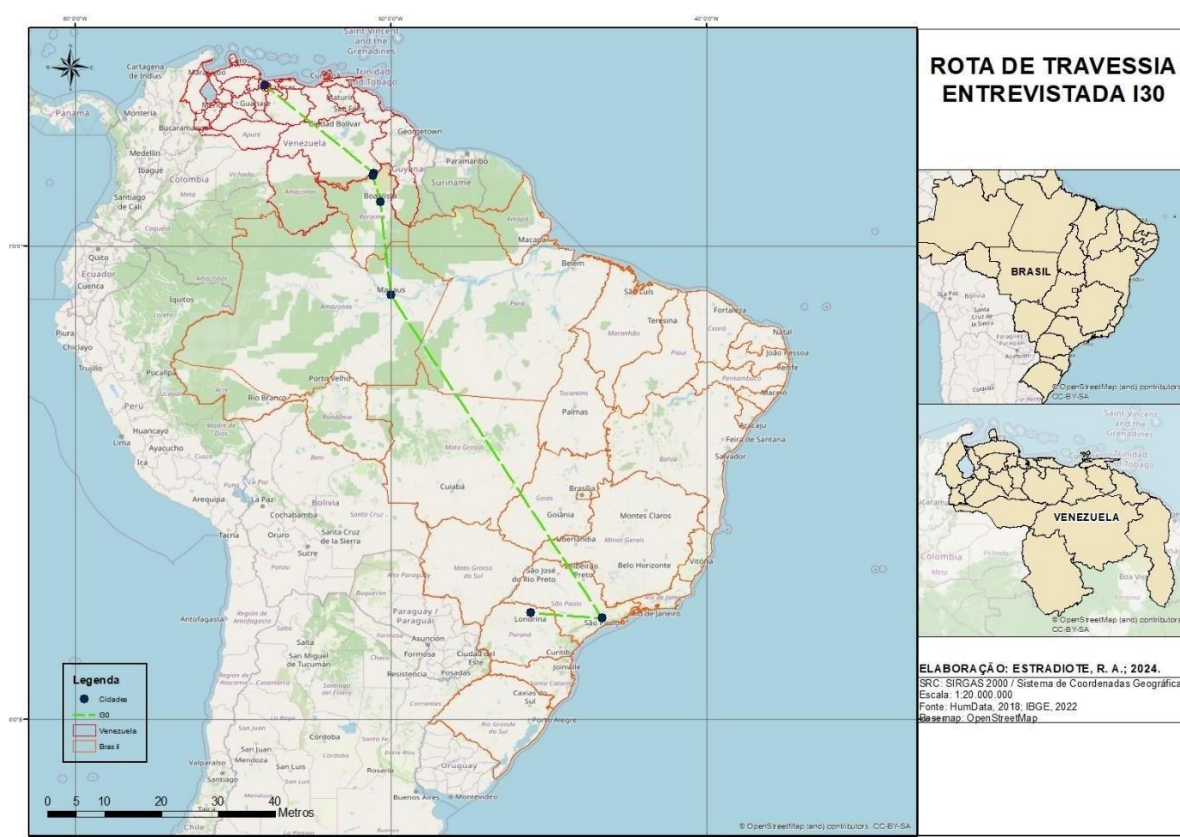
A intensificação dos controles de imigração na fronteira com a Venezuela empurrou muitos imigrantes para situações ainda mais arriscadas do que em períodos em que a fronteira estava aberta.

²⁸ Casa Civil, Portaria Interministerial n.º 120 de 17 de março de 2020: Art. 1º *Esta Portaria dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros oriundos da República Bolivariana da Venezuela*,

Conforme relato o contido na entrevista de I30, entre Santa Elena e Pacaraima o terreno é acidentado, com áreas de floresta tropical, o que dificulta a fiscalização contínua, permitindo **passagens informais que possibilitam contornar o posto de fronteira**, em especial quando as autoridades venezuelanas e brasileiras decretaram seu fechamento em 2020.

O percurso migratório da entrevistada I30 se iniciou em Caracas, sua cidade natal. Chegando em Santa Elena de Uairén realizou a travessia da fronteira para Pacaraima. Saindo de Pacaraima se deslocou de carro para Boa Vista. De Boa Vista para Manaus viajou de ônibus, onde permaneceu durante um mês. Até esse ponto, a entrevistada relata que viajou sem documentos, apenas com o cartão do plano de saúde de onde trabalhava na Venezuela. Depois desse período foi para São Paulo e de lá para Londrina. Essa parte do trajeto foi realizada de avião.

Mapa 5: Percurso da entrevistada I30.



Fonte: Hum Data, 2018; IBGE, 2024. **Elaboração:** ESTRADIOTE, R. A.; 2024.

Na travessia da fronteira rumo a Pacaraima, depois para Boa Vista e até chegar em Londrina, as pessoas que vinham da Venezuela utilizaram diversas estratégias para cruzar a fronteira e diversos meios de transporte para se deslocar no

território brasileiro. Para algumas pessoas as estratégias clandestinas de entrada no Brasil foram um recurso de sobrevivência durante a pandemia. Nos deslocamentos de Pacaraima para Boa Vista durante a Pandemia de Covid19 alguns meios de transporte eram precários e até ilegais. O relato da entrevistada I30 indica claramente essas situações.

A urgência e a dificuldade para cruzar a fronteira em 2021 por causa da Pandemia aumentou os riscos e a exploração dos venezuelanos que tentavam entrar no Brasil. A situação atraiu personagens que exploravam a vulnerabilidade e a urgência desses imigrantes. A entrevistada I30 relata que:

Quando cheguei em Santa Elena, quase fronteira com Pacaraima, tinha um monte de coiotes querendo negociar nossa passagem e eu não sabia de nada. Nesse processo, as mulheres que estavam comigo atravessaram a fronteira antes de mim e com meu dinheiro, mas eu acreditava nelas, pois conhecia parentes e pessoas próximas, se prostituindo que se afastaram de mim porque perceberam que eu não faria isso. Um coiote que elas desprezaram decidiu me ajudar, ele disse que poderia nos mandar de volta para casa para eu fazer dinheiro e tentar atravessar de novo. Mas minha filha disse que se ele conseguisse nos levar de volta pra casa, conseguiria nos ajudar a chegar no Brasil. Saímos às 3 da manhã em uma caminhonete que nos deixou no mato escuro e fomos andando. Esse lugar estava cheio de ladrões querendo roubar nosso dinheiro, mas o pessoal do grupo me protegia porque eu não tinha dinheiro. Nossa, andamos muito, eu estava com fome e precisei de ajuda para subir a montanha. Andávamos carregando umas latas para despistar a polícia. Ao chegarmos em Pacaraima pedi água e comida para meus filhos que estavam fracos e chorando muito. Chegamos em uma casa que tinha muitos venezuelanos apertados nos quatro cantos, agachados e tinha muita criança. Era pandemia, consegui ligar para minha família para que vendessem minha tv e eu consegui chegar até Boa Vista. Tentaram me bater no caminho porque meu filho chorava muito, minha filha se machucou. Foi horrível, ficamos dentro de lagos para nos esconder. (Entrevistada I30, Trabalho de Campo, 2024)

A travessia da entrevistada I30 revela a gravidade dos riscos a que mulheres migrantes com filhos estão sujeitas. A entrevistada relatou que precisou recorrer a métodos de travessia “informais”, os denominados *coiotes*. Esse relato demonstra a dificuldade não apenas do processo migratório em si, mas como os riscos se potencializam quando há o recorte de gênero. Isso fica evidente quando ela revela que algumas de suas companheiras de travessia foram exploradas sexualmente. Os riscos se tornam também muito graves para as mulheres quando se associam migração e maternidade, pois ao realizar a travessia com dois de seus três filhos, I30

sofria ameaças de agressão física por conta do choro dos filhos, dentre outras violências.

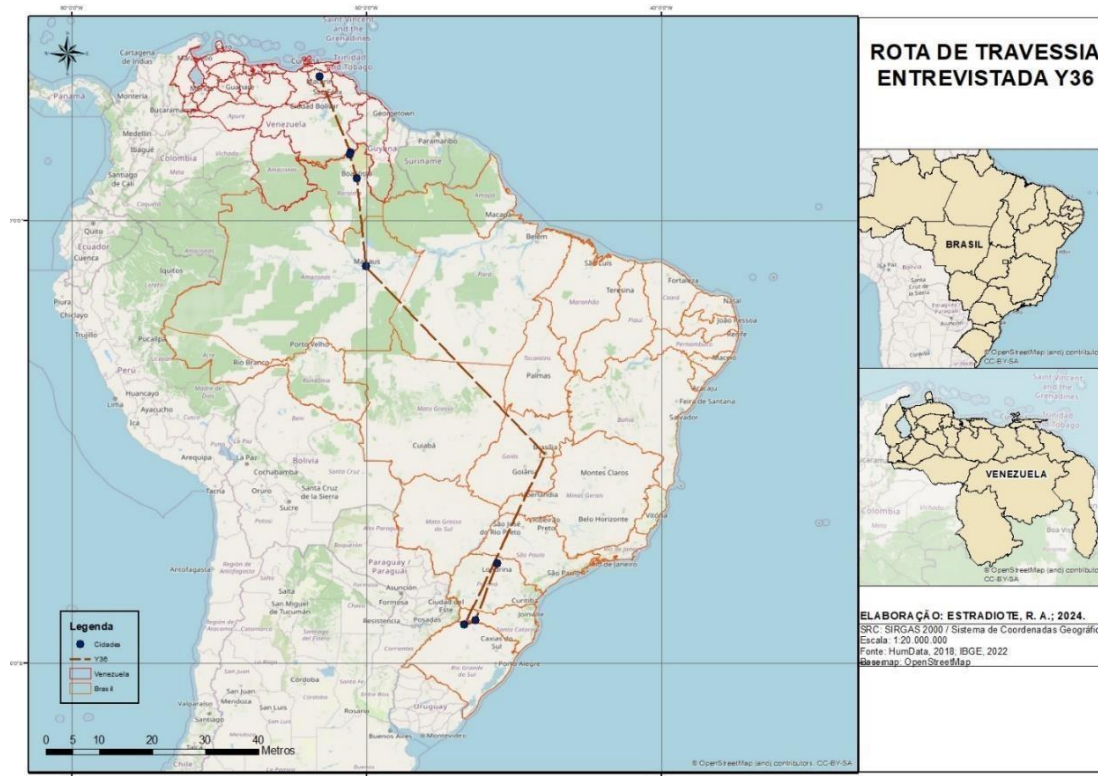
Analisando os mapas dos trajetos dos entrevistados constatamos que, outro ponto de parada comum foi o município de Boa Vista, capital de Roraima, que tem uma população de 413.486 hab (IBGE, 2022). Boa Vista é município de maior porte mais próximo de Pacaraima, são 213 Km pela BR 174²⁹. Por ser um centro urbano maior e mais equipado, Boa Vista é, em geral, um segundo ponto de parada dos imigrantes venezuelanos após sua entrada no território brasileiro. De acordo com relatos, havia uma concentração de migrantes em Pacaraima³⁰ e em Boa Vista e isso dificultou para os recém-chegados se estabelecerem nesses pontos.

Para sair de Roraima e chegar a Londrina, os percursos foram marcados por longas distâncias e diferentes meios de transporte. Consideramos que as redes de infraestrutura compostas por estradas e meios transportes terrestres, portos e embarcações e as redes que possibilitam as telecomunicações devem ser incluídas na análise da migração em conjunto com as redes sociais migratórias.

Para a entrevistada Y36, a travessia do território brasileiro até chegar em Londrina foi um pouco diferente do que relataram outros entrevistados. A entrevistada Y36 realizou que a parte inicial de seu percurso foi realizada através do Amazonas e após a separação com seu ex companheiro, se deslocou com sua mãe e filhas para Boa Vista - RR.

²⁹ Informação obtida no sítio Rota Mapas. Disponível em: <https://www.rotamapas.com.br/distancia-entre-pacaraima-e-boa-vista-rr>. Acesso em 25/05/2024

³⁰ Referindo-se ainda ao período anterior a pandemia de Covid 19, com a fronteira ainda aberta, a Prefeitura Municipal de Pacaraima (s/d) informava em seu site institucional “a fronteira com a Venezuela, e a grande depreciação da moeda deste país impõe um amplo movimento de pessoas na fronteira durante todos os dias, intensificando-se nos finais de semana”.

Mapa 6: Percurso da entrevistada Y36.

Fonte: Hum Data, 2018; IBGE, 2024. **Elaboração:** ESTRADIOTE, R. A.; 2024.

A entrevistada Y36 relata que havia muitos migrantes em Boa Vista, o que dificultava na busca por emprego e abrigo:

Eu conseguia pegar *papelon* como falam aí, então a gente colocava no carro e eles davam para mim 1 real, 2 reais. Aí um momento que não foi fácil para mim foi que quando eu comecei fazer esse trabalho a gente não tinha para comer. Então minhas filhas ficavam com muita fome esses dias. Então minhas filhas falavam “*mãe, eu tenho muita fome*”. Meu Deus, eram 10 horas da manhã e elas não tinham tomado café da manhã. Então a gente ficou muito mal, como mãe é complicado olhar seu filho falar isso e eles tão pequenos, a gente não sabe como fazer para dar algo para eles. Então eu falei para ela “*Calma, tranquila. Vamos resolver*”. Nesse momento, uma pessoa que era um federal, eu me lembro, escutou minha filha falar isso e aí ele ficou perto assim e deu 20 reais. Então com esses 20 reais a gente ficou um pouquinho feliz, a gente faz alguma coisa. Aí a gente foi procurar alguma comida para fazer para elas e dar porque naquele momento o que eu ganhava era 50 centavos, um real e era o pouco que podia ajudar. Boa Vista tinha muitos venezuelanos, estrangeiros então o emprego ali não é muito bom (Entrevistada Y36, Trabalho de Campo, 2024).

Foi nesse relato que pela primeira vez, foi citada a **política de interiorização**. Conforme relatado pela entrevistada, essa política foi importante para seu deslocamento e de sua família.

A gente ficava vendendo café perto do federal de lá e aí a gente já se informava muito. Então havia muitas pessoas perto, sempre falavam que “da” interiorização e poderia ser Londrina ou qualquer outra cidade. Então esse tempo eles me falaram, um amigo *mio* me falaram “eu vou para Rio Grande do Sul e *te gostaria* ir com nós? A gente aproveita colocar você na lista e vai com nós”. Depois você procura um trabalho, mas vai ser melhor sair daqui. Porque era muito complicado na verdade, não conseguia arrumar nada na cidade. A gente se colocou ali e esperou o tempo que deu. Graças a Deus, aí eu vim para interiorizar (...) Primeiro chegamos em Brasília, porque a interiorização é assim, a gente chega em um lugar e aguarda um tempo para chegar viagem que vai para outro lugar, onde vai chegar. Ficamos uns dias e aí a gente embarcou novamente, chegamos a São Paulo e aí chegamos a Santa Catarina. Santa Catarina aguardamos um tempo mais em Chapecó. Aí depois procuraram a gente e fomos para Rio Grande do Sul, em Frederico Westphalen (Entrevistada Y36, Trabalho de Campo, 2024).

O relato de Y36 demonstra como a obtenção de informações importantes pode ocorrer das mais variadas formas e por meio das ajudas mais inusitadas. É certo que a concentração de pessoas, a proximidade física nesse caso e a necessidade de buscar condições melhores para si e para a família movem a atenção e a busca. Nesse caso, entendemos que uma informação importante não foi obtida por uma conexão direta do migrante com uma rede social migratória. Entendemos que as redes sociais migratórias também podem ser acessadas de forma indireta, ou seja, por meio de encontros e ajudas fortuitas que surgem do contado do migrante com pessoas que, por fazerem parte de uma rede migratória institucional, são portadoras e veiculadoras de informações estratégicas para o processo migratório. Nesse caso era uma pessoa que fazia parte de uma instituição, a polícia federal, mobilizada a estar naquele lugar e naquele momento por causa da aglomeração de imigrantes venezuelanos. Uma aglomeração que se deu em condições precárias e que afetou o cotidiano na cidade de Pacaraima. Esse trecho da fala da entrevistada Y36 deixa claro o modo como souberam da política de interiorização: “A gente ficava vendendo café perto do federal de lá e aí a gente já se informava muito. Então havia muitas pessoas perto, sempre falavam que “da” interiorização[...]”.

A entrevistada L47 relata que em seu percurso para Londrina também fez uso da política de interiorização e que foi um processo fácil de seguir.

De Venezuela vim de ônibus, aí fiquei no refúgio em Pacaraima esperando o ônibus da interiorização. Porque eu não tinha dinheiro para pagar. Aí de Pacaraima peguei outro ônibus até Boa Vista e de lá esperei. Uma migrante que está em Santa Catarina me explicou que era rápido. Aí saca primeiro os documentos, aí depois faz um protocolo para a interiorização (Entrevistada L47, Trabalho de Campo, 2024).

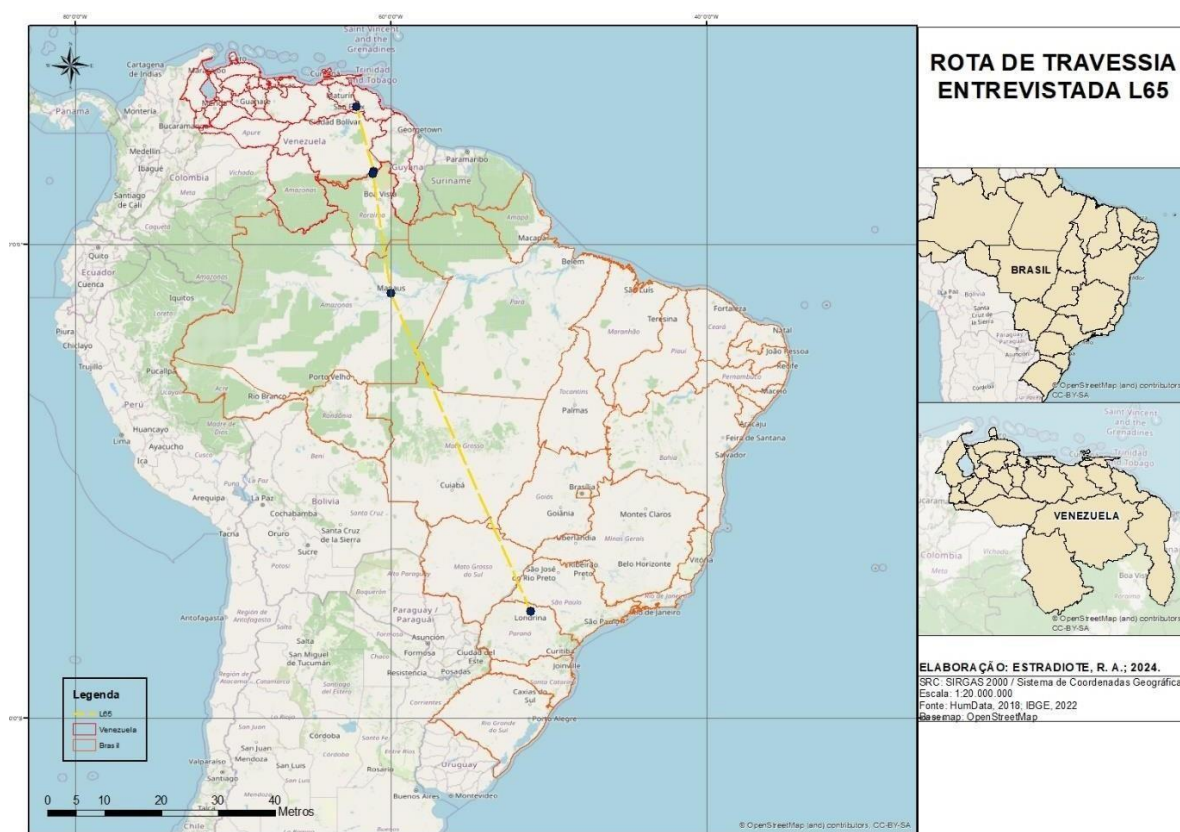
Mapa 7: Percurso da entrevistada L47.



Fonte: Hum Data, 2018; IBGE, 2024. **Elaboração:** ESTRADIOTE, R. A.; 2024.

A entrevistada relata que aguardou alguns dias (não especificou quantos), mas que se deslocou diretamente para Londrina, pois o Pastor Luiz, residente no Flores do Campo, se propôs recebê-la e auxiliar em sua estadia e permanência.

A entrevistada L65 migrou com toda sua família, seu marido, filhos e netos. Foram ao todo 14 pessoas - sendo 10 crianças - que realizaram o percurso migratório.

Mapa 8: Percurso da entrevistada L65.

Fonte: Hum Data, 2018; IBGE, 2024. **Elaboração:** ESTRADIOTE, R. A.; 2024.

O relato da entrevistada L65 apresenta uma dinâmica migratória distinta em comparação às outras entrevistadas, pois toda a sua família migrou junta: marido, filhos, netos, totalizando 14 pessoas, sendo 10 delas crianças. Esta experiência de migração em grupo familiar completo é bastante diferente das histórias de separação e dispersão familiar compartilhadas por outras entrevistadas.

A decisão de migrar com toda a família é significativa, pois demonstra uma estratégia coletiva de enfrentamento das dificuldades associadas à migração. Ao contrário de L47, que enfrentou a dolorosa separação de sua mãe e de um filho, ou da entrevistada que deixou um filho sob o controle manipulador do ex-marido, L65 manteve a unidade familiar durante a transição. Este modelo de migração em grupo pode oferecer um suporte emocional mais robusto, visto que os membros da família podem se apoiar mutuamente, amenizando os impactos do processo migratório.

No entanto, apesar das diferenças, há pontos de convergência entre o relato de L65 e os outros entrevistados. Assim como muitos migrantes, L65 também contou com o apoio crucial da rede social migratória, especificamente do pastor Luiz. Esse

apoio pode ter sido fundamental para a decisão de migrar com toda a família e enfrentar as inúmeras dificuldades do percurso. As redes sociais migratórias desempenham um papel vital ao fornecer informações, recursos e suporte emocional, facilitando a transição e a adaptação em um novo país.

Além disso, a migração de L65 com toda a família ressalta a importância das redes de apoio na criação de um ambiente relativamente seguro para enfrentar os desafios da migração.

Esse relato sublinha a importância de redes de apoio robustas e confiáveis, que podem facilitar processos migratórios mais seguros e menos traumáticos, independentemente da estrutura familiar.

A entrevistada L65 relatou que chegou ao Flores do Campo auxiliada pelo Pastor Luiz, pois a motivação principal, além das questões cotidianas ligadas à crise econômica, política e humanitária venezuelana, foi a necessidade de realizar um procedimento cirúrgico cardíaco. As questões de saúde e acesso a tratamentos médicos foi determinante para decidir enfrentar esse longo percurso.

Vimos de Venezuela para Pacaraima. Pacaraima para Boa Vista. Boa Vista para Manaus e ficamos lá uns quatro ou cinco meses vivendo em Manaus. De Manaus até aqui viemos de carro. Levamos 8 dias de carro, viajamos dia e noite (Entrevistada L65, Trabalho de Campo, 2024).

Outra entrevistada, a migrante R31, relatou que sua ponte de chegada ao Flores do Campo também foi o Pastor Luiz. De forma semelhante à motivação de L65, a motivação principal da migração de R31 e a forma como realizou seu percurso foi o acesso a um tratamento médico para seu filho. O filho de R31 possui uma condição rara e, no Brasil, o tratamento é gratuito por meio do SUS.

Vim primeiro para ajudar e está sendo difícil, deixei criança, marido, está difícil. Venho lutando para conseguir algo para poderem vir. Estou atrás de uma casa, emprego. Vim em voo privado para Londrina. O pastor me ajudou comprando a passagem, conseguimos uma promoção (Entrevistada R31, Trabalho de Campo, 2024).

Sua travessia foi realizada de avião saindo diretamente da Venezuela para Londrina. Isso difere bastante da forma como as outras entrevistadas fizeram seus percursos.

Também chama a atenção nesse caso o fato de que R31 veio primeiro em relação ao seu grupo familiar. Considerando o relato de R31 notamos que, ao contrário de outros processos migratórios em outros períodos históricos, como por exemplo as migrações internas no Brasil entre os anos 1960 e 1990, em que os homens predominavam como os primeiros a migrar e eram responsáveis por arranjar as condições para trazer a família, nesse caso foi R31, uma mulher imigrante, que minimamente se estabeleceu para depois trazer a família.

O conjunto das informações a que tivemos acesso por meio dos generosos relatos das imigrantes nos permitiu refletir sobre como, nessa conjuntura do processo migratório de venezuelanos para Londrina, o papel das mulheres à frente de suas famílias se destaca, como podemos notar no Relatório da OBmiga do ano de 2020, onde Tonhati e Mâcedo (2020) dissertam:

Os dados das movimentações evidenciam que as mulheres imigrantes também são protagonistas em recolocar o Brasil como país de destino e são as mulheres sul-americanas e caribenhas que agora chagam ao país, construindo um novo perfil das imigrantes mulheres.

Mapa 9: Percurso da entrevistada R31.



Fonte: Hum Data, 2018; IBGE, 2024. **Elaboração:** ESTRADIOTE, R. A.; 2024.

O trecho do relato da entrevistada Y34 sobre seu percurso e chegada a Londrina se deu de um modo diferente. Embora seu percurso migratório tenha sido inicialmente similar ao das outras entrevistadas, algumas etapas do percurso e seu direcionamento ao Flores do Campo se deram de forma diferente.

Mapa 10: Percurso da entrevistada Y34.



Fonte: Hum Data, 2018; IBGE, 2024. **Elaboração:** ESTRADIOTE, R. A.; 2024.

A entrevistada Y34 passou por três locais antes de se dirigir a Londrina: Brasília, São Paulo e Curitiba. A entrevistada Y34 passou por dificuldades na última etapa de seu percurso. Ao chegar em Curitiba, acabou perdendo o ônibus. A companhia de transportes a tratou com descaso e dificultava a solução do problema, mesmo percebendo que a entrevistada possuía dificuldades em se comunicar devido ao idioma. A entrevistada relata que foi muito importante a ajuda da motorista de aplicativo que a levou até a rodoviária. A entrevistada Y34 afirmou que sem ela não teria conseguido seguir viagem.

De Curitiba havíamos perdido o ônibus, foi horrível. Graças a Deus eu pedi um Uber e estava uma menina que me fez o translado até a rodoviária e ela falou: vamos fazer um negócio fica calma. E eu só

pensava que estava atrasada e eu só tinha 5 minutos para chegar e o semáforo, sinaleiro né estava um caos. Aí me falaram você vai subir e vai chegar lá. Falei para um moço que estava lá que eu precisava ir a um ônibus e ele falou *“você tem que subir aqui e depois será no segundo andar daqui”*. Subi e quando cheguei lá o ônibus já estava saindo. Pedi para um moço (da empresa viária) pedir para esperar porque minhas malas estavam no Uber e ele falou que não tinham o número do telefone deles. Nossa, eu descí correndo *pegando grito* e dizendo para me esperar e nada. A motorista (de Uber) veio com meu filho, imagina a preocupação e eu falei *“olha me deixaram, o ônibus foi e agora o que vou fazer que perdendo o ônibus já não tenho para pagar outro”* e a menina era como se fosse minha família, ela brigou com o agente do ônibus. Ela falou que ele iria repor minha passagem se não era iria denunciar ao negócio de serviço. Ela falou que queria falar com o gerente e falaram que não estava e então ela falou que queria falar com alguém dali que fosse cabeça porque eu não tinha mais a passagem e que eu estava com neném de colo e que tinham que me ajudar. E que se não fossem me ajudar ela iria ligar para denunciar agora mesmo. Ela perguntou que horas que tinha a próxima passagem para Londrina e falaram que tinha as nove/dez horas e ela falou *“tá bom, quero esse, mas ela não vai pagar porque ela pediu ajuda e você não ajudou. Não está vendo que ela é migrante e não fala nada português”*. Ela me ajudou, ela conseguiu. Fiquei das 14h20 até as 21h esperando ônibus, sentada na rotatória foi uma experiência horrível (Entrevistada Y34, Trabalho de campo, 2023).

Por meio dos relatos percebe-se a importância da combinação entre as ajudas fortuitas, as ações estruturadas por parte das redes sociais migratórias e as políticas públicas que incidiram e incidem nos percursos das migrantes entrevistadas.

Quando chegou a Londrina residiu inicialmente em um bairro na zona leste do município. Só depois disso passou a residir no Flores do Campo, localizado na zona norte da cidade. A mudança ocorreu em decorrência de dificuldades financeiras que impediram que continuassem pagando o aluguel da casa em que estavam morando na zona leste. Nesse momento souberam sobre o Flores do Campo após um companheiro de trabalho de seu marido falar da ocupação. Então optaram por mudar para o Flores do Campo.

Então foi que um menino falou que morava em Flores do Campo e que era uma situação assim, assim e assado e falamos ta bom, serve. Vamos sair nesse domingo lá. Quando a primeira vez que olhei eu pensei o que é isso? Eu nunca me acostumei a morar em um negócio assim (suspiro) e falei vamos pegar uma *vivenda* aí (Entrevistada Y34, Trabalho de Campo, 2023).

Como podemos observar em todos os relatos das entrevistadas, para que pudessem se deslocar desde a Venezuela e chegar ao próximo ponto de seus

percursos e depois daí até seu destino em Londrina, as ações combinadas de diferentes atores foram cruciais. Desde as conexões com o Pastor Luiz que auxiliou e orientou as entrevistadas até a chegada em Londrina, mais precisamente ao Flores do Campo, passando pelas ações da Operação Acolhida e da política de interiorização, até as situações relatadas pela entrevistada Y34 (2024), nas quais se refere a ação da motorista de aplicativo como “a menina era como se fosse minha família”, percebe-se que diferentes tipos de redes sociais migratórias e eventos aleatórios concorreram para que as imigrantes conseguissem realizar seus percursos. Há ainda os relatos das entrevistadas Y36 e L47, nos quais fica evidenciada a ajuda prestada por outros imigrantes que auxiliaram com outras orientações sobre como obter documentação e ter acesso ao processo de interiorização. Também o relato de Y36 (2024) mostra que na rodoviária migrantes ofereceram ajuda a ela em parte do seu deslocamento, mas que a mesma se sentiu insegura por estar com suas filhas e mãe (um grupo de mulheres) e que mesmo os migrantes agindo de boa-fé, a mesma se sentiu insegura em relação ao seu gênero.

No processo migratório é importante salientar a importância das políticas públicas que favoreceram os deslocamentos e permanência das entrevistas e suas famílias nos territórios.

É possível observar no percurso a importância das medidas adotadas a nível federal, como pudemos perceber através dos relatos sobre o processo de interiorização e de retirada de documentos (Entrevistadas I30; Y36 e L47, 2024).

Percebe-se também a importância das ajudas fortuitas e das redes no deslocamento das migrantes para que pudessem chegar ao seu próximo destino ou ao destino final, como podemos observar em todos os relatos das entrevistadas; desde as redes formadas pelo Pastor Luiz que auxiliou e orientou as entrevistadas até a chegada em Londrina, mais precisamente no Flores do Campo, até as situações relatadas pela entrevistada Y34 (2024) onde se refere a ação da motorista de aplicativo como “a menina era como se fosse minha família”; há ainda os relatos das entrevistadas Y36 e L47 (2024) onde relatam que migrantes auxiliaram com outras orientações sobre documentação e processo de interiorização; além do relato da Y36 (2024) onde migrantes ofereceram ajuda a ela na rodoviária em parte do seu deslocamento, mas que a mesma se sentiu insegura por estar com suas filhas e mãe

(um grupo de mulheres) e que mesmo os migrantes agindo de boa fé, a mesma se sentiu insegura em relação ao seu gênero.

Ao analisar os relatos das entrevistadas, é possível perceber a importância das ajudas fortuitas e das redes de apoio no processo migratório, que foram fundamentais para que essas mulheres pudessem chegar ao seu destino final. Desde o suporte fornecido pelo Pastor Luiz, que orientou e auxiliou as entrevistadas até a chegada em Londrina, especificamente na Ocupação Flores do Campo, até as pessoas e/ou instituições que cruzaram o caminho das entrevistadas.

Ao longo deste capítulo, os relatos mostram claramente como os percursos migratórios se realizaram, destacando as dificuldades, os riscos e ameaças enfrentados, bem como os dramas pessoais vividos por cada uma das entrevistadas. Essas histórias só puderam ser reveladas porque as pessoas se dispuseram a compartilhar suas experiências, permitindo-nos entender as nuances e os desafios do processo migratório. Sem ouvir os imigrantes, seria impossível apontar várias questões cruciais sobre esses processos.

As redes sociais migratórias que atuam no processo migratório venezuelano para o Brasil são diversas e compostas por diferentes atores. Além dessas redes estruturadas, como a do Pastor Luiz, os relatos também revelaram a importância das ajudas fortuitas que surgiram ao longo do caminho, proporcionando suporte crucial em momentos de necessidade.

No capítulo seguinte, será abordada a re-territorialização desses imigrantes em Londrina. Esta seção examinará como eles se estabeleceram na nova cidade, os desafios enfrentados na adaptação ao novo ambiente e as estratégias utilizadas para reconstruir suas vidas e comunidades em um novo território.

7. CONSIDERAÇÕES SOBRE A RE-TERRITORIALIZAÇÃO DOS IMIGRANTES VENEZUELANOS EM LONDRINA

O processo de reterritorialização dos migrantes venezuelanos em Londrina apresenta grande complexidade. Boa parte dessa complexidade se deve ao fato de muitos desses migrantes foram forçados a migrar em razão da desestruturação de suas vidas cotidianas em meio à crise humanitária em seu país de origem.

Conforme discutido por Rogério Haesbaert (2011), a re-territorialização é um processo que implica não apenas a reocupação de um novo espaço, mas também a reconstrução de laços sociais, culturais e identitários em um ambiente distinto do original. Considerando também as contribuições de Sayed (1988) e de Karla Brumes e Marcia Silva (2011), simultaneamente a essa reconstrução em um novo lugar, os imigrantes passam a vivenciar o desafio de sua condição ambígua (Sayed, 1988) como imigrantes e emigrantes que, nas condições do período atual e por meio das redes, buscam manter conexões com o território de origem. Particularmente os migrantes internacionais vivem então essa multiterritorialidade (Haesbaert, 2011).

Para os venezuelanos, a des-territorialização forçada – caracterizada pela ruptura abrupta de seu cotidiano no território de origem com desdobramentos em seu sentimento de pertencimento – intensifica as dificuldades de se estabelecerem em um novo contexto e de reconstruírem suas identidades. Haesbaert (2014) ressalta que "*a re-territorialização envolve um esforço contínuo de reconstituição de territorialidades afetivas e funcionais em novos espaços*", o que é particularmente desafiador para aqueles que enfrentam as adversidades próprias a um processo de migração forçada, a exemplo das que analisamos no capítulo anterior.

Entre as dificuldades enfrentadas pelos venezuelanos na re-territorialização em Londrina, destaca-se a precariedade das condições de moradia para aqueles que residem na ocupação irregular Flores do Campo. Conseguir abrigo, um local para morar é um dos desafios mais duros e fundamentais que imigrantes enfrentam. Sem um lugar para morar como reconstruir sua vida cotidiana? Com reconstruir vínculos e laços que são fundamentais na re-territorialização?

Se não encontrar alguma forma de vencer esses desafios não apenas dificultará que se logre algum grau de integração desses migrantes à nova sociedade,

mas também comprometerá a capacidade dessas pessoas de reconstruir uma vida digna e estável no Brasil.

A sobrecarga das infraestruturas locais, a falta de acesso a serviços básicos e a insegurança habitacional presentes na ocupação Flores do Campo são alguns dos problemas que serão analisados ao longo deste capítulo.

Um conjunto importante de atores que desempenham papéis relevantes no enfrentamento dos desafios mencionados, são aqueles que se articulam no contexto das redes de solidariedade que auxiliam no acesso a políticas públicas e serviços e prestam solidariedade aos venezuelanos em Londrina. Essas redes de solidariedade institucionais, da sociedade civil, de entidades religiosas e as redes migratórias compostas por redes interpessoais dos próprios migrantes, têm um papel fundamental em aliviar o peso dessa re-territorialização.

Enumerando algumas dessas redes que, concretamente estão atuando junto aos migrantes do Flores do Campo temos:

- A rede de solidariedade institucional, que também pode ser caracterizada como a parcela da rede socioassistencial de Londrina que se dedica de modo mais direto à assistência aos migrantes do Flores do Campo;
- As redes migratórias ligadas à igrejas,
- As redes de solidariedade formadas por grupos comunitários locais que têm se mobilizado para fornecer suporte material e emocional aos migrantes venezuelanos.

Essas redes não apenas oferecem recursos imediatos, como alimentos e abrigo, mas também promovem a inclusão social e a integração dos migrantes na sociedade local, tornando o processo de re-territorialização menos penoso. Através dessas ações solidárias, os venezuelanos encontram um suporte para enfrentar os desafios e reconstituir suas vidas em um novo território.

Portanto, este capítulo se propõe a explorar, as dificuldades específicas enfrentadas pelos migrantes venezuelanos no processo de re-territorialização em Londrina. Analisaremos como as condições de vida no Flores do influenciam a experiência desses migrantes e destacaremos o papel vital dessas redes de sociais migratórias presentes e atuantes na escala local.

Ao fazer isso, busca-se compreender de forma abrangente como esses migrantes estão reconstruindo suas vidas e identidades em um novo contexto geográfico e social.

7.1. A importância e a complementaridade das redes migratórias e de solidariedade no fluxo migratório venezuelano do Flores do Campo

As redes, migratória e de solidariedade, desempenham várias funções- chave nos fluxos migratórios. Primeiramente, elas funcionam como canais de comunicação e disseminação de informações entre os migrantes. Por meio dessas redes, os migrantes obtêm informações sobre oportunidades de trabalho, condições de vida, legislação migratória, formas de apoio disponíveis no local de destino, entre outros aspectos relevantes para seu deslocamento e sua adaptação.

No que concerne ao tema da informação, constitui uma variável-chave o modo como esta se dissemina. Tal processo é normalmente concebido por meio de redes, cujo grau de abrangência pode variar muito. Há redes circunscritas à círculos familiares, há outras mais extensas que perpassam informações a toda uma aldeia, e aquelas ainda maiores, que exercem impacto sobre toda uma região (Truzzi, 2008, p. 205).

Além disso, as redes fornecem apoio emocional, material e prático aos migrantes, oferecendo acesso a recursos e um senso de pertencimento e segurança durante a transição para um novo ambiente, ou seja, essas redes desempenham papéis importantes na efetivação do acesso a serviços básicos por meio do compartilhamento de recursos e informações. Por fim, as redes de migração podem influenciar na escolha do local de destino dos migrantes, pois geralmente preferem se estabelecer em áreas onde já existem conexões sociais e comunitárias estabelecidas assim como possibilidades de acesso a trabalho e habitação.

Em suma, as redes de solidariedade e as redes migratórias são fenômenos sociais que desempenham papéis distintos, mas complementares, nas interações humanas e nas dinâmicas sociais no contexto dos fluxos migratórios.

As redes de solidariedade têm como principal objetivo promover a cooperação, o apoio mútuo e o compartilhamento de recursos entre os instituições, grupos, movimentos sociais e indivíduos. Essas redes são fundamentais para fortalecer a coesão social, enfrentar desafios e adversidades, mitigar desigualdades e

promover o bem-estar coletivo e, em geral, reúnem migrantes e não migrantes. Elas podem surgir em diferentes contextos, como comunidades locais, organizações não governamentais e movimentos sociais, e têm como base a solidariedade, a cooperação e a responsabilidade mútua.

Por outro lado, as redes migratórias referem-se às estruturas sociais que conectam migrantes, suas famílias, amigos, vizinhos e comunidades de origem e destino e, em geral são pessoas envolvidas mais diretamente no processo de migração. Essas redes facilitam o deslocamento e a integração dos migrantes, fornecendo suporte emocional, compartilhamento de informações, recursos práticos e oportunidades de emprego e moradia. As redes de migração são formadas por laços de parentesco, amizade, conterraneidade, ou vínculos comunitários e culturais, e desempenham um papel crucial nos fluxos migratórios, influenciando escolhas de destinos, disseminação de informações e adaptação dos migrantes em novos ambientes.

Uma diferença fundamental entre as redes de solidariedade e as redes de migratórias é o seu foco principal. Enquanto as redes de solidariedade buscam promover a cooperação e o bem-estar coletivo em geral, independentemente do contexto específico, as redes de migração estão intrinsecamente relacionadas aos processos migratórios e ao deslocamento de indivíduos de um lugar para outro, “nesses termos, é sempre conveniente distinguir entre redes sociais e redes migratórias, as primeiras preexistindo e por vezes alimentando as segundas” (Truzzi, 2008, p. 207). Nesse ponto em que Truzzi se refere a “redes sociais”, entendemos que se aproximam mais das redes de solidariedade que estamos analisando.

Outra diferença importante é que as redes de solidariedade podem existir em diversos contextos, não necessariamente relacionadas à migração e, em geral, são pré-existentes aos fluxos migratórios. Elas podem surgir em comunidades locais para enfrentar desafios socioeconômicos, promover a inclusão social de grupos marginalizados, apoiar causas humanitárias ou defender direitos e justiça social. Por outro lado, as redes de migração são específicas para o contexto migratório, focando em aspectos como a disseminação de informações sobre oportunidades de emprego, suporte emocional e prático para migrantes, e a promoção da integração e da adaptação dos migrantes em novos ambientes.

Apesar dessas diferenças, as redes de solidariedade e as redes migratórias podem se sobrepor e interconectar em diversos casos. Por exemplo, as redes de

solidariedade podem se mobilizar para fornecer apoio e assistência a migrantes e refugiados em situações de crise humanitária ou deslocamento forçado. Por sua vez, as redes de migração podem fortalecer fluxos migratórios, conferir a eles certa continuidade e, nos lugares de destino permitir a coesão social em meio comunidades de acolhimento, contribuir para concentração espacial dos grupos étnicos derivados dos fluxos migratórios.

A combinação das interações entre as duas redes tem o potencial de incentivar a colaboração e intensificar interações e solidariedade entre migrantes e não migrantes.

7.2. A importância das redes sociais de imigração na re-territorialização dos imigrantes venezuelanos no Flores do Campo

A reconstrução das trajetórias dos migrantes permite a análise do perfil da população e de seu meio social. Além dos dados quantitativos há uma série de informações relativas à procedência dos migrantes participantes da pesquisa e que proporciona um conhecimento para além de um levantamento quantitativo.

No contexto da imigração venezuelana recente [2018 a 2023], entendemos as Redes Sociais Migratórias – como um conjunto amplo flexível de atores e ações interligados por conexões que se configuram no espaço e no tempo determinados pelo processo migratório.

Esse conjunto amplo e variável no tempo e no espaço pode articular em seu interior redes migratórias específicas tais como: redes interpessoais, redes de solidariedade institucionais e redes de solidariedade organizadas por atores da sociedade civil.

Redes na migração venezuelana para Londrina compostas por:

- Redes de Solidariedade Institucionais Internacionais: ACNUR, OIM e PNUD;
- Rede de Solidariedade Institucional Nacional: formada por atores nacionais ligados a estrutura à administração federal: Ministério da Defesa que mobilizou o apoio do exército e aeronáutica na construção de abrigos provisórios em Pacaraima e Boa Vista-RR, transporte terrestre e aéreo no contexto da política de interiorização, Ministério da Justiça e Segurança Pública que mobilizou, entre outros, a Polícia Federal e o CONARE;

- Redes de Solidariedade Institucionais Locais ou Regionais formadas por atores institucionais dos sistemas de apoio locais; particularmente as secretarias de assistência social ligadas a prefeituras em especial a estrutura dos CRAS; secretarias de saúde, entre outras.

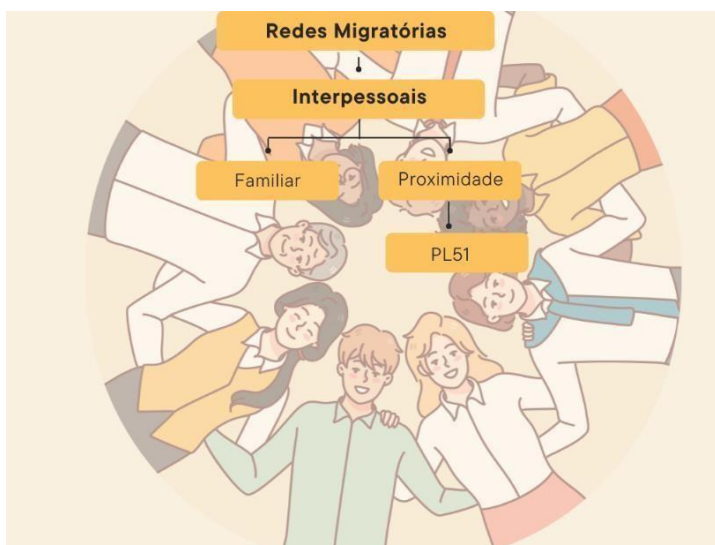
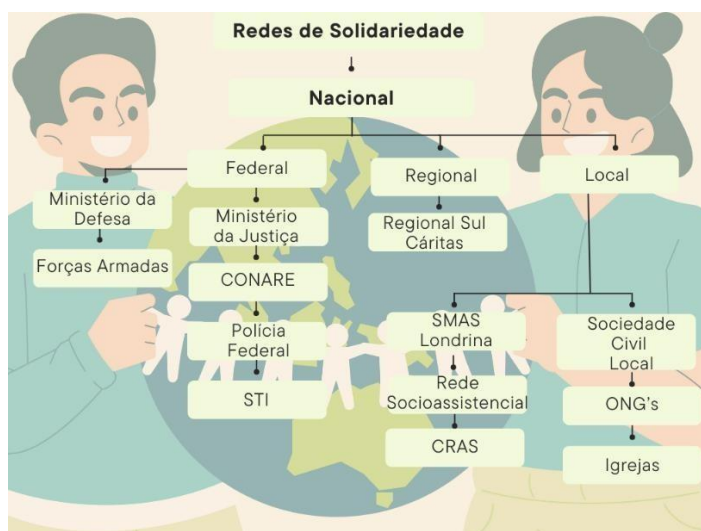
Rede de Solidariedade da Sociedade Civil, composta por

- Redes Migratórias ligadas a Organizações Religiosas formadas pela articulação de atores a partir de igrejas como a Igreja católica, em especial a Caritas, Igrejas Evangélicas, Pastores, entre outros;
- Redes Migratórias ligadas a Organizações da Sociedade Civil, tais como as (OSC) ou as Organizações Não Governamentais (ONG), a exemplo da Refúgio 343.

Redes Migratórias Interpessoais, compostas por

- Redes Migratórias Familiares compostas por pessoas ligadas por relações de parentesco
- Redes Migratórias de Proximidade formadas pessoas com laços de amizade, vizinhança, crença religiosa, em geral membros da mesma igreja, entre outros.

Figura 12, 13 e 14: Fluxograma dos tipos de redes categorizados de acordo com sua escala



Elaborado pela autora, 2024.

As redes de solidariedade têm um papel essencial na migração e reterritorialização dos migrantes. Em nível nacional, o Ministério da Defesa e as Forças Armadas fornecem suporte logístico e segurança, especialmente em situações de emergência humanitária. O Ministério da Justiça, através do CONARE e da Polícia Federal, é responsável pelo processamento de pedidos de refúgio e controle migratório, enquanto a STI (Secretaria de Trabalho e Inclusão) promove a inclusão social e econômica dos migrantes através de programas de emprego e capacitação. Essas instituições trabalham conjuntamente para assegurar que os migrantes recebam o apoio necessário ao longo de sua jornada.

Em um contexto regional, a Regional Sul Cáritas desempenha um papel fundamental ao fornecer assistência direta aos imigrantes e refugiados. Suas atividades incluem serviços de assistência social e programas de integração comunitária que auxiliam os imigrantes a se adaptarem ao novo ambiente, conforme a assistente social Ana Paula (2024) – colaboradora do Cáritas - nos explica que devida a demanda, existe o Programa de Migração e Refúgio que é uma parceria entre o Cáritas e a Prefeitura Municipal de Londrina. Em nível local, a Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS Londrina) coordena a rede socioassistencial, oferecendo apoio psicossocial, orientação e encaminhamentos para serviços essenciais. Os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) são pontos de apoio importantes, especialmente para famílias em situação de vulnerabilidade, fornecendo assistência contínua e recursos para ajudar na adaptação e integração dos imigrantes, conforme relatos do ex-educador social Jô e da técnica responsável pelo atendimento do território no CRAS, Patrícia:

Eu chego no Flores por intermédio do meu trabalho, eu fui educador dentro do programa Movimenta CRAS que é um programa de ações complementares do PAIF que é o Programa de Proteção e Atendimento Integral a Família que acontece no CRAS, dentro do CRAS acontece o atendimento das famílias dentro de uma perspectiva de prevenção e de enfrentamento de vulnerabilidade e de cidadania. Então a gente desenvolvia oficinas junto aos técnicos (assistentes sociais e psicólogos) de todos os territórios e entre esses territórios estava o Flores do Campo. Ai o Flores do Campo se apresenta com a realidade da migração. A partir dessa particularidade, a gente começou, eu junto da Patrícia a pensar ações que fossem direcionadas especificamente a essa população, pois nosso entendimento exigia deles e exigia de nós uma atenção mais focada, mais direcionada (Pereira, Jodair Moreno; Trabalho de campo 2024).

Nós temos a maior concentração, tem migrantes internacionais morando em outras regiões, mas essa é a maior concentração isso faz com que eu necessariamente busque mais saberes em relação a esses processos de atendimento (Campos, Patrícia Soares; Trabalho de Campo, 2024).

A sociedade civil local, ONGs e igrejas também desempenham um papel crucial na re-territorialização dos imigrantes em Londrina. Essas organizações oferecem apoio comunitário, assistência material e serviços de orientação e acolhimento, criando um ambiente mais inclusivo e solidário. No nível internacional, agências da ONU como ACNUR, PNUD e OIM proporcionam proteção, apoio ao desenvolvimento e gestão de imigrações, atuando tanto durante o percurso migratório quanto após a chegada dos migrantes. Esses esforços conjuntos garantem uma rede de suporte abrangente que ajuda a facilitar a transição dos imigrantes para suas novas vidas.

Além dessas redes de solidariedade, as redes migratórias e interpessoais desempenham um papel vital no processo de migração e re-territorialização. Redes familiares e de amigos próximos fornecem suporte emocional e prático, facilitando a chegada e adaptação dos migrantes ao novo ambiente. As ações do entrevistado PL51 foram e são fundamentais para a integração dos migrantes na comunidade local, oferecendo auxílio desde o deslocamento até a permanência dos imigrantes. Essas redes interpessoais ajudam a criar um senso de pertencimento e apoio contínuo, essencial para a re-territorialização bem-sucedida dos imigrantes em Londrina.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir essa pesquisa verificamos que algumas ideias iniciais sobre o fluxo migratório e a concentração de imigrantes venezuelanos na ocupação urbana Flores do Campo se confirmaram. Essas ideias iniciais se baseavam na evidente ligação entre as migrações e a crise venezuelana, mas ficavam muitas outras perguntas em aberto. Certas questões ainda precisavam de alguma resposta. Perguntas como porque vieram para Londrina, ou seja, como decidiram o destino de seu deslocamento e como foram parar no Flores do Campo?

Segundo a literatura geográfica mais recente sobre migrações muitas dessas respostas estariam ligadas as redes migratórias. As decisões individuais ou familiares dos migrantes, como por exemplo: quando, como, com quem e para onde migrar se misturam aos processos estruturais, de escala macro. Porém, verificamos que assim como relatado na bibliografia consultada, nem tudo se explica pelos processos estruturais de crise. A crise humanitária na Venezuela levou milhões de pessoas a deixarem o país em busca de melhores condições de vida. As razões para essa migração em massa incluem a escassez de alimentos e medicamentos, a hiperinflação, a violência, a repressão política e a deterioração geral das condições de vida. Mas, para saber mais profundamente sobre as combinações entre o macro e o micro (Brumes, 2013) é preciso ouvir os migrantes.

O percurso das venezuelanas entrevistadas desde seus locais de origem, passando pelo momento de atravessar a fronteira, pelos primeiros momentos no território brasileiro em Pacaraíma e Boa Vista-RR até chegar à Londrina foram arriscados, difíceis e cheios de desafios. Os relatos das entrevistadas demonstram diversas situações em que ocorreram ameaças de violência, o medo não conseguir atravessar a fronteira, de não saber para onde ir e como se abrigar e se alimentar, principalmente para mães que migraram com filhos pequenos. Para elas a vulnerabilidade se mostrou ainda maior.

Em relação ao objeto e aos objetivos da pesquisa que são entender de forma mais amplo como e o porquê de tantos venezuelanos virem para Londrina e, chegando aqui, se direcionaram para o Flores do Campo esse esforço de análise foi se tornando

possível com o auxílio dos conceitos de desterritorialização a partir de migrações forçadas, de re-territorialização (Haesbaert, 2011) e das redes migratórias (Brumes, 2013; Saquet, Monardo, 2008; Truzzi, 2008) e redes de solidariedade.

O direcionamento do fluxo migratório para a ocupação em Londrina é explicado pela interiorização no contexto da Operação Acolhida e pela junção dessas redes de solidariedade com a rede migratória do PL51. A Operação Acolhida, conduzida por diversos órgãos do governo brasileiro sob a coordenação do CONARE, foi uma resposta emergencial as potências e graves consequências do acúmulo de imigrantes em Pacaraima e Boa Vista, especialmente durante a Pandemia de Covid19. Essa chegada de muitas pessoas vindas da Venezuela ameaçou concretamente gerar um colapso nos sistemas de saúde locais e aumentar o número de mortes em decorrência da Covid19. É uma resposta humanitária que visa a recepção, proteção e integração dos migrantes e refugiados, principalmente venezuelanos, que chegam ao Brasil. Dentro da Operação Acolhida, a política de interiorização dos venezuelanos foi uma estratégia chave que redistribuiu os imigrantes pelo território brasileiro, direcionando-os para regiões onde pudessem ter algumas oportunidades de re-territorialização, por meio de reconstrução de suas vidas em termos sociais e econômicos. Em Londrina, esse processo foi fortalecido pela atuação das redes de solidariedade que incluem organizações locais, como a Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS), os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), ONGs e igrejas, que proporcionam o suporte necessário para os imigrantes se estabelecerem na comunidade local.

A rede migratória do entrevistado PL51 desempenhou e desempenha um papel fundamental nesse contexto, pois facilita o deslocamento dos imigrantes para Londrina. Essa rede, composta por contatos interpessoais e comunitários, oferece apoio emocional, orientação e recursos para os migrantes durante todo o percurso migratório. A presença de uma rede estabelecida, como a do entrevistado PL51, possibilita que os migrantes tenham um ponto de apoio seguro e confiável ao chegarem em Londrina, o que reduz as dificuldades de sua adaptação e integração.

Portanto, a junção das redes de solidariedade e das redes migratórias é crucial para o direcionamento do fluxo migratório para Londrina. A combinação de esforços entre a Operação Acolhida, as instituições locais e a rede interpessoal

possibilitaram um ambiente um pouco menos complicado para o processo de re-territorialização dos imigrantes, oferecendo um suporte abrangente desde a chegada até um início de integração na sociedade local.

Em decorrência de uma rede migratória interpessoal, que no caso é organizada pelo entrevistado PL51. Nos encontros realizados pelo ICC, através das entrevistas aplicadas e conversas informais, notou-se o protagonismo dessa rede que direciona e acolhe os migrantes venezuelanos no município de Londrina. Atuando em conjunto com as redes locais - rede socioassistencial do CRAS e outras ligas à sociedade civil – a rede interpessoal organizada por PL51 proporciona condições mínimas para a permanência dos imigrantes que aqui chegam.

Em relação ao processo de des-re-territorialização, o que se pode observar é que é crucial a participação das redes para que o imigrante sinta-se acolhido e ativo nesse processo de re-territorialização.

Assim como os conceitos de redes migratórias e redes de solidariedade, os conceitos de desterritorialização e re-territorialização elaborados por Rogério Haesbaert (2011), aplicados e adaptados para a situação de migração forçada e abrupta que caracterizou a saída dos migrantes venezuelanos de seu país, foram muito importantes para a pesquisa e para essa dissertação.

O processo de desterritorialização das pessoas entrevistadas se mostrou bastante intenso e muito ligado à crise humanitária na Venezuela. Porém, foram as situações individuais, as necessidades pessoais ou dos filhos, a família que levaram a decidir quando, com quem e para onde migrar. A desterritorialização que nesse caso foi a perda de vínculos cotidianos com o território de origem, praticamente impossibilitou, durante um período, o acesso a tratamentos de saúde, obtenção de alimentos e remédios, entre outras situações que era básicas para a própria sobrevivência. Os relatos mostraram muito bem isso.

O processo de re-territorialização, conforme o relato das pessoas entrevistadas, também se mostra difícil e cheio de barreiras. Embora existam as redes problemas como por exemplo, a barreira linguística e a xenofobia dificultam muitas situações práticas para essas pessoas. Atualmente, a maioria dos imigrantes residentes do Flores do Campo não possui um vínculo empregatício formal, muitos vivem de pequenos trabalhos intermitentes no mercado informal. A maioria dos chefes

de família, muitos dos quais são mulheres imigrantes, são beneficiárias de algum tipo de benefício tanto federal ou municipal. Esses benefícios são fundamentais para a sobrevivência, mas, com não são suficientes para uma estabilização financeira dos indivíduos.

O CRAS de referência da ocupação Flores do Campo une forças com outras instituições para que consiga auxiliar no processo de re-territorialização, entretanto é um desafio devido a densidade de imigrantes residentes naquele território.

A re-territorialização dos imigrantes em Londrina enfrenta condições materiais extremamente difíceis, caracterizando-se por ser segregada e precária. Apesar dos esforços das redes de solidariedade e de rede migratória, as limitações econômicas e estruturais impõem desafios significativos. Muitas vezes, os migrantes acabam residindo em áreas com infraestrutura insuficiente, acesso limitado a serviços básicos e oportunidades de emprego escassas, o que agrava sua vulnerabilidade social e econômica, como podemos observar nessa análise realizada sobre o Flores do Campo.

O Flores do Campo se configura como um aglomerado de re-territorialização precária para esses imigrantes. No Flores, a falta de recursos materiais e a segregação socioespacial são evidentes. As habitações são inadequadas, carecendo de saneamento básico, eletricidade e outras necessidades essenciais. Além disso, a localização da ocupação dificulta o acesso dos imigrantes a oportunidades de emprego, educação e serviços de saúde, perpetuando um ciclo de extrema pobreza e exclusão social.

Mesmo com todas essas dificuldades materiais, durante as entrevistas, as imigrantes relataram que, nesse momento, não pretendem retornar ao seu país. Algumas inclusive, como mostramos no capítulo 6 nos relatos de Y34 e R31, se esforçaram por trazer familiares ou se juntar aos que já estavam por aqui. Relataram que pretendem se estabelecer em Londrina.

A comunidade de venezuelanos do Flores do campo tem se organizado e busca conquistar sua permanência naquela localidade e transformá-la em um lugar seu. O relato de Jodair Moreno Pereira, educador e trabalhador da assistência social, que atuou e ainda mantém vínculo com as pessoas do Flores do Campo,

especialmente os migrantes, indica o interesse da comunidade em se organizar e se apropriar do novo território, de valorizar suas raízes culturais. Jodair contou que:

Hoje mesmo eu fui lá, tinha várias mulheres e elas estão se reunindo para fazer *arepas* que é um prato típico deles e eu acho que esse ponto sabe, eles estão encontrando dentro deles mesmos potências que vão pra frente e vão ser projetadas. Essas *arepas* tem potencial econômico, potencial criativo, elas são um reforço da vivência comunitária entre eles e isso é muito rico (Pereira, Jodair Moreno; Trabalho de Campo, 2024).

A produção coletiva das *arepas* relatada pelo entrevistado é uma manifestação ainda tímida de que o processo de apropriação do novo lugar, a reconstrução de vínculos comunitários e a manutenção de ligações com sua cultura original está acontecendo, mesmo que de forma inicial. O processo de des-re-territorialização dessas pessoas foi muito abrupto, intenso e recente.

O uso dos conceitos de des-re-territorialização e redes ajudou muito a compreender e explicar as migrações com mais profundidade e atenção às histórias de vida das pessoas. As redes de solidariedade, as redes migratórias interpessoais e as intervenções comunitárias ilustram como as conexões sociais e institucionais são cruciais para o apoio aos migrantes. Ao considerar essas redes, podemos captar a complexidade das experiências migratórias e reconhecer a importância do suporte contínuo e abrangente para a integração bem-sucedida dos migrantes, proporcionando uma visão mais humana e detalhada das suas trajetórias.

9. REFERÊNCIAS

- ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 15(3), n336, set-dez, p. 775-772, 2007.
- ACNUR. MJSP, ObMigra e ACNUR lançam em Brasília relatórios sobre o número e perfil de pessoas refugiadas no Brasil e no mundo. Disponível em < <https://www.acnur.org/portugues/2024/06/10/mjsp-obmigra-e-acnur-lancam-em-brasil-relatorios-sobre-o-numero-e-perfil-de-pessoas-refugiadas-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em 20 jun 2023.
- ONU Brasil. ACNUR: 6 fatos sobre os refugiados e migrantes venezuelanos. Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/82256-acnur-6-fatos-sobre-os-refugiados-e-migrantes-venezuelanos>>. Acesso em 20 jun 2023.
- BAENINGER et al. (Orgs.), **Migrações Sul-Sul** (2. Ed.). Nepo/Unicamp.
- BARDIN, Laurence. A análise categorial. In: BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977. p. 153-167.
- BARDIN, Laurence. Análise de discurso. In: BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977. p. 213-222.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF.
- _____. Decreto 86.715 (1981). Regulamenta a Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, que define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração e dá outras providências. Brasília, DF.
- _____. Lei 6.815 (1980). Estatuto do Estrangeiro. Brasília. DF.
- _____. Lei 9.199 (2017). Lei de Migração. Brasília. DF.
- _____. Lei 13.445 (2017) Esta Lei dispõe sobre os direitos e os deveres do migrante e do visitante, regula a sua entrada e estada no País e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o emigrante. Brasília. DF.
- _____. Câmara Legislativa. Projeto de Lei nº 5.655/2009. Brasília. DF.
- BRASIL. Casa Civil. A Operação Acolhida. Brasília. Casa Civil, 2022. Disponível em:<www.casacivil.gov.br>. Acesso em:02/05/2023.
- BICHARA, Jahyr-Philippe. Anteprojeto de lei de migrações e promoção dos direitos dos migrantes no Brasil : o tratamento jurídico dos refugiados e apátridas. **Revista de informação legislativa**; v. 53, n. 209 jan./mar., 2016.
- BRUMES, Karla Rosário; SILVA, Márcia da. A MIGRAÇÃO SOB DIVERSOS CONTEXTOS. **Boletim de Geografia**. Maringá, n. 1, v. 29, p. 123-133, 2011.
- BRUMES, Karla Rosário. Estudos sobre migrações: desafios, diversidades e evoluções. *Revista Eletrônica Leopoldianum*. Santos, n. 107-9(2013), v. 39, p. 13-30, 2013.
- CALDEIRA, T. M. **Cidade ocupada**: conflito fundiário de moradia urbana e a atuação dos movimentos sociais na ocupação Flores do Campo -Londrina -PR. 2019. 155 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Políticas Sociais) -Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.
- CATHCART, G. O petróleo e a crise venezuelana a partir de 2013(Trabalho de Conclusão do Curso de Relações Internacionais). Florianópolis: UFSC, 2018.
- CORAZZA, F. MESQUITA, L. “Crise na Venezuela: o que levou o país ao colapso econômico e à maior crise de sua história”. BBC Brasil [03/04/2018]. Disponível em: www.bbc.com. Acesso em: 10/06/2023.

- DELGADO, F. "Precisamos falar sobre a Venezuela: impactos petropolíticos e reflexos para o Brasil". FGV Sinergia, dezembro, 2017.
- DICIO. Significado de Estrangeiro. Disponível em < <https://www.dicio.com.br/estrangeiro/>> Acesso em 10 de nov de 2023.
- ENCUESTA NACIONAL DE CONDICIONES DE VIDA - **ENCOVI**, 2018. Venezuela. Disponível em: <https://www.proyectoencovi.com>. Acesso em: 10/04/ 2024.
- FARIAS FILHO, Milton Cordeiro; ARRUDA FILHO, Emílio J. M. **Planejamento da Pesquisa Científica**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2015, 157 p.
- FAZITO, Dimitri. A análise de Redes Sociais (ARS) e a migração: mito e realidade, 2002.
- FERREIRA, Aloysio Nunes. Projeto de Lei do Senado nº 288 (2013). Brasília, DF.
- GIL, C, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008, 200 p.
- GOMBATA, Marsílea. Chávez vence as eleições para presidente. **Hoje na história**. Disponível em <<https://www.fflch.usp.br/149042>> Acesso em 01 mai. 2024
- GONZÁLEZ, Marino J.; OSORIO, Elena Rincón. **Las condiciones de salud de los venezolanos: aportes de ENCOVI 2015**. p. 129-145, 2016.
- GORTÁZAR, N. G. "Êxodo venezuelano: Onde estão esses 7% de venezuelanos forçados a fugir?". El País [30/08/2018]. Disponível em: Acesso em: 27/04/2023.
- HAESBART, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, n. 17, v. IX, p. 19-46, 2007.
- HAESBART, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. 6 ed. Rio de Janeiro, 2011.
- HÜLSEMAN, Laura. América Latina vive momento de migração intensa; entenda o papel do Brasil. Disponível em < <https://www.ufrgs.br/humanista/2019/10/07/america-latina-vive-momento-de-migracao-intensa-entenda-o-papel-do-brasil/>> Acesso em 10/09/2023.
- ICMPD. Panorama da Migração Regional 2021 América Latina e Caribe. Disponível em < https://www.icmpd.org/file/download/51077/file/RMO_LAC_2021_PT_final.pdf> Acesso em 20/08/2023.
- ISMAEL, Vinicius de Paula *et al.* O crescimento da fome na Venezuela: a dependência econômica e o papel da ofensiva imperialista. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 21, n. 2, p. 124-135, 2023.
- KOHATSU, Lineu Norio; SAITO, Gabriel Katsumi; ANDRADE, Patrícia Ferreira de. IMIGRAÇÃO, MÍDIA E XENOFobia: A AMEAÇA IMAGINÁRIA EM QUESTÃO. Teoria Crítica, violência e resistência, p. 125-146, 2021.
- LEMES, João Ricardo *et al.* Perfil de imigrantes da região metropolitana de Londrina/PR. 1 ed. Cambé: UEL, 2020.
- LONDRINA, Prefeitura Municipal de. **IRSAS**. Londrina: Prefeitura Municipal de Londrina, 2019. Disponível em: <https://portal.londrina.pr.gov.br/menu-oculto-assistencia/irsas>. Acesso em: 1 jul. 2023.
- MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: Como Fazer e Como Pensar**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2022, 175 p.
- MENDES, D. F., & FERNANDES, D. M. (2021). Interiorização de Venezuelanos para Minas Gerais:: instituições que atuam em redes sociais. *Revista Brasileira De Sociologia - RBS*, 9(22), 222-245. <https://doi.org/10.20336/rbs.753>
- MENDES, F. L.; SILVA, C. A. B. da; SENHORAS, E. M. HISTÓRIA RECENTE DA VENEZUELA: CRISE E DIÁSPORA. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 10, n. 29, p. 118-137, 2022. DOI: 10.5281/zenodo.6534040. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/633>. Acesso em: 2 mai. 2024.

MENDES, José Sacchetta Ramos; MENEZES, Fábio Bensabath Bezerra de. Política migratória no Brasil de Jair Bolsonaro: “perigo estrangeiro” e retorno à ideologia de segurança nacional. **Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades**. Salvador, n. 247, mai./ago., p. 302-321, 2019. DOI: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2019.n247.p302-321>.

MOREIRA, Paula Gomes. **Imigração Venezuela-Roraima: evolução, impactos e perspectivas**. IPEA: 2021

Disponível

em:

<https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10418/1/Imigracao_Venezuela_Roraima.pdf>

OBMIGRA. Relatório Anual, 2020 – Resumo Executivo, p.3. Disponível em <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio-anual/2020/Resumo%20Executivo%20_Relat%C3%B3rio%20Anual.pdf> Acesso em 20/08/2023.

PAIQUERÊ. **Estado libera R\$ 6 milhões para o Flores do Campo, mas retomada das obras seguem indefinidas**. Londrina: Radio Paiquerê, 2021. Disponível em: <https://www.paiquere.com.br/estado-libera-r-6-milhoes-para-o-flores-do-campo-mas-re-tomada-das-obras-seguem-indefinidas/>. Acesso em: 1 mar. 2023.

PATARRA, N. L. “Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas”. São Paulo em Perspectiva, vol. 19, n. 3, 2005.

PEREIRA, Cícero Roberto; VALA, Jorge. Do preconceito à discriminação justificada. **In-Mind Português**, n. 2-3, vol. 1, p. 1-13, 2010.

Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe (usp.br)/ [apresentação Venezuela]. Disponível em: <https://sites.usp.br/portallatinoamericano/apresentacao>> acesso em 12/03/2024

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993, 269 p.

RIBEIRO, A. C. T. Sociabilidade, hoje: leitura da experiência urbana. **Caderno CRH**, v. 18, n. 45, 2005, p. 411-422.

ROCHA, Betty Nogueira. Tecendo os pontos da trama: o aspecto multiterritorial das redes sociais na migração, 2008.

ROTERMEL, A. T. *et al.* “Como começou a crise na Venezuela?”. Politize[10/01/2019]. Disponível em: <www.politize.com.br>. Acesso em: 01/05/2023.

SANTOS, B. B *et al.* A ocupação Flores do Campo: o acesso dos moradores aos serviços públicos e sociais do território e entorno. **Revista Observatório de La Economia Latinoamericana**, v. 21, n. 7, 2023, p. 7660-7682.

RUA, João. Paus-de-arara e pardais: o Brasil migrante em começos do século XXI. Disponível

em

<<https://catalogobib.parlamento.pt:82/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=91182&img=22083&res=150>> Acesso em 02 mai. 2024

SANTOS, F. M. dos. ANÁLISE DE CONTEÚDO: A VISÃO DE LAURENCE BARDIN. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 383-387, 2012. DOI: 10.14244/%19827199291. Disponível

em:


<https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291>. Acesso em: 2 abr. 2024.

SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. **Revista NERA**, n. 13, vol. 11, p. 118-127, 2008.

- SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- SENHORAS, E. M.; GAMA NETO, R. B. “Petróleo Como Arma De Poder: Uma contextualização Da Petrodiplomacia Venezuelana Nas relações Internacionais”. *Meridiano 47 – Journal of Global Studies*, vol. 10, n. 105, 2017.
- SILVA, V. L. A organização dos moradores e apoiadores da ocupação flores do campo, no município de Londrina-PR, na luta pelo direito à cidade. 2018. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) -Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018
- SOARES, Weber. **Da metáfora à substância**: Redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga. Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.
- SOUSA, Adriano Amaro de. Migração Sul-Sul, Espaço Geográfico e normas: as migrações latino-americanas para o Brasil no século XXI. *OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia*, v. 14, p. 636-646, 2023.
- TRINCA, D. Justicia social... Justicia territorial: ¿Un dilema sin resolver en Venezuela? **Perspectiva Geográfica**, 2013, 18(1), p. 117-140.
- TRUZZI, Osvaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, n. 20, vol. 1, p. 199-218, 2008.
- VALE, Ana Lia Farias; SAQUET, Marcos Aurélio; SANTOS, Roseli Alves. O território: diferentes abordagens e conceito-chave para a compreensão da migração. **Revista da Ciência**, n. 7, vol. 1, p. 11-26, 2005.
- VILLA, Rafael Duarte. Venezuela: mudanças políticas na era Chávez. *Estudos Avançados* [online]. 2005, v. 19, n. 55. Disponível em: <<<https://www.scielo.br/j/ea/a/Mw5r8NkmHmf5gMwGQfgwg3S/?format=pdf&lang=pt>>> [Acesso em 15/02/2024]
- WENDLING, K. C. da S.; NASCIMENTO, F. L.; SENHORAS, E. M. . A CRISE MIGRATÓRIA VENEZUELANA. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 8, n. 24, p. 01-14, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.5651479. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/500>. Acesso em: 2 mai. 2024.
- WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi. A (BIO)POLÍTICA MIGRATÓRIA BRASILEIRA ENTRE UTILITARISMO E REPRESSIVISMO: sobre a necessidade de suplantação da ideia de “segurança nacional” em busca da comunidade que vem. **Derecho y Cambio Social**. Lima, n. 2005-5822, jan., p. 1-34, 2015.

10. ANEXOS

ANEXO I

 Universidade
Estadual de Londrina

**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

Ofício nº 050 CCE/SPG/PPG.GEO

Londrina, 09 de agosto de 2023.

À

**SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL
GERÊNCIA DE GESTÃO DE INFORMAÇÃO**

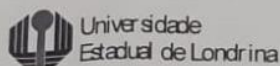
Eu, RAFAELA APARECIDA ESTRADIOTE, RG 109469351, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, matriculada sob o nº 202211520010, sob a orientação do Prof. Dr. Edilson Luis de Oliveira, RG 15702157-9, solicito à Secretaria Municipal de Assistência Social acesso aos dados do **Sistema IRSAS** para obtenção das seguintes informações:

- Quantidade de indivíduos que residem na **Ocupação Flores do Campo** de acordo com sua nacionalidade (migrantes e brasileiros) com indicação do país de origem informando o gênero, a renda e se recebem algum tipo de benefício seja de nível federal ou municipal.
- Quantidade de indivíduos imigrantes no município de Londrina, de acordo com o país de origem. Para essa solicitação requeremos também que seja informado o CEP dos indivíduos, para que seja possível georreferenciar os as informações. Ressaltamos que, por se tratar de dados sensíveis, **tais informações não serão representadas de modo a permitir a exata localização das pessoas**; o georreferenciado obtido será devidamente traduzido em representações temáticas que evidenciaram apenas a intensidade espacial do fenômeno, tais como gradiente de cores ou densidade de Kernel.

Campus Universitário: Rodovia Celso Garcia Cid (PR 445), km 380 - Fone (043) 371-4000 FAX - Fax 328-4440 - Caixa Postal 6.001 - CEP 86051-990 - Internet <http://www.uel.br>
Hospital Universitário/Centro de Ciências da Saúde: Av. Robert Koch, 80 - Vila Operária - Fone (043) 381-2000 FAX - Fax 337-4041 e 337-7495 - Caixa Postal 791 - CEP 86038-440

LONDRIINA - PARANÁ - BRASIL

Form. Código 11.764 - Formato A4 (210x297mm)



Os dados obtidos serão utilizados para elaboração e desenvolvimento da dissertação intitulada: ***Fluxos Migratórios Latino-Americanos em Londrina/PR: uma análise sob a ocupação Flores do Campo.***

Os resultados da pesquisa serão publicados, observando os princípios éticos da pesquisa científica e seguindo procedimentos de sigilo e discrição, sendo submetidos ao comitê de ética em pesquisa da Universidade Estadual de Londrina, garantindo assim o anonimato da identidade e proteção de dados sensíveis em todo o desenvolvimento da pesquisa.

Desde já agradecemos a colaboração e nos colocamos à disposição para eventuais esclarecimentos.

Rafaela Aparecida Stradiote

Mestranda

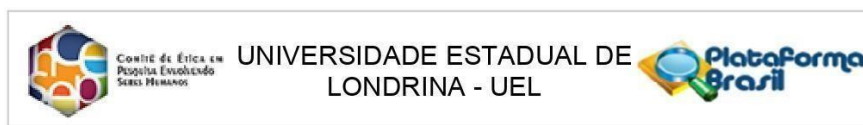
Prof. Dr. Edilson Luis de Oliveira

Orientador

Profa. Dra. Jeani Delgado P. Moura

Coordenadora PPGeo-UEL

ANEXO II

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: FLUXOS MIGRATÓRIOS LATINO-AMERICANOS EM LONDRINA/PR: UMA ANÁLISE SOB A OCUPAÇÃO FLORES DO CAMPO

Pesquisador: RAFAELA APARECIDA ESTRADIOTE

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 71370323.8.0000.5231

Instituição Proponente: CCE - Programa de Pós-graduação em Geografia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.322.400